

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA
(DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA)

CRIANÇAS E COMUNICAÇÃO ONLINE: PISTAS PARA UMA PREVENÇÃO PRECOCE DO RISCO

Marta Guerreiro Dias Neves

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção de grau
de Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

ORIENTADOR

Professor Doutor Gustavo Cardoso, Professor Auxiliar, ISCTE

CO-ORIENTADORA

Professora Doutora Cristina Ponte, Professora Auxiliar, FCSH – Universidade Nova de
Lisboa

Setembro de 2008

Agradecimentos

Os meus agradecimentos ao Professor Dr. Doutor Gustavo Cardoso e à Professora Dra. Cristina Ponte, meus orientador e co-orientadora, pelo apoio investido neste projecto; ao Professor Dr. Rui Brites, do ISCTE, pela sua disponibilidade incondicional; à Professora Dra.

Charo Sábada, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Navarra que tão espontaneamente respondeu às minhas solicitações; ao SAPO, da PT Comunicações, nas pessoas do Dr. Abílio Martins e do Eng. Bernardo Teixeira da Mota, incansável interlocutor.

Índice

1.	Introdução	1
2.	Enquadramento Teórico	2
2.1	Crianças e Internet	2
2.1.1	Acessos e Usos	2
2.1.2	Usos Preferenciais	3
2.1.3	Supervisão Parental e Segurança – o Caso Português	4
2.2	A Comunicação Online	6
2.2.1	Serviços de Mensagens Instantâneas e Salas de Conversação	7
2.2.2	Sites de Redes Sociais	8
2.3	Riscos e Oportunidades	9
2.3.1	Um Binómio Indissociável?	9
2.3.2	Riscos Online e Sociedade de Risco.....	10
2.3.3	Gerir um Dilema.....	10
2.3.4	Definições em Evolução.....	11
2.3.5	Proposta de Sistematização	11
2.3.6	Tipologias de Riscos Online.....	12
2.4	A Mediação Parental	13
2.4.1	Desafios	13
2.4.2	Especialistas Vulneráveis	13
2.4.3	Um Processo em Curso.....	14
2.4.4	Da Rua para Casa, da Casa para o Quarto.....	14
2.4.5	Invasões e Evasões	15
2.4.6	Que Estratégias de Mediação Parental?.....	15
2.4.7	A Aposta: Maximizar Oportunidades e Minimizar Riscos	16
2.5	Hipótese e Perguntas de Investigação	17
3.	Sujeitos e Procedimentos.....	17
3.1	Enquadramento Metodológico	18
3.1.1	Compilação dos Elementos Recolhidos	19
3.1.2	Crianças: Sujeitos ou Objecto?.....	19
3.1.3	Questões Éticas.....	20
3.2	Sujeitos	21
3.2.1	Idade, Género e Número.....	21

3.2.2	Uma Amostra de Conveniência	22
3.3	Procedimentos	24
3.3.1	Entrevistas: Desenho e Aplicação	24
3.3.2	A Entrevista – Materiais de Apoio à Investigação	25
4.	Investigação	28
4.1	Perfis em Panorâmica	29
4.1.1	A Iniciação ao Online	29
4.1.2	Usos Domésticos e Mediação Parental.....	30
4.1.3	Acesso, Uso e Mediação na Escola	32
4.1.4	Ambientes Familiares Face aos Media.....	33
4.1.5	Usos Mais Valorizados.....	34
4.2	Actividades Preferenciais Online	36
4.3	Identificação de Riscos Online	38
4.4	Phishing, Bullying/Stalking e Abuse: Situações Práticas.....	42
4.5	Edição de Perfil no Hi5	43
5.	Conclusões.....	47
6.	Referências Bibliográficas.....	51
7.	Anexos.....	53
7.1	Perfis Individuais dos Inquiridos.....	54
7.1.1	Henrique, 8 anos	54
7.1.2	Júlia, 8 anos	55
7.1.3	Madalena, 8 anos	56
7.1.4	Mário, 9 anos	57
7.1.5	Lúcia, 9 anos.....	58
7.1.6	Camila, 9 anos	59
7.1.7	Paulo, 10 anos.....	61
7.1.8	Luísa, 10 anos	62
7.1.9	Hugo, 10 anos	63
7.1.10	Patrícia, 10 anos.....	65
7.1.11	Diogo, 11 anos.....	66
7.1.12	Rafael, 11 anos	68
7.1.13	Cláudia, 12 anos	69
7.1.14	Francisco, 12 anos	70
7.1.15	Margarida, 12 anos	71

7.1.16	Nuno, 12 anos	73
7.1.17	Marco, 13 anos	74
7.1.18	Isabel, 13 anos	76
7.1.19	André, 13 anos	77
7.1.20	Laura, 13 anos.....	79
7.2	Materiais Criados para a Investigação	81
7.2.1	Questões para os Perfis Panorâmicos	81
7.2.2	Quadro de Identificação de Usos Online Preferenciais e Riscos Online.....	84
7.2.3	Riscos Online: <i>Phishing</i> , <i>Stalking/Bullying</i> e <i>Abuse</i> – Situações Práticas	84
7.2.4	Edição de Um Perfil de Hi5.....	87
7.3	Quadros de Apoio à Investigação	91

Resumo

No presente estudo procura-se abordar a questão dos riscos inerentes ao uso da Internet por crianças e adolescentes, dando especial enfoque aos que resultam do emprego de serviços de comunicação mediados por aquela tecnologia.

Neste âmbito, pretende-se averiguar em que medida o risco online a que as crianças estão sujeitas, é susceptível de ser minimizado mediante a promoção da literacia digital ainda em idades jovens (6, 7, 8 anos). Eis a hipótese de investigação consubstanciada em três perguntas focadas sobre a vertente comunicacional:

- Qual o relevo dado pelos mais novos ao Messenger, ao Hi5 e as salas de conversação abertas, no cômputo geral dos seus usos online?
- Qual a percepção do risco online que exprimem relativamente a cada um destes serviços de comunicação?
- Como lidam com as manifestações de risco específicas de cada um dos serviços de comunicação considerados?

Hipótese e perguntas de investigação determinam que se proceda a um adequado enquadramento teórico no âmbito do qual são disseminados conceitos como os de literacia digital, tipologias de riscos, mediação parental e escolar.

Nesta sequência, constitui-se uma estrutura metodológica consentânea com as pesquisas a implementar. Esta funciona como apoio e fundamento para elaborar e aplicar vários materiais que animam a componente empírica do projecto.

Da averiguação levada a cabo, resultam pistas que indiciam a relevância do investimento precoce nas literacias digitais, o que permite sustentar um modelo de utilização da Internet essencialmente centrado numa auto-regulação do risco pelos mais novos, pró-activamente participada por progenitores e família, educadores e professores.

Palavras-chave

Crianças e adolescentes, serviços de comunicação online, riscos online, literacia digital.

Abstract

Within the present study, an aim at getting closer to the risks of use of the Internet by children and teenagers has been made. Special attention is given to the ones that outcome from using communication services that are mediated by this technology.

Within this scope, it will be accessed how the on-line risk that children are exposed to may be minimized through the promotion of digital literacy at young ages (6,7,8 years). Here is the investigation hypothesis, in the form of three questions that focus on the communication side of the problem:

- What importance do youngsters give to services such as Messenger, Hi5 and open chat rooms, within the scope of their on-line habits?
- What on-line risk do they access in relation to each one of these communication services?
- How do they handle the specific risks of each one of the considered services?

Hypothesis and questions of investigation determine to proceed into an adequate theoretical frame, in witch digital literacy, risk typologies, parental and school mediation concepts are disseminated.

In this sequence, a methodological structure is built up in accordance with the researches to implement. This structure serves as support and fundament to the elaboration and application of several materials that animate the empirical component of the project.

From research that has taken place, a number of clues point towards the relevance of early investment in digital literacy. This leads to sustain a model of Internet usage centered mainly on a self-regulation of risk by the youngsters; witch is proactively participated by parents and family, educators and professors.

Keywords

Children and young people, online communication services, online risks, digital literacy.

1. Introdução

O presente trabalho sustenta um estudo exploratório, desenvolvido no âmbito dos usos da Internet por crianças e adolescentes, pondo a tónica nas condutas de risco e na promoção da segurança online, fundada em parte na literacia digital.

Sendo esta uma área de estudo emergente no panorama nacional (Ponte *et al.*, 2007) por um lado, e levando em consideração as lacunas aí identificadas, este estudo procurou reflectir sobre novos aspectos, articulando-os com abordagens metodológicas menos exploradas. Poder contribuir com leituras mais amplas sobre a realidade em análise, resume o desafio aqui assumido e que justifica os caminhos trilhados.

O enquadramento teórico do estudo assentou no tríptico crianças, Internet, risco. Neste âmbito, valorizou-se uma compreensão das crianças enquanto agentes activos que se apropriam dos usos online e os modelam à sua medida.

Perfilhou-se também uma abordagem de continuidade dos novos media face aos velhos media, pondo a tónica na diversificação em vez da sua substituição liminar. Neste âmbito, a Internet surge como um elemento entre muitos, integrado num processo de mudança social gradual e multidimensional, com expressões ao nível da família, do lazer, dos estilos de vida, da cultura de consumo dos jovens, no trabalho, na educação, e no processo de globalização (Castells, 2001; Drotner, 2000; Facer, Furlong, Furlong e Sutherland, 2003; Jenks e Prout, 2001, Livingstone, 2007:2-3). Por fim, as teorizações sobre risco e sociedade de risco preconizadas por Beck, formam a linha essencial de apoio ao ponderar as questões relativas ao risco online.

Entre os conceitos-chave convocados e trabalhados destacam-se os de literacia digital, prevenção do risco, fosso de conhecimentos digitais entre crianças e adultos, mediação parental e da escola dos uso e acesso à Internet, sites de redes sociais, salas de conversação, serviços de mensagens instantâneas, *bullying/stalking*, *abuse*, *phishing*. Para orientar a reflexão em torno dos mesmos, seguiu-se de perto o pensamento e o trabalho de Sonia Livingstone, Patty Valkenburg, David Buckingham, Danah Boyd, Gustavo Cardoso, Cristina Ponte.

Entre os aspectos caracterizadores do estudo em análise, sublinhe-se os relativos à metodologia definida e aos métodos postos em prática. Neste contexto, enveredou-se por um trabalho exploratório, ancorado numa metodologia qualitativa. Levou-se a cabo uma pesquisa empírica sustentada numa amostra singular, quer pelo número de elementos envolvidos, 20 apenas, quer pelos critérios da sua selecção, por conveniência e em obediência ao princípio da

bola de neve. Além disso, houve o interesse em incluir crianças e adolescentes na amostra, para se estabelecer o termo de comparação entre comportamentos e reacções dos dois segmentos etários face às mesmas situações. Tendo presente que os primeiros usos da Internet ocorrem cada vez mais cedo, procurou-se incluir também crianças a partir dos 8 anos de idade, opção que exigiu a ponderação de problemas éticos que o tratamento do risco online junto dos mais jovens suscita (Morrow e Richards, 1996; King e Churchill, 2000:710; Lobe *et al.*, 2007:19-20).

A composição mista da amostra (tanto quanto possível), foi outra variável que se quis observar, em nome de possíveis diferenças de comportamento entre crianças e adolescentes do sexo masculino e feminino nas relações que estabelecem com a Internet. As crianças e jovens intervieram como sujeitos activos e participantes. Nesse sentido, foram ouvidos sem mediações, pensando-se em conjunto com eles sobre os usos que dão à Internet e que mais valorizam, aquilo que identificam como sendo risco online, como o exprimem e como lidam com ele, como encaram a mediação exercida pelos pais e pela escola, etc.. Em articulação directa, por via dos métodos utilizados, pretendeu-se tirar o máximo partido desta colaboração pró-activa definida em jeito de co-autoria. Para o efeito, estruturou-se uma entrevista individual cujo guião previu diversos momentos para abordar os vários temas, empregando materiais específicos para cada um deles (alguns criados de raiz, outros replicados e adaptados de estudos congéneres), contemplando-se ainda espaços propícios para ouvir livremente os inquiridos sobre os aspectos em análise.

Desta conjugação de abordagens e de materiais, obtiveram-se os elementos a partir dos quais se trabalhou com vista a obter contributos para a questão de partida: Crianças online: fará diferença investir numa prevenção precoce do risco ou será esta uma relação sem rede?

2. Enquadramento Teórico

2.1 Crianças e Internet

2.1.1 Acessos e Usos

Num breve relance sobre o contexto europeu, o Eurobarómetro de 2006¹ indica que metade das crianças com menos de 18 anos navega na Internet, uso que se inicia cada vez mais cedo e que aumenta exponencialmente com a idade. Em termos percentuais, entre os 8-9

¹ Esta sondagem auscultou pais e outros adultos com a função de cuidadores de menores de 18 anos. Foram questionados sobre condições de acesso e uso próprios e das crianças, o que entendiam por riscos online e que regras definiam para o seu controlo.

anos, 55% dos meninos já acedem à Internet, em contraponto com 47% de meninas. Na faixa entre os 10-11 anos, ambos os valores crescem, situando-se à volta dos 70%. Entre os grupos etários mais velhos (12-13, 14-15 e 16-17 anos) atinge-se os 90% (Ponte *et al.*, 2007:5). Para os mais novos, a casa é o lugar de eleição para aceder à Internet; é também o espaço que oferece as melhores condições para o seu uso e para se exercer uma melhor supervisão parental (Livingstone, 30:2007).

No âmbito do estudo E-Generation², o seu inquérito presencial dá conta que metade dos jovens internautas começa a usar a Internet na escola (contra 35% que o fazem em casa), reforçando o entendimento de que a escola joga um papel decisivo no combate à info-exclusão (Cardoso *et al.*, 2007:391).

2.1.2 Usos Preferenciais

Sobre as utilizações online mais valorizadas por crianças e jovens, considerem-se elementos dos estudos UK Children Go Online³ e Mediapro 2006⁴. Ganham maior destaque as utilizações na rede que se relacionam com os trabalhos escolares, os jogos online, a comunicação e as várias formas que a pesquisa de informação pode assumir. Em contraponto, as actividades cívicas manifestam menos impacto e as criativas são bastante menos comuns do que aquilo que se poderia antecipar (Livingstone, 2007:33).

Em Portugal, de acordo com o estudo E-Generation, entre os usos mais populares salienta-se a recepção de mensagens de correio electrónico, a consulta de bibliotecas, enciclopédias, dicionários e atlas, assim como a pesquisa de informação para os trabalhos escolares (Cardoso *et al.*, 2007:391).

A vertente lúdica apresenta uma adesão mais baixa do que as anteriores. Sob este aspecto as preferências remetem para a navegação na Internet sem objectivos concretos e também para os jogos online. Ganham também especial importância os vários serviços que facilitem a comunicação com os pares. Os serviços de mensagens instantâneas são fundamentais, em especial o MSN. Ouvir rádio e consultar blogues também são práticas enfatizadas (Cardoso *et al.*, 2007:392).

² Estudo desenvolvido pelo CIES/PT.com que congrega dados sobre os usos da Internet por crianças em Portugal, entre os 8 e os 12 anos, obtidos por uma dupla via: através de um inquérito nacional realizado presencialmente, juntamente com outro, colocado online.

³ Pesquisa realizada no Reino Unido em 2004, junto de 1500 crianças e jovens, dos 9 aos 19 anos, e dos seus pais, focadas sobre a introdução da Internet nas casas de família. www.children-go-online.net

⁴ Projecto que averiguou o comportamento de crianças e jovens entre os 12 e os 18 anos em relação às novas tecnologias, realizado em 9 países europeus.

2.1.3 Supervisão Parental e Segurança – o Caso Português

Ao debruçar-se sobre a supervisão parental em relação ao acesso e usos da Internet pelos mais novos, o Eurobarómetro coloca Portugal entre os países cujos inquiridos menos referem estabelecer regras (indicado por 47% dos inquiridos nacionais, contra um máximo de 73% na Finlândia e um mínimo de 41% na Letónia). 37% dos inquiridos nacionais dizem saber a que entidade se dirigir para reportar conteúdos ilegais, o que vale a Portugal o 20º lugar. Sublinhe-se que sob este aspecto Portugal apresentou um dos maiores crescimentos relativos⁵.

O estudo comparativo entre Portugal, Polónia e Reino Unido⁶, dedicado à mediação dos progenitores sobre os filhos, evidencia um distanciamento considerável de Portugal em relação aos seus congéneres. Em relação ao uso da Internet pelos mais novos, Portugal é quem cresce mais em termos relativos, de 31% em 2003 para 38% em 2005. No entanto, mantém-se no final da tabela.

Sobre o domínio da Internet por parte dos inquiridos (adultos responsáveis pelos mais novos), 85% definem-se como iniciados ou utilizadores de nível intermédio.

De entre as regras de segurança sobre o uso da Internet transmitidas às crianças, Portugal é líder na imposição de limite de tempo como regra principal (60%). 51% dos inquiridos proíbem a visita de certos sites, e apenas 14% estabelecem o não fornecimento de dados pessoais como regra. A propósito do conhecimento e confiança nas capacidades dos mais novos para controlarem situações negativas, apenas 48% (de novo a percentagem mais baixa no cômputo dos três países) consideram que as suas crianças saberiam como lidar com uma situação desagradável quando estão online.

Entretanto, e à semelhança do panorama europeu, os dados do estudo Mediappro sobre Portugal revelam que o ambiente em casa é considerado mais livre do que o da escola, aspecto que vem ao encontro da identificada ausência de regras ou controlo efectivo do uso da Internet por parte dos pais, no espaço da casa de família. As restrições no acesso à Internet emanadas destes, prendem-se com o tempo passado online, mas não dizem respeito às actividades aí desenvolvidas⁷.

Descobre-se também um défice de conhecimento sobre questões de segurança na Internet por parte dos mais novos. Sintomático disso mesmo é o facto de os respondentes

⁵ Em 2003, Portugal ocupava o último lugar nesta questão, com 11% apenas.

⁶ Estudo realizado a partir dos dados do Eurobarómetro de 2006, pelo Projecto Europeu EuKidsonline.

⁷ 59% dos inquiridos respondem nunca ter sido proibidos de aceder a determinado site, e 44% indicaram que os pais permitiam até o contacto com estranhos online e 77% afirmam que nunca foram proibidos pelos pais de participar em salas de chat.

associarem a noção de risco apenas à possibilidade de serem enganados ao efectuarem compras online ou a vírus que podem afectar o computador.

Sobre os aspectos da supervisão parental em análise, o estudo E-Generation confirma com muito mais detalhe as tendências observadas. A aprendizagem do uso da Internet é indicada como um processo maioritariamente autodidáctico, daí que estes jovens se considerem os peritos em TIC em casa⁸. A possibilidade de receber vírus no computador (23,7%) ou mensagens de correio electrónico abusivas ou obscenas ou ainda spamming, também via email, são os riscos apontados pelos inquiridos. O tempo passado na Internet é motivo de discussão familiar para 44,8% dos jovens no inquérito online, sendo mais indicado por raparigas (47,2%) do que por rapazes (42,9%). Entre os mais novos, é mais baixa a percentagem de jovens que discutem sobre o tempo que passam online. “Isto poderá ser talvez resultado de um controlo paternal mais apertado, onde os pais podem impedir o acesso ao computador e à Internet” (Cardoso *et al.*, 2007:365).

O período do dia em que os inquiridos se ligam à Internet gera menos conflito que o tempo de uso, com os rapazes a indicarem ter mais discussões. O conflito parece ir descendo à medida que a idade dos inquiridos aumenta, o que faz pensar que é nas idades mais jovens que há maior controlo parental sobre os horários (Cardoso *et al.*, 2007: 366).

Em relação às formas de controlo parental identificadas, o que gera conflito diz respeito àquilo que os jovens fazem quando navegam na Internet. O maior controlo parental faz-se sentir junto dos mais novos, entre os 9 e os 12 anos, com os mais velhos, dos 16 aos 18 anos, a sentirem maior liberdade e autonomia (Cardoso *et al.*, 2007:367).

Perguntar directamente aos jovens o que estão a fazer, é a forma de vigilância mais comum (Cardoso *et al.*, 2007:369). Neste contexto, as raparigas parecem ser objecto de uma vigilância um pouco mais apertada que os rapazes⁹

De resto, são bastante diminutas as percentagens em que outras formas de controlo parental se apresentam. Neste sentido, 7,1% dos inquiridos afirmam que os pais se sentam ao lado do computador e só 6,8% indicam que os pais ajudam a navegar. 11,2% relatam que os progenitores estão presentes na mesma sala quando estão ligados à Internet. Em contraponto, 53,6% dos jovens afirmam que os pais não fazem nada, uma percentagem significativa¹⁰. As percentagens que remetem para a vigilância e para a ajuda parental aumentam nos inquiridos

⁸ Uma tendência observada entre os inquiridos do inquérito presencial.

⁹ 41,8% das raparigas afirmam que os pais vão olhar, contra 35,3% dos rapazes.

¹⁰ Contudo, o estudo acrescenta que “Isto não deve ser equacionado com a ausência de controlo por parte dos pais destes inquiridos” (Cardoso *et al.*, 2007:369).

mais jovens e descem à medida que os inquiridos são considerados mais velhos (Cardoso *et al.*, 2007:369).

Entre as proibições mais relevantes estão as compras (41,4%) e a revelação de informações pessoais (38,9%); segue-se a proibição para descarregar ficheiros. 43% declaram não ter qualquer proibição. O estudo observa diferenças de tratamento em função do sexo, com as raparigas a serem um pouco mais advertidas pelos pais para não fazer compras (43,3%) nem dar informações (42,9%), em comparação com os rapazes (40% e 35,8%, respectivamente) (Cardoso *et al.*, 2007:361). São também mais os rapazes que declaram não ter qualquer proibição (44,9%) do que as raparigas (40,7%). Ainda em relação às proibições, observa-se mais uma vez uma estratificação por idades, com os mais novos a ter menos liberdades.

2.2 A Comunicação Online

Estar em contacto permanente com os pares (Clark, 2003), assegurar uma interacção em tempo real com os denominados “existing friends” (Valkenburg *et al.*, 2007), constitui a mais-valia essencial da Internet para crianças e jovens na actualidade. Os adolescentes são os utilizadores por excelência da Internet, quem mais recorre às tecnologias da comunicação online e quem despende mais tempo a navegar (Valkenburg *et al.*, 2007:3).

Contudo, a função desempenhada pela Internet para os mais novos tem vindo a modificar-se (Valkenburg *et al.*, 2007): o entretenimento e a pesquisa de informação, actividades tidas como fundamentais por volta de 1999 (Valkenburg *et al.*, 2001), foram ultrapassados pela comunicação interpessoal enquanto uso predominante na actualidade (Valkenburg *et al.*, 2007:3).

A valorização da vertente comunicacional da Internet escapa aos adultos ¹¹ (Livingstone, 2004:12). Focando a atenção nos usos socialmente aprovados e desejáveis para o online, sob a perspectiva dos mais velhos, é notória a tendência para superlativar a aprendizagem e a educação como as grandes oportunidades franqueadas pela Internet. É nesta dupla utilização que os pais sustentam a razão de ser para o investimento num acesso à Internet no espaço doméstico. Ancorada nestas mesmas vertentes, muitos governos têm gizado amplos planos de intervenção na área tecnológica em anos recentes (Livingstone *et al.*, 2004:405). Contudo, na perspectiva de crianças e adolescentes, são bem mais aliciantes os usos ligados à comunicação como o correio electrónico, os serviços de mensagens

¹¹ “Although online talk can appear spectacularly vacuous to the adult observer, for young people it is a highly social activity much valued by their peers (...)”.

instantâneas, salas de conversação e mais recentemente os sites de redes sociais (Livingstone *et al.*, 2004:406).

2.2.1 Serviços de Mensagens Instantâneas e Salas de Conversação

Identificar os aspectos em que serviços de mensagens instantâneas e salas de conversação convergem e divergem, permite reunir pistas explicativas da adesão que o MSN suscita em tão ampla escala, e os motivos para a perda de terreno dos chats abertos (Ponte *et al.*, 2007:10) no conjunto geral dos serviços de comunicação mediados pela Internet.

Apesar de ambas as tecnologias propiciarem um mesmo tipo de comunicação síncrona, as salas de conversação abertas propiciam frequentemente uma interação anónima entre parceiros desconhecidos. Os sIM envolvem o inverso, uma comunicação não anónima entre pares que já se conhecem (Valkenburg *et al.*, 2007). Grinter e Palen referem que enquanto o chat é mais usado para criar relações, os sIM são tipicamente empregues para manter relações (2004), com Peter e Valkenburg a sustentarem ponto de vista idêntico (2007:12)¹². O estudo UK Children Go Online reitera idênticas conclusões, ao referir-se às interações estabelecidas com os “local friends” como as preferenciais, acompanhadas pelo reduzido interesse em contactar estranhos (Livingstone, 2007:7).

O estudo E-Generation evidencia a grande amplitude que assume o uso dos serviços de mensagens instantâneas como o Messenger no contexto nacional (Cardoso *et al.*, 2007:392): os inquiridos mais velhos são os seus maiores utilizadores; já entre os respondentes mais novos o uso do MSN tende a descrever. Não se verificam grandes discrepâncias em termos de género. “Os seus usuários recorrem a esses serviços diariamente ou com bastante regularidade e comunicam essencialmente com os seus amigos ou pares que conheceram em contextos fora da rede. Estes sIM são utilizados por uma fracção relevante de inquiridos para combinar encontros, o que releva formas de interação entre o que se passa online e o que se passa offline” (Cardoso *et al.*, 2007:393).

Um estudo de caso numa região de Espanha (Bringué *et al.*, 2007), atribui ao chat e ao Messenger o segundo lugar no âmbito das utilizações mais valorizadas pelos inquiridos entre os 10 e os 13 anos, não se verificando diferenças de utilização em razão do sexo, contrariando a tendência geral que dá a supremacia da utilização destes meios de comunicação às raparigas.

¹² O IM é mais frequentemente usado para comunicar com os designados “existing friends” enquanto o recurso a conversação em salas de conversação abertas é mais comum para comunicar com estranhos (Peter e Valkenburg, 2007:12)

No âmbito de outra investigação que tomou a realidade espanhola no seu todo (Garitaonandia *et al.*, 2007), é corroborado o protagonismo do Messenger no cômputo geral das utilizações com maior relevância online para adolescentes entre os 12 e os 17 anos. Fernández e Sala reiteram como o MSN é o serviço de Internet mais empregue pelos jovens (2007:73)¹³.

A diferença substancial entre chat e Messenger, segundo Prestes reside no nível de privacidade e veracidade da informação trocada durante a interacção (2005). Com o MSN é evidenciada a capacidade de se controlar o inesperado¹⁴. O anonimato que o chat promove, é aqui contornável, pois conhece-se a identidade do interlocutor na medida em que os contactos fazem parte de uma lista prévia do utilizador.

O MSN, tal como chat, constitui uma companhia onnipresente. No entanto, sublinha Prestes, o primeiro proporciona uma maior privacidade e intimidade¹⁵ e promove espaços reduzidos de intercâmbio: “Más que de exploración, se trata de intercambio, presencia, compañía permanente”. Dar aos adolescentes a possibilidade de manter um contacto permanente com os seus pares é essencial entre outros aspectos para aquilo a que o autor apelida de construção da identidade adolescente enquanto tal.

Da caracterização geral dos chats e do tipo de comunicação que fomentam, são evidentes os perigos que daí podem decorrer como os contactos indesejáveis, o poder de viciar que lhes é inerente, o facto de propiciarem o anonimato do interlocutor e o seu pseudo-anonimato (Turkle:1995), a extrema facilidade em aceder a conteúdos pornográficos e em invadir a privacidade de terceiros (Fernández, 2006:19-54).

2.2.2 Sites de Redes Sociais

Nos últimos anos, de entre o manancial de serviços de comunicação disponíveis para criar e manter relações interpessoais através da Internet, assistiu-se à emergência dos chamados sites de redes sociais (Valkenburg *et al.*, 2006:3). “Such sites have rocketed from a niche activity into a phenomenon that engages tens of millions of Internet users”, chamam a atenção Lenhart e Madden (2007). Desde o seu surgimento, SRS como o Facebook, Bebo, Cyworld, têm atraído milhões de utilizadores que os integraram nas suas práticas quotidianas (Boyd *et al.*, 2007). Segundo Boyd e Ellison, a maior parte dos sites de redes sociais sustentam relações

¹³ “mas incluso que la propia navegacion por la Red. Es el más popular, del que más hablan entre ellos y com el que más «hablan», porque lo usan com mucha frecuencia”.

¹⁴ “No es controlable lo que el otro pueda decir o hacer, pero sí de quién queremos recibir o no comunicaciones, para quién estar disponible”.

¹⁵ “Más que abrir al mundo impersonal, a la exploración como el chat, habilita a la conexión con los contactos, a dar señales de presencia en el espacio psicosocial de la Red”.

sociais preexistentes. Esta é uma das dimensões que diferencia os SRS de outras formas iniciais de comunicação pública mediada por computador como os newsgroups (Boyd *et al.*, 2007). Perfis, listas e comentários, são os aspectos que estruturam o conceito de redes sociais: “We define social network sites as web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of other users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system. The nature and nomenclature of these connections may vary from site to site” (Boyd *et al.*, 2007).

Danah Boyd emprega a expressão “social network sites” em vez de “social networking sites” para enfatizar a articulação de redes online e offline¹⁶, encarando-os como a última geração daquilo que apelida de “mediated publics”.

O extraordinário impacto produzido por estas tecnologias sociais na vida dos mais novos tem conduzido à reflexão e estudo de variadas questões conexas como a alteração das noções de vida pública e privada (Boyd, 2007), a avaliação dos níveis bem-estar e a auto-estima dos utilizadores mais novos dos sites de redes sociais (Valkenburg *et al.*, 2006).

2.3 Riscos e Oportunidades

2.3.1 Um Binómio Indissociável?

Enquanto utilizadores por excelência das novas tecnologias, os mais novos levam até aos limites as suas experiências na Internet:

- Se por um lado aderem em primeira mão às actividades da rede e tiram partido das extraordinárias oportunidades que esta oferece, por outro protagonizam o confronto com situações online inesperadas e negativas, com as quais se vêem obrigados de lidar e para as quais podem nem sequer estar preparados (Livingstone, 28:2007). Eis o verso e reverso deste binómio riscos/oportunidades, aspectos que se apresentam indissociáveis. Tal como numa relação directamente proporcional, quem tire mais vantagens das oportunidades, está de imediato mais exposto a situações arriscadas (sendo o contrário igualmente válido).

Como sintetiza Livingstone, “The more children and young people experience the one, the more they also experience the other, and vice-versa” (2007:11).

¹⁶ “What makes social network sites unique is not that they allow individuals to meet strangers, but rather that they enable users to articulate and make visible their social networks (...). On many of the large SNSs, participants are not necessarily “networking” or looking to meet new people; instead, they are primarily communicating with people who are already a part of their extended social network. To emphasize this articulated social network as a critical organizing feature of these sites, we label them “social network sites”.

2.3.2 Riscos Online e Sociedade de Risco

Neste contexto das oportunidades e dos riscos associados ao uso da Internet pelas crianças, a autora chama a atenção para o alarmismo público que tende a instalar-se: “Each new form of online activities brings a renewed wave of public anxiety and, indeed, genuine risk” (2007:35). Numa tentativa de compreender a origem deste estado de ansiedade pública face aos riscos online, importa chamar à colação o conceito de risco, defendido por Ulrich Beck, “... a systematic way of dealing with hazards and insecurities induced and introduced by modernization itself” (1992:21) e os contornos que, no entendimento do autor, assume a sociedade de risco: “A new twilight of opportunities and hazards comes into existence” (1992:15). Segundo Beck, as mudanças sociais contemporâneas em curso, determinam que a sociedade foque a sua atenção e preocupações sobre os problemas que resultam do desenvolvimento técnico-económico em si mesmo, numa perspectiva específica: “Questions of the development and employment of technologies (...) are being eclipsed by questions of the political and economic “management” of the risks of actually or potentially utilized Technologies” (1992:19).

2.3.3 Gerir um Dilema

A gestão dos riscos online a que estão sujeitas as crianças, levanta dilemas a pais e reguladores em geral, sobretudo quando as plataformas de acesso à Internet se multiplicam e os serviços e conteúdos disponíveis não param de se expandir. Como já se observou, o alargamento das oportunidades sugere a concomitante multiplicação dos riscos. Do mesmo modo, restringir acesso e o uso da Internet reduz não só os riscos mas também as oportunidades. Mesmo que se desenvolva um uso da Internet especialmente centrado nas oportunidades ou se invista na literacia digital (duas áreas-chave a promover), em nenhum dos casos é possível neutralizar ou evitar o risco por completo¹⁷.

Todavia, mais do que o uso, o não uso da Internet configura o maior dos riscos a considerar, sublinham Vieira e Ponte (2007:13). Depor uma tecnologia que franqueia as portas à troca de informação e demais valências numa escala global, equivaleria a promover a info-exclusão, a aprofundar o fosso de conhecimentos digitais e todas as consequências associadas a uma literacia digital deficiente.

¹⁷ Livingstone refere como a idade influi directamente sobre as oportunidades, mas apenas se faz sentir indirectamente sobre os riscos, porque mediada por outros factores: “Older teenagers do more things online because they are older, but the reason they specifically encounter mores risks online is because they tend to have better access, to use the Internet more and/or to have greater online skills.” (2007:11).

Como certa afigura-se a necessidade de os mais novos correrem alguns riscos no âmbito da utilização das actividades tidas como perigosas aos olhos dos seus cuidadores (Livingstone 2007:36). Esta vivência é essencial para que crianças e jovens desenvolvam competências e lastro crítico para lidar com potenciais riscos a que as suas descobertas futuras na rede possam conduzir.

2.3.4 Definições em Evolução

Acompanhando a natureza própria da Internet, os conceitos de risco e oportunidade apresentam-se fluidos e em permanente revisão, estando longe de alcançar uma definição consensual aos olhos de filhos e pais. A pertença a redes sociais, a disponibilização online de informação pessoal, o acesso a salas de conversação ou o descarregamento de ficheiros de música são exemplos de utilizações online especialmente valorizadas pelas crianças. Porém, segundo pais e adultos em geral, estas mesmas actividades evidenciam-se sobretudo pelo seu cariz arriscado (Livingstone, 2007:36; Hasebrink *et al.*, 2007:6).

O que os mais novos valorizam na Internet e aí procuram, é na prática uma réplica do que já acontece no ambiente offline, reflectindo por isso uma realidade que já existe. A principal diferença, observa Livingstone, reside na dimensão que tudo agora toma na rede, “Online such practices may be amplified spread, manipulated or shared in ways that are easier and quicker than offline, and also unexpected in their consequences because of the social-technological infrastructure of the Internet” (2007:35).

2.3.5 Proposta de Sistematização

Como o intuito de reflectir sobre os riscos online, sistematizáveis em várias categorias, neste trabalho adoptou-se o modelo organizativo ensaiado no âmbito de um projecto de pesquisa a nível europeu¹⁸ (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 1).

Averiguar que processos conduzem a diferentes riscos, constitui o seu ponto de partida. Nesta linha, relacionam-se as motivações que geram situações arriscadas com os vários papéis que a criança pode assumir enquanto utilizadora da Internet. A coluna em que se perfilam os papéis dos mais novos online associa o item “conteúdos” à criança como receptora dos mesmos; também relaciona “contactos” com a criança na qualidade de participante (com os seus pares /comunicação interpessoal). Por fim, o item “conduta” considera a criança como actor (que oferece conteúdos ou interage através de contactos pessoais na rede). A coluna dos

¹⁸ Este modelo é replicado do estudo Comparing Children’s Online Activities and Risks across Europe A Preliminary Report Comparing Findings for Poland, Portugal and UK, (2007:9).

“motivos que conduzem a riscos” (situações potencialmente problemáticas), elenca quatro categorias gerais: interesses comerciais, agressão, sexualidade e valores/ideologia. As 12 células da figura estão preenchidas com exemplos de riscos específicos que podem ser suscitados a partir da relação entre a motivação e o papel da criança.

2.3.6 Tipologias de Riscos Online

A partir do modelo sistematizador de riscos online acima descrito, procedeu-se a uma breve caracterização das seguintes situações arriscadas na rede: *bullying/stalking*, *phishing*, e *abuse*¹⁹.

O *bullying*²⁰ assim como a sua variante, o *stalking*, configuram a transposição para a rede de um fenómeno há muito difundido num registo offline. A tecnologia agora disponível concorre apenas para ampliar os seus efeitos negativos. A agressão em sentido lato é a motivação que desencadeia os comportamentos em análise. Os mais novos, tanto se podem perfilar como vítimas das duas formas de risco em questão (enquanto participantes, face a um contacto estabelecido por terceiros online), como enquanto actores, ou seja, os agentes provocadores de situações de risco em apreço.

Sob a designação genérica de *abuse*, consideram-se as várias questões de risco online a nível sexual como o grooming, predadores online, acesso a material pornográfico, conteúdos ilegais e ilícitos para menores. Neste âmbito as crianças são susceptíveis de assumir o estatuto de vítimas e/ou de actores. Sendo a sexualidade e as formas que pode tomar online a motivação base, a criança pode surgir na condição de receptor de conteúdos que encontre no âmbito da sua navegação pela rede; de participante, reagindo à tentativa de interacção estabelecida através do contacto online por terceiros ou ainda como produtor/difusor de conteúdos na Internet.

O *phishing*²¹ pode envolver os mais novos na qualidade de participantes, face a um contacto estabelecido por terceiros através da rede, tendo por base uma motivação de natureza comercial.

¹⁹ Estas categorias de risco online foram objecto de análise no âmbito da componente empírica deste trabalho.

²⁰ “Being cruel to others by sending or posting harmful material or engaging in others forms of social cruelty using the Internet or other digital technologies. Cyberbullying can take different forms (...): flaming, harassment, denigration, impersonation, outing and trickery, exclusion e cyberstalking” (Willard, 2007:206-7).

²¹ O *phishing* traduz-se no roubo de dados pessoais financeiros, como o número do cartão de crédito, o código do cartão de débito, ou elementos pessoais de acesso a contas bancárias por exemplo. Dadas as circunstâncias ocorre menos entre os mais novos. Não obstante, há adolescentes que fazem compras online e usam cartões como forma de pagamento das suas transacções (Willard, 2007:286).

2.4 A Mediação Parental

2.4.1 Desafios

Os riscos online e o desafio de os minimizar prende-se com questões como a literacia digital, menos efectiva nos adultos, e frequentemente valorizada nos mais novos para lá da justa medida. Contende também com a dificuldade em exercer uma mediação sobre o acesso e uso da Internet pelas crianças, cada vez mais exigentes, quer em casa quer na escola. Nesta linha, abre-se caminho para o debate sobre o exercício da autoridade parental, no contexto de um paradigma da família democrática. Ligados a este último aspecto, emergem mais temas como o direito das crianças à sua privacidade e à sua livre expressão em potencial conflito com o direito/dever de as proteger que recai aos adultos enquanto seus responsáveis. Face à multiplicidade de factores em relação directa entre si, importa reflectir sobre cada um deles e definir em que medida cada qual concorre para a criação de um campo propício ao desenvolvimento de riscos online.

2.4.2 Especialistas Vulneráveis

Na esfera de interesses comerciais, de políticas governamentais ou mesmo ao nível da educação, tornou-se um lugar comum apelidar crianças e jovens de “geração digital” (Buckingham 2006:1)²², entendimento tanto mais enfatizado se se estabelecer o termo de comparação entre a destreza digital manifestada por adultos e crianças. Prensky distingue os “digital natives” dos “digital immigrants” (2001), reflectindo as diferenças fundamentais que separam duas gerações, fundadas na relação que estabelecem com as novas tecnologias. A maior confiança que os filhos em regra manifestam nos seus conhecimentos online, em contraponto com as experiências digitais menos intensas dos progenitores, justifica a menção de um fosso geracional entre si (Livingstone *et al.*, 2006:104).

Menos enfatizadas, e no entanto existentes, são as vulnerabilidades que as crianças dão sinal na sua relação com as TIC: face ao desafio de aproveitar o que de melhor a Internet oferece, evitando os seus problemas, os mais novos exprimem diferentes níveis de confiança e de competências (Livingstone *et al.*, 2003; 2006:107). Demonstram dificuldades em encontrar a informação que procuram, apresentam limitações ao nível da respectiva literacia digital. Além disso, por desenvolver estão ainda as capacidades para avaliar criticamente os conteúdos online e assim distinguir as informações fiáveis das que não o são. Sobre o

²² Segundo Buckingham, este fenómeno é “a consequence of adults’ fears about the escalating pace of social change and their anxieties about a loss with the past”. Ainda sobre a noção de geração digital, o autor acrescenta, que “clearly runs the risk of attributing an all-powerful role to technology” (2006:11).

contexto português, Ponte e Vieira reiteram a mesma perspectiva: “por um lado (...) com conhecimentos tecnológicos superiores aos dos adultos que os rodeiam; por outro como um colectivo vulnerável, imerso num crucial, mas frágil processo de desenvolvimento social e cognitivo, no qual os meios de comunicação, e concretamente a Internet pressupõem um risco potencial” (2007:5).

2.4.3 Um Processo em Curso

Ao ponderar a introdução da Internet na vida familiar, a maioria dos progenitores confrontam-se com uma dualidade de valorações, observa Livingstone (2006:95). Se por um lado esta tecnologia se perfila como promotora da educação dos filhos, simultaneamente pode ser encarada como fonte de perigos para os mais novos ao nível do seu uso (Facer *et al.*, 2003; Livingstone, 2002; Turow e Nir, 2000). Tais reservas serão tanto mais hiperbolizadas pelos pais quanto estes menos dominarem a Internet de igual para igual com as suas crianças. O desequilíbrio de forças entre pais e filhos, ao nível da experiência online, vem apenas dificultar a mediação parental sobre o acesso e uso da Internet, tornada entretanto num membro incontornável das famílias.

2.4.4 Da Rua para Casa, da Casa para o Quarto

A ocorrência de profundas mudanças tecnológicas e sociais que se cruzam entre si, permitem encontrar as raízes para o cenário descrito (Livingstone, 2005:4). A tendência para a crescente privatização das fontes de lazer tende a coincidir com o movimento de deslocação do público para o privado, mais precisamente para o espaço da casa (Hill and Tisdall, 1997). Aquilo que se perdeu da relação de rua, entretanto parece recuperar-se na vida dos lares. Estes transformam-se a breve trecho num atractivo espaço saturado de media, emergindo o modelo da “media-rich home” (Livingstone 2007:8), dando azo a uma cultura individualizada do uso desses media (Livingstone, 2007:4). O mesmo fenómeno é identificado na realidade portuguesa. Gustavo Cardoso confirma que “A casa (...) nos vários quadrantes da sociedade portuguesa, é o local privilegiado das actividades relacionadas com os media” (2007:416)²³.

²³ Em relação directa com o declínio da cultura de rua, algo mais generalizado em centros urbanos acompanhado pelo movimento de retirada para casa a que se soma ainda a tendência para o mitigar do convívio familiar tradicional. (Cardoso *et al.*, 2007:415- 416). Este aspecto pode relacionar-se com a individualização cada vez maior das ofertas dos media (por exemplo através da opção multicanal por cabo), seja pela multiplicação de aparelhos físicos em diversos lugares da casa, seja pela implementação de uma noção de família estruturada segundo princípios de natureza democrática.

Articulada com as movimentações anteriores, dentro de casa dá-se ainda uma retirada estratégica dos mais novos, em especial dos adolescentes, para os seus quartos, redutos de privacidade onde a saturação dos media se replica (ou onde apenas se verifica) explicando o modelo de “media-rich bedrooms” (Livingstone, 2002). Gustavo Cardoso chama a atenção para o facto de neste espaço mais privado os jovens concentrarem um conjunto de práticas em simultâneo relacionadas com a apropriação que fazem dos vários media. Além disso, segundo o autor, “A maior centralidade do quarto representa também o espaço de autonomia onde as regras e o controlo parental é mais mitigado ou mesmo anulado” (Cardoso *et al.*, 2007:416). Rompaey e Roe resumem esta ideia ao considerarem que os quartos das crianças se estão a transformar ilhas multimedia através das quais as crianças se evadem da vida da família (Livingstone, 2005:16).

2.4.5 Invasões e Evasões

O contexto de uso da Internet anteriormente descrito coloca dois interesses em choque: a responsabilidade dos progenitores pela segurança dos mais novos face à crescente independência das crianças que tentam preservar a sua esfera de privacidade²⁴. Um clima de desconfiança mútuo propicia uma espécie de dança táctica: enquanto os pais invadem, os filhos evadem-se, jogando muito a seu favor a maior experiência online que dispõem para despistar os progenitores. “Parents and children are positioned as opponents in a struggle rather than in cooperation to resolve an externally generated problem – a risk technology”, adverte Livingstone (2006:106). Assim, é deitada por terra a possibilidade de discussão necessária entre pais e filhos para se aceitar um estilo de regulação mais aberto e baseado na cooperação entre todos.

2.4.6 Que Estratégias de Mediação Parental?

Algumas estratégias de mediação parental ensaiadas pelos pais, estão a ser reeditadas a partir de modelos aplicados a outros media (a televisão em particular); outras estão a emergir de raiz. Todavia, as especificidades da Internet (face às quais pais e filhos denotam diferentes interesses e registos de conhecimento) colocam crianças e progenitores em diferentes pontos de partida, exigindo este facto soluções diversas. Livingstone identifica três opções, cujo sentido reflecte de algum modo a questão do digital divide entre gerações. Uma “restrictive guidance” é a forma mais assertiva de condicionar o acesso ao online, através da limitação do

²⁴ As crianças não gostam de partilhar com os pais as experiências online que mais valorizam e que em geral mais receios levantam junto destes ao nível da segurança online, observa Livingstone (2004:27).

tempo passado online, instalando software, mantendo passwords secretas, bloqueando ou banindo actividades que são mais comuns e favoritas das crianças.

Uma “unobstrusive monitoring”, menos directa, traduz-se na colocação do computador num lugar público de passagem da casa, verificando os pais ocasionalmente o que as crianças estão a fazer, através da visita ao historial de sites visitados registados em cache. Uma terceira abordagem, designada “benign neglect”, ou seja, a ausência de qualquer estratégia, pressupõe a ausência de monitorização ou envolvimento dos progenitores em relação ao que as suas crianças fazem online. Os adultos invocam a sua falta de conhecimentos para as acompanhar, dispensando pouca atenção aos seus comportamentos na rede.

2.4.7 A Aposta: Maximizar Oportunidades e Minimizar Riscos

Equilibrar o binómio risco/oportunidade, diminuindo o primeiro ao máximo e propiciando o mais possível o segundo, é um desafio que diz respeito a muitos actores. Contudo, toca de forma imediata às crianças na qualidade de utilizadoras privilegiadas do online. Diz também respeito aos pais, enquanto agentes da supervisão no espaço doméstico onde este uso se revela mais profícuo e rico em significados.

Na modernidade tardia, Giddens (1991) e Beck (1992) defendiam que o modelo de relações de poder no seio da família teria mudado de um conceito de autoridade e hierarquia geracional para uma relação mais democratizada e igualitária. Esse primeiro modelo tende aos poucos a ceder lugar, ainda que com lutas pelo meio, dando prioridade a uma relação entre pais e filhos, baseada na confiança e negociação e mediada pelos direitos, com enfoque para os direitos das crianças. Segundo Livingstone, esta é a ocasião ideal para que a regulação parental origine um incremento na melhoria das relações familiares, mais até do que responder a um risco externo (2006:109).

Na óptica de Ponte e Vieira, mais do que impor restrições o caminho equilibrado implica uma mediação parental apoiada num entendimento partilhado e negociado²⁵ (Ponte, *et al.*, 2007:12). Contudo, alerta Livingstone, enveredar pela solução nos moldes sugeridos, pode tornar ainda mais complicada a definição da linha que separa riscos de oportunidades online. (2007:36).

²⁵ “É necessário colocar os riscos decorrentes do uso da Internet em destaque e oferecer uma valoração equilibrada dos diferentes enfoques que podem ajudar os pais e outros adultos a enfrentar esta questão de forma construtiva, em vez de se tomarem medidas de tipo restritivo ou limitativo.” (Ponte, *et al.*, 2007:12).

2.5 Hipótese e Perguntas de Investigação

Decorrente do enquadramento teórico exposto, desenvolveu-se a componente empírica do estudo, tomando como ponto de partida a hipótese de investigação, segunda a qual o risco online a que as crianças se expõem ao utilizar a Internet, poder ser minimizado através da promoção da literacia digital em idades bastante jovens (6, 7, 8 anos). A sua averiguação conduziu a um desdobramento num conjunto de questões centradas nos moldes em que a mediação parental/escolar se exerce sobre crianças e adolescentes:

- Sob o ponto de vista da prevenção do risco online, será mais vantajoso iniciar-se o uso da Internet em idades mais jovens ou mais velhas?
- Quem exerce maior influência sobre as crianças mais novas da família, os pais ou os irmãos mais velhos?
- Quem se coloca em situações mais arriscadas na rede, os filhos mais novos ou os mais velhos?
- A mediação parental exerce-se de forma mais efectiva e intensa sobre os filhos mais novos ou os mais velhos?
- O controlo sobre o acesso e uso da Internet é maior em casa ou na escola?

Refira-se ainda que os mesmos aspectos essenciais do risco online e da sua prevenção, ao serem também equacionados no âmbito dos serviços de comunicação mediados pela Internet, levaram à formulação de três perguntas de investigação:

- Qual o relevo dado pelas crianças ao Messenger, ao Hi5 e a salas de conversação abertas, no cômputo dos seus usos online, por um lado; qual a percepção do risco online que os mais novos exprimem relativamente a cada um destes serviços de comunicação e como lidam com as manifestações de risco online específicas de cada um deles.

3. Sujeitos e Procedimentos

O actual capítulo é dedicado aos aspectos metodológicos da pesquisa. Neste âmbito, realiza-se um prévio enquadramento do estudo nas correntes teórico-metodológicas que dominam esta área de investigação, justificando as opções tomadas. Segue-se uma apresentação dos sujeitos participantes e dos procedimentos realizados, expondo as especificidades de uma abordagem centrada na criança, desde a constituição do grupo de inquiridos às circunstâncias em que decorreu esse envolvimento, passando pela ponderação de

considerações de natureza ética que uma averiguação sobre usos da Internet por crianças e riscos daí derivados pode implicar.

3.1 Enquadramento Metodológico

A moldura metodológica do presente estudo, constitui uma expressão do paradigma interpretativo-compreensivo, ancorado numa linha reflexiva post-positivista (Guba, 1990; Reichardt e Rallis, 1994). Este fundo metodológico explica a opção por uma metodologia empírica de cariz qualitativo (Morgan, forthcoming; Campbell e Holland, 2005; Neuman e Kreuger, 2003) concretizada num estudo exploratório²⁶, desenvolvido a partir de entrevistas individuais, semi-conduzidas²⁷. Neste contexto, foram empregues vários materiais e formas de interacção como métodos consentâneos com um trabalho a realizar a partir de uma amostra de conveniência, obtida por efeito de bola de neve (Lobe *et al.*, 2007:7-11). O caminho assim trilhado considerou-se o mais ajustado para uma área em que imperam os estudos quantitativos (em detrimento dos qualitativos) e que não se compaginam com a identificação e a recolha de elementos próprios das interacções das crianças com a Internet e as TIC em geral (Livingstone, 2003: 157-8).

Ainda em abono da metodologia qualitativa, evidencie-se a vantagem do contacto directo com as crianças, acompanhando a suas experiências, ouvindo a sua voz, sem mediações (Buckingham, 1993), tomando-as como informadores-chave (Darbyshire, Macdougall *et. al.*, 2005). É essa promessa de riqueza na forma de apreender elementos num campo delicado que coloca os mais novos, como sujeitos, no centro da reflexão²⁸. Sublinhe-se por isso, mais uma vez, que na abordagem ensaiada, as crianças surgem como agentes de direito próprio (em detrimento da sua conceptualização como elementos passivos e vulneráveis), sem no entanto se sobrevalorizar desnecessariamente a sua sofisticação enquanto usuários das novas tecnologias (Livingstone, 2007:3).

²⁶ A natureza exploratória do projecto revelou-se a opção mais ajustada face aos meios logísticos e ao tempo útil para investigar.

²⁷ As entrevistas individuais foram substituídas por entrevistas em grupos de 2 a 3 elementos.

²⁸ Sobre esta abordagem centrada na criança, Livingstone evidencia como “This regards children as active and interpretative agents, albeit varying in competence according to age (or psychological development), who appropriate and shape the meanings and consequences of the “new” through a series of well-established social and semiotic practices (...). We need an account of the changing conditions of the childhood, together with an analysis of how children play a role (...) in establishing the emerging uses and significance of the Internet” (2007:3).

3.1.1 Compilação dos Elementos Recolhidos

Considere-se algumas soluções logísticas desenvolvidas Antes de mais, a interacção entre investigadora e crianças foi registada em cassette com auxílio de um pequeno gravador, tendo sido a informação obtida sistematizada em fichas de transcrição individuais.

As entrevistas foram ainda compiladas para se obter uma visão das tendências do grupo face a cada assunto versado (*vide* Perfis em Panorâmica - Ponto 4.1). Estas serviram ainda para traçar o perfil de utilizador da Internet de cada entrevistado (*vide* Anexos, Perfis Individuais dos Inquiridos, Ponto 7.1).

Acrescente-se ainda que os dados obtidos através dos diferentes exercícios e materiais de apoio foram organizados numa bateria de quadros e gráficos que suportam a exposição empírica (*vide* Anexos, Ponto 7.3).

Por fim, dadas as contingências temporais, não é exacto designar a observação efectuada de “etnográfica”. Contudo, algumas das suas marcas foram seguidas: assim, após cada entrevista tiraram-se notas relacionadas com as reacções das crianças, o contexto em que estas foram encontradas, a presença de outros elementos da família e o ascendente manifestado ou não, assim como as impressões intuitivamente mais marcantes nestes breves contactos.

3.1.2 Crianças: Sujeitos ou Objecto?

Uma das questões inicialmente levantadas prendeu-se com a definição do lugar que as crianças deveriam ocupar num estudo sobre a infância (Morrow e Richards, 1996; King e Churchil, 2000), (*vide* Ponto 3.2.2). Segundo determinadas correntes, aos mais novos cabe o estatuto de simples objecto do estudo. Enquanto isso, outras adoptam uma formulação que os investe de um papel participante (Christensen e James, 2000; Neil, 2005), e os integra como pares na própria investigação.

Recorrer a adultos responsáveis pelas crianças é uma opção viável que se salda pela simplificação de processos, seja no levantamento de informação, seja em termos logísticos e que não levanta os problemas éticos inerentes à interacção directa com os mais novos. A desvantagem reside no modo como os cuidadores perspectivam a infância e os seus contextos, e como, ao transmitir os seus pontos de vista, podem inadvertidamente fazê-lo de forma menos fidedigna (Lobe *et al.*, 2007:17). Daí que alguns autores cada vez mais defendam que se dê uma voz às crianças (Buckingham, 1993; Mahon, Glendinning *et al.*, 1996; Morrow e

Richards, 1996; Greig e Taylor), abrindo campo para uma inclusão equilibrada de adultos e crianças em estudos desta natureza²⁹.

A sobrevalorização do estrito trabalho desenvolvido com crianças, também não garante o retorno de resultados fiáveis. Para estes casos, Marlene Barra (2004:89) alerta para a necessidade de a atenção do analista ser redobrada³⁰.

Face às vantagens e fragilidades encontradas, na pesquisa em análise atribuiu-se o papel de informadoras-chave às crianças, integrado no contexto de uma relação activa com a investigadora. Na linha de outros autores (Graue e Walsh, 1998; Livingstone e Lemish, 2001), prevalece a ideia de que a criança é capaz de transmitir dados relevantes, desde que se saiba ouvi-la, interpretando, sem adulterar, os elementos recolhidos. Esta poderá então constituir a opção mais enriquecedora.

3.1.3 Questões Éticas

No presente tópico consideram-se os princípios éticos estruturantes que nortearam a concepção e execução da componente empírica deste estudo, sob influência directa do projecto UK Children Go Online³¹. O respeito pelas crianças e a salvaguarda dos seus direitos individuais, são a dupla crucial nesta investigação, como se depreende da enunciação dos princípios seguidos.

- Benefícios e finalidades subjacentes ao trabalho: neste âmbito, procedeu-se a uma ponderação dos benefícios reais que os mais novos retirariam deste estudo³².
- Estrutura do trabalho: foi concebida para ser maleável e passível de alterações, caso os interesses das crianças assim o determinassem.

²⁹ Qvorturp (1995), ao contribuir com uma caracterização da nova sociologia da infância, põe em relevo um conjunto de aspectos base que justificam o protagonismo a reconhecer às crianças. Na mesma linha, Darbyshire, Macdougall e Shiller (2005: 417:436) fazem idêntica apologia das crianças como agentes activos nos processos de investigação, dando espaço e atenção às suas interpretações e pensamentos em vez de considerar apenas o entendimento que os adultos fazem das suas vidas.

³⁰ “(...) a distorção dos seus pontos de vista é encarada como uma forte possibilidade, assim como a intromissão nas suas vidas lhes poderá causar angústias e embaraços que poderão não ser de forma nenhuma visíveis pela investigadora ou expressáveis pela criança. Da mesma forma, os métodos que se opta por utilizar podem conter falhas que, enviesando os resultados de uma investigação, poderão encorajar crenças equivocadas e consequentemente políticas disruptivas”.

³¹ Pesquisa realizada no Reino Unido em 2004, junto de 1500 crianças e jovens, dos 9 aos 19 anos, e dos seus pais, focadas sobre a introdução da Internet nas casas de família. www.children-go-online.net

³² Nestes termos, levou-se em consideração o fim a que se destinam as conclusões alcançadas.

- Avaliação de custos da investigação para a integridade (emocional) das crianças: este foi um cuidado constante, o de tentar perceber se valeria a pena abordar determinados temas sensíveis, sobretudo com os mais novos³³ (Morrow e Richards, 1996).
- A franqueza e a disponibilidade: na interacção directa com as crianças no terreno, foi crucial dar sinais claros de estar sempre disponível para as ouvir com seriedade e aceitar as respostas, observações e outras manifestações sem preconceitos nem pré-juízos (sobre o que seria correcto ou errado) (Paus-Hasebrink, 2007).
- Anonimato e confidencialidade: houve ainda que garantir às crianças o cariz anónimo e confidencial no tratamento dos dados recolhidos (Lobe *et al.*, 2007:20).
- O princípio da reciprocidade: beneficiar da informação fornecida pelas crianças, sem dar nada em troca, reforçaria o sentimento de privilégio e superioridade associados ao adulto que investiga. Em última instância, a reciprocidade orientou o rumo da investigação para que os melhores interesses das co-autoras deste trabalho, as crianças, viessem sempre em primeiro lugar, em relação aos demais aspectos em contenda (Lobe *et al.*, 2007:20).

3.2 Sujeitos

3.2.1 Idade, Género e Número

A pesquisa empírica pressupôs a participação activa de um grupo de 20 crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos. Em nome da composição da amostra mais conveniente para o trabalho, foram criados dois grandes segmentos etários: o de 8-10 anos e o de 11-13 anos. Cada segmento compreendeu 10 elementos. Este número foi alcançado a partir da reunião de quatro elementos por cada segmento etário específico (ou seja, 4 elementos de 8 anos, 4 de 9 anos, 4 de 10 anos e assim por diante, até aos 13 anos).

Além disso pretendeu-se uma composição mista (2 elementos do sexo feminino mais 2 elementos do sexo masculino) em cada um destes segmentos etários específicos. Uma análise por género revela-se pertinente para avaliar em que medida crianças e adolescentes de diferentes sexos manifestam comportamentos diferentes nas formas de apropriação da Internet, tomando opções online em moldes distintos, dando a sua preferência a diferentes programas, serviços e ferramentas etc. (Valkenburg *et al.*, 2001:654). Na prática, no segmento dos 8-10 anos incluíram-se 6 crianças do sexo feminino mais 4 crianças do sexo masculino. O segmento 11-13 anos integrou 4 adolescentes do sexo feminino e 6 adolescentes do sexo masculino.

³³ Assim, a validade da sua participação dependeu do seu consentimento inequívoco manifestado, fundado numa vontade esclarecida, longe de constrangimentos (Barra, 2004:87; Lobe *et al.*, 2007:20).

Procurou-se também confirmar em que termos os usos online seriam susceptíveis de variar em função da idade (Lobe *et al.*, 2007:18-19). Houve também uma aposta intencional na inclusão de crianças mais novas na amostra, contrariando a tendência generalizada pela investigação que evita envolver determinadas faixas etárias devido a dificuldade e problemas éticos inerentes à abordagem de temas melindrosos ou desconfortáveis para estas.

As opções expostas permitem uma avaliação homogénea dos diferentes grupos ao nível do desenvolvimento cognitivo e psicológico, bem como do grau de literacia digital que é susposto apresentarem. Procura-se, assim, ultrapassar um erro metodológico comum em diversos trabalhos e que consiste em desvalorizar a recolha e interpretação de dados relativos à idade e género.

3.2.2 Uma Amostra de Conveniência

A amostra utilizada foi criada e cresceu por efeito de bola de neve, tomando forma e obedecendo a um estrito critério de conveniência. Este foi assumido desde o planeamento do projecto, por questões de economia de tempo e de meios disponíveis para levar a cabo a investigação.

A partir de contactos directos e indirectos, estabelecidos apenas por via de círculos de relações pessoais, profissionais e académicas da investigadora, identificaram-se os 20 inquiridos. A ponte com estes estabeleceu-se sempre através dos pais.

Em termos práticos a amostra em causa poderá fornecer um retrato aproximado da classe média portuguesa. A distribuição geográfica dos inquiridos circunscreveu-se a centros urbanos do litoral (Lisboa e Faro). As entrevistas sucederam-se às horas e nos dias ajustados às ocupações dos entrevistados, entrando por isso pelas noites e pelos fins-de-semana adentro, durante o mês de Abril de 2008.

A propósito das questões éticas levantadas neste estudo, reitere-se que se procedeu de modo a que a colaboração de pais e filhos se manifestasse de forma informada e voluntária. Com esse intuito, após um contacto prévio por telefone ou pessoalmente com os pais, foi-lhes enviado por email um documento escrito expondo o trabalho a desenvolver, os seus objectivos, a abordagem prática e logística planeadas, contextualizando a importância da participação activa dos respectivos filhos. Em relação às crianças, num momento inicial, os pais expuseram-lhes esta informação e procuraram avaliar o interesse (ou a falta dele) em integrar o grupo de respondentes.

Já em situação de conversa com cada uma das crianças, e com o intuito de esclarecer qualquer dúvida relacionada com projecto em curso e o desafio desta participação, foram de

novo explicitados os seus aspectos fulcrais numa linguagem perceptível em função da idade e da maturidade dos interlocutores, para lhes dar oportunidade de levantar alguma dúvida ou objecção. Este foi um aspecto ponderado e assim salvaguardo em nome das questões éticas já mencionadas. De igual modo, no início de cada interacção com as crianças, ficou claro que teriam todo o direito de não responder às perguntas (validando o *Não sei*), e a liberdade absoluta para cessar a sua colaboração a qualquer momento e de ir embora sem terem que dar justificações. Estas indicações foram sublinhadas, tanto mais que o tema dos riscos online contende com questões melindrosas e desconfortáveis para os mais novos.

Foi-lhes ainda garantido que toda a informação que viessem a partilhar, desde as vivências online às suas opiniões, não seria sujeito a qualquer juízo de valor por parte de quem as registaria e as trabalharia. No mesmo sentido, assumiu-se para com elas o compromisso de reserva da privacidade e total anonimato em relação a tudo o que se passasse no decorrer da respectiva participação neste estudo³⁴.

Reitere-se que, às crianças foi-lhes conferido o estatuto de co-autoras, lado a lado com a investigadora. Na prática elas “vestiram” essa pele com naturalidade. Nalgumas situações, houve pais que fizeram saber da adesão entusiasta dos filhos perante a possibilidade de participar no projecto³⁵.

Além disso, por diversas vezes, no fim das entrevistas, os inquiridos exprimiram satisfação por terem participado naquele momento. A garantia prévia de que seriam ouvidos e levados a sério, valorizados pelos seus pontos de vista, terá jogado em favor desta postura (pois foi esclarecido que não se esperava ouvir deles respostas certas ou erradas).

Sendo o período de interacção efectiva com as crianças e jovens limitado a uma sessão de entrevista, procurou-se tornar este momento o mais rico possível no que respeita a esta troca em que, por um lado, os mais novos forneciam a substância do trabalho *versus* atenção dada ao que diziam, a seriedade com que as suas experiências foram compiladas, a valorização dos seus pontos de vista sem qualquer sujeição a juízos preconcebidos. Uma vez terminada a entrevista, para além dos agradecimentos pela participação, a entrevistadora

34 Assim, ao transcrever excertos de depoimentos, retirar-se-iam elementos que pudessem identificar e associar-se ao seu autor. Por fim, e em coerência, ficou esclarecido que nenhuma da informação colectada seria transmitida aos pais.

35 Alguns pais fizeram mesmo saber que os filhos ficaram desiludidos quando, pontualmente, as entrevistas tiveram de ser desmarcadas e agendadas para novas datas.

enfatizou sempre a importância da intervenção activa de cada um destes respondentes para o valor final da investigação, o que fazia deles co-autores do trabalho³⁶.

3.3 Procedimentos

3.3.1 Entrevistas: Desenho e Aplicação

Atendendo às especificidades do estudo em curso, a implementação de um plano metodológico que permitisse o acompanhamento dos inquiridos prolongado no tempo, teria sido a opção mais indicada. Na prática este processo geriu-se no intervalo de um mês.

A opção pelas entrevistas individuais emergiu como uma base de compromisso face aos aspectos focados e em coerência com o fundo metodológico já explicitado. Integrado neste plano, utilizaram-se diversos materiais ao longo dos vários momentos de entrevista – uns criados de raiz e outros replicados. Mais que um cenário de estrita pergunta-resposta, enveredou-se por uma solução metodologicamente híbrida em se procurou potenciar o registo objectivo de dados com conversas livres, conduzidas a partir de um prévio guião de base bastante aberto.

Em nome da confiança e empatia a estabelecer com os parceiros de investigação (para apreender o máximo de pistas no único momento de contacto), considerou-se mais vantajoso marcar a maioria das entrevistas em casa das crianças. Foi assim, nas suas circunstâncias de vida em família, que a investigadora esteve na companhia de cada uma delas, uma hora em média. Em alguns casos excepcionais, as entrevistas deram-se fora de portas, mas sempre em lugares que se integravam nos respectivos quotidianos.

Em sintonia com as boas práticas de investigação da infância, são valorizados os diferentes espaços habituais em que os mais novos se movimentam. Se os termos do estudo em curso o permitem, é preferível manter as crianças nos seus contextos habituais (potenciais fontes de pistas sobre estas), em vez de as transpor para cenários artificiais de laboratório, desligadas das suas referências (Lobe *et al.*, 2007: 17). Assim, ao optar por um lugar familiar para as crianças, criam-se condições para que actuem com menos constrangimentos.

Contudo as dúvidas persistem: haverá o “espaço certo” para estudar os usos da Internet por crianças e respectivos impactos? Análises recentes sobre a realidade nacional (Cardoso *et al.*, 2007) dão conta de que a casa de família é o lugar por excelência onde crianças e jovens passam mais tempo online, em regra desacompanhados de adultos mas em

³⁶ E por essa razão, uma vez concluído, seriam pessoalmente postos a par do resultado final a alcançar. Eis como o princípio da reciprocidade foi integrado na relação frente-a-frente com os mais novos, assumindo-se aqui literalmente a expressão investigar “com” crianças em vez de investigar “sobre” crianças (Alderson, 1995:6).

parceria com irmãos, primos, amigos. Optar pela investigação em casa permite fazer uma observação directa de como os mais novos interagem com estes pares e com os pais, tendo como pano de fundo a Internet e outros media que aí existam. Contudo, é provável que os inquiridos se sintam inibidos para dar as suas opiniões ou mostrar o que fazem na Internet, receando a censura dos progenitores (Barra, 2004).

Transpondo as anteriores considerações para o projecto em análise, importa alertar para o facto de as relações de amizade ou proximidade de alguns pais com a investigadora poderiam funcionar como condicionamento para os filhos. Estes poderiam ser levados a comportar-se em função daquilo que julgariam que se esperariam deles. Para obviar essa influência e consequente deturpação dos depoimentos recolhidos, foi sempre solicitado aos pais que não assistissem à conversa.

3.3.2 A Entrevista – Materiais de Apoio à Investigação

Foi elaborado um guião-base, composto por uma bateria de perguntas (*vide* Anexos, Ponto 7.2.1). Estas foram ordenadas para que as respostas mais objectivas surgissem logo ao início, como estratégia para facilitar os primeiros contactos. As perguntas potencialmente melindrosas foram deixadas para mais de metade do final da entrevista. Na mesma linha, os temas foram abordados nesta sequência: iniciação à Internet; usos e acessos presentes da Internet no seio da família e pela família; mediação parental do acesso e uso da Internet; mediação escolar do acesso e uso da Internet; usos online presentes mais valorizados; a relação com email, chatrooms, SIM, sites de redes sociais; percepção do risco pelas crianças associados a estes serviços de comunicação online; questões específicas sobre *phishing*, *abuse*, *bullying/stalking*.

Recorreu-se ainda a pequenos estratagemas para impregnar a entrevista de dinamismo e vivacidade. Para as crianças mais novas, foi concebido um momento prévio à entrevista em si, servindo de “aquecimento”. Mostrava-se-lhes sites de jogos, música, motores de busca, homepages de acesso a correio electrónico, de mensagens instantâneas, chats e de sites de redes sociais, predispondo-as para os temas e averiguando o que já conheceriam. Esta troca inicial concorreu para se estabelecer uma empatia essencial para a interacção.

A criação de materiais para tratar diferentes temas, foi outro aspecto trabalhado neste contexto. Estes iam sendo distribuídos e recolhidos ao longo da entrevista. Deste manancial faziam parte várias folhas com quadros impressos nos quais os entrevistados deveriam assinalar as suas preferências e opções (*vide* Anexos, Pontos 7.2.2 e 7.2.3); somou-se ainda um conjunto de folhas impressas com as páginas de inscrição e definição de perfil de

utilizador do Hi5³⁷ (*vide* Anexos, Ponto 7.2.4). Estes breves instantes de troca de materiais e transição para outras fases da entrevista, funcionaram como intervalos, servindo para abrandar e depois acelerar o ritmo, permitindo à conversa respirar um pouco, e evitar a desmotivação para uma intervenção activa da parte das crianças.

Existindo um fio condutor comum para o conjunto da entrevista, porém houve a preocupação de tudo ser trabalhado para se adequar às especificidades de desenvolvimento próprio do segmento 8-10 anos e do segmento 11-13 anos (desde a formulação das perguntas, à apresentação dos materiais, assim como a sua distribuição e acompanhamento na sua compreensão) (Lobe *et al.*, 2007:21).

Esta mesma premissa determinou que todas as perguntas assertivas ou abordagens mais directas sobre riscos concretos, perigos, sexo, pornografia, racismo, violência tenham sido retiradas do guião de entrevista dirigido ao segmento 8-10 anos – opção tomada por se tratarem de temas com que, provavelmente, as crianças mais novas não se teriam visto confrontadas. Como tal, nem sequer teriam qualquer noção de risco a eles associada. Em última instância, a ponderação dos benefícios que adviriam da informação que se obtivesse, em contraponto com o ruído mental e emocional que se poderia produzir junto dos inquiridos mais jovens, justificaria a opção tomada. Em resumo, prevaleceu a decisão de manter apenas as perguntas menos incómodas, quer nos seus conteúdos quer na sua formulação.

Quinze Actividades Mediadas pela Internet

Para averiguar as utilizações da Internet mais valorizadas pelas crianças, seguiu-se a solução metodológica alcançada no âmbito do estudo qualitativo Safer Internet For Children³⁸ que investigou a mesma questão. Partindo desse exemplo, depois da adaptação necessária, replicou-se um quadro (impresso em papel) que reúne 15 usos online (*vide* Anexos, Ponto 7.2.2). Neste âmbito, foi pedido aos inquiridos que assinalassem³⁹ com uma cruz as utilizações que já tivessem experimentado (nem que fosse por uma vez apenas uma vez) numa coluna específica, colocada à frente de cada utilização. Os seus usos mais frequentes deveriam ser indicados com duas cruzes. Se determinada aplicação lhes fosse desconhecida, deixariam o espaço em branco. Após o levantamento dos usos de cada respondente, seguiram-se sempre

³⁷ Esta dinâmica envolveu ainda a troca de canetas de cores diferentes, verdes e vermelhas, em função da tarefa que era proposta.

³⁸ Este estudo, datado de Abril de 2007, realizou-se em 29 países europeus (Portugal incluído), sob a égide da Comissão Europeia, tendo sido gerido pelo Directorate-General Information Society and Media.

³⁹ Munidos de uma esferográfica verde, entregue pela investigadora no início do exercício.

momentos de diálogo que se revelaram bastante ricos, em que cada elemento era levada a expor o porquê das opções tomadas.

Refira-se que o quadro dos usos online entregue às crianças entre 8-10 anos foi adaptado para uma linguagem mais simples. Além disso, para os elementos mais novos fez-se uma leitura acompanhada e em voz alta de cada uma das utilizações online, abrindo de forma natural o caminho para a discussão sobre cada uma delas.

Quinze Potenciais Actividades Arriscadas na Internet

Para recolher dados sobre a percepção dos riscos online em geral, recorreu-se ao modelo do exercício anteriormente explicitado (*vide* Anexos, Ponto 7.2.2). Face às mesmas 15 utilizações possíveis da Internet, pediu-se aos entrevistados para assinalarem com uma cruz aquelas que no seu entender pudessem envolver algum problema de segurança online. (a preencher numa segunda coluna colocada também à frente de cada uso potencialmente arriscado). De acordo com o mesmo código, deveriam assinalar com duas cruzes as utilizações que lhes parecessem efectivamente perigosas. Todas as que não se lhes suscitassem a ideia de perigo online nem levantassem problemas, não careceriam de qualquer sinal⁴⁰.

Tal como anteriormente, a seguir ao preenchimento do quadro, houve um espaço propício para discutir abertamente as opções tomadas, caso a caso, por crianças e jovens. Este espaço de conversa em muitos casos possibilitou explorar aspectos como a percepção do risco online manifestada, as diferentes manifestações que pode assumir consoante as aplicações da Internet em causa, os processos de tomada de consciência do risco, as formas de lidar e evitar contextos arriscados nas suas experiências como internautas. Esta fase foi sobretudo trabalhada com os inquiridos mais velhos e muito pouco desenvolvida com os mais jovens.

Phishing, Bullying/Stalking e Abuse – Riscos Específicos em Análise

O presente exercício foi elaborado para aferir qual a sensibilidade das crianças e adolescentes para lidar com algumas formas que o risco na rede pode assumir, como o *bullying* (englobando-se aqui a noção de *stalking*), o *abuse* e o *phishing*. Com esse intuito, foram imaginadas 9 situações hipotéticas, relacionadas com um destes quatro riscos específicos (*vide* Anexos, Ponto 7.2.3). Aos inquiridos coube apontar (no enunciado em papel que lhes foi entregue) como resolveriam cada questão concreta, através da escolha de uma ou

⁴⁰ Para esta tarefa as canetas verdes foram trocadas por canetas vermelhas.

mais soluções dadas para cada caso (podendo ainda acrescentar respostas da sua própria lavra). Como sempre este momento foi rematado com um espaço de conversa livre sobre o tema.

O exercício em causa foi distribuído e trabalhado com todos os elementos do segmento 11-13 anos. Em relação ao segmento 8-10 anos, aplicou-se apenas às crianças que no decorrer das entrevistas deram mostras de maturidade cognitiva e emocional para serem questionados sobre estes aspectos, sem que isso as pudesse melindrar ou alterar de alguma forma. No mesmo sentido, os episódios foram reajustados e reescritos numa linguagem mais acessível⁴¹.

Registo e Definição de Perfil no Hi5

O uso do Hi5, como exemplo de site de redes sociais, envolveu um exercício específico (*vide* Anexos, Ponto 7.2.4). Subjacente estava o interesse em avaliar se os inquiridos teriam noção das atitudes mais ou menos seguras que tomam ao definir os seus perfis de utilizadores naquele site. Por outro lado, procurou-se determinar o nível de exposição de dados pessoais pelos inquiridos, averiguando as motivações para essas opções. Este material foi trabalhado apenas com meninos do segmento 11-13 anos⁴².

4. Investigação

O actual capítulo reproduz os resultados obtidos através dos exercícios empregues na investigação. Uma panorâmica geral sobre cinco temáticas expressivas de hábitos online dos inquiridos inicia esta apresentação. Segue-se a exposição das utilizações da Internet mais valorizadas pelas crianças. Dá-se depois a conhecer quais destas actividades online lhes despertam uma percepção do risco mais ou menos intensa. Avança-se ainda com uma averiguação das reacções dos inquiridos face a situações potencialmente arriscadas, configuradoras de casos de *phishing*, *bullying/stalking* e *abuse*. Termina-se com a abordagem aos comportamentos assumidos pelos inquiridos em situação de registo e definição de perfil de utilizador do Hi5.

⁴¹ À semelhança do que já ocorrera, os enunciados foram apresentados aos mais novos através da sua leitura acompanhada, em voz alta, para esclarecer dúvidas ou hesitações.

⁴² Não obstante a maioria dos meninos entre 8-10 anos conhecer o Hi5 e muitos deles serem até capazes de descrever o seu funcionamento com bastante detalhe e rigor (alguns até demonstrando vontade de o usar), é entre os mais velhos que o Hi5 se dissemina.

4.1 Perfis em Panorâmica

Neste tópico percorrem-se cinco temáticas referentes aos hábitos online dos inquiridos. Através delas procurou-se captar os momentos iniciais de descoberta da Internet, focar a atenção nas actividades online mais procuradas pelas crianças numa perspectiva lúdica e comunicacional, apreender como se processa o acesso, uso e a respectiva mediação em casa e na escola e por fim delinear o retrato das relações das famílias dos respondentes com a Internet.

4.1.1 A Iniciação ao Online

Reconstruir o contexto das primeiras idas para a Internet, é o objectivo aqui subjacente. Para tanto, inquire-se a idade da iniciação ao online e as motivações, onde e com quem se vivem as primeiras experiências, quem transmitiu os primeiros ensinamentos e que apropriações começam por ser valorizadas (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 2).

Idade: É entre os 6 e os 8 anos que os inquiridos indicam ter feito as primeiras incursões pela Internet, quando já têm um domínio razoável da escrita e da leitura. As excepções provêm de um menino (especialmente arguto), que assinalou o seu primeiro uso aos 5 anos, e de dois rapazes que dizem ter experimentado aceder à rede apenas aos 10 anos. Observa-se que as crianças com irmãos mais velhos tendem a ser iniciadas mais cedo por influência (directa ou indirecta) destes.

Motivação: o que leva a querer explorar a rede é muitas vezes a curiosidade natural inerente à personalidade de cada criança. O exemplo dos pais e a influência de amigos/pares/colegas/irmãos são também bastante referenciados pelos inquiridos. O factor curricular também justifica a adesão à Internet.

Primeiros usos: os jogos online figuram como a primeira actividade online (indicada por 11 em 20 inquiridos), seguida por um uso instrumental da Internet como ferramenta de pesquisa para trabalhos escolares, (referida por 4 meninos). 2 crianças mencionam ainda ida ao Google e outras 2 associam o seu primeiro momento online ao MSN.

O local: a casa (em 14 casos) e a escola (em 5 casos) são os cenários onde decorrem as primeiras explorações da Internet. Um menino refere que a Internet foi uma descoberta ocorrida no local de trabalho da mãe.

Quem acompanha: o local é coerente com quem acompanha as crianças nas suas primeiras incursões pelo online: 3 crianças referem os professores de informática⁴³. Há ainda a situação de 3 rapazes que acedem pela primeira vez à Internet na escola; neste caso a influência e a partilha das vivências ocorre com os colegas.

As crianças que remetem a sua descoberta para o contexto de casa articulam esse facto com o acompanhamento e transmissão de ensinamentos iniciais protagonizados pelos pais, irmãs ou irmãos. Apenas 2 crianças invocam um raro plural: “*pais*” (de pai e mãe). 2 inquiridos indicam a mãe⁴⁴. Existe ainda 1 menina que refere o exemplo da mãe que integra um uso intenso da Internet na sua actividade profissional.

Ajuda inicial: ao averiguar quem ensinou a usar a Internet, o pai é a figura mais referida, seja porque tomou essa iniciativa, seja a pedido dos filhos. A noção de “ajuda” conjuga-se com ligar e desligar o computador e a Internet ou escrever moradas no browser. A tendência observada vai no sentido de a ajuda dos pais deixar de ser necessária, assistindo-se a uma rápida autonomização dos mais novos a partir dos 9, 10 anos.

4.1.2 Usos Domésticos e Mediação Parental

Este ponto prende-se com as condições de utilização da Internet em casa e seus condicionamentos (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 3).

Quando se acede à Internet: a maioria dos inquiridos mais velhos (7 em 10 elementos), reserva para o fim-de-semana uma utilização mais intensa, deixando para o resto da semana um uso mais suave e que ocorre de forma continuada.

Os restantes inquiridos concentram o acesso à Internet nos dias úteis, utilização que se dá no período subsequente às aulas e já em casa, podendo ocupar crianças e adolescentes antes e depois do jantar. O tempo passado a navegar depende do volume de trabalhos escolares por fazer.

Autorização de utilização: dos 20 respondentes, apenas 2 meninas, de 9 e 10 anos, dizem ter de pedir autorização aos pais para aceder à rede. De resto as condicionantes vividas pelos mais novos não são substanciais e dizem respeito à utilização simultânea do computador por outros membros da família. Também se prendem com a necessidade de auxílio de um adulto para ligar o computador.

⁴³ Esclareça-se que estas, desde os seis anos têm aulas de informática integradas no plano curricular da escola que frequentam.

⁴⁴ Comum aos dois casos está o facto de estas mães serem mulheres divorciadas que adoptam uma postura pró-activa na descoberta das novidades da rede junto dos filhos a seu cargo.

Período de tempo passado online: vai aumentando com a idade, o que está em sintonia com a natureza do controlo parental exercido, mais apertado na infância, afrouxando à medida que os filhos vão crescendo. No segmento 8-10 anos, 5 crianças dispõem de quinze minutos como limite máximo para navegar. Para as restantes 5 o tempo passado na rede pode elevar-se para 30, 40 minutos ou até 1 hora.

Na faixa dos 10 anos já se nota um efectivo aumento para 1 hora, confirmada por 1 menina e 1 menino.

Entre os 11-13 anos, apenas 2 raparigas confirmam passar pouco tempo na rede. A maioria navega de 30 minutos até 3 horas. Há quem chegue às 6 horas ou mais, durante o fim-de-semana, movendo-se entre actividades simultâneas (multitasking) como jogar e estar no MSN.

Quem acompanha as crianças: entre os 8-10 anos, os inquiridos referem aceder à Internet tanto sozinhos como acompanhados, (exceptua-se 1 menino de 10 anos, com um uso exclusivamente solitário). Os seus pares são os irmãos(ãs) mais velhos(as) e mais novos(as). Os pais, às vezes, também navegam com os filhos, confirmam 4 crianças.

No grupo dos 11-13 anos, os inquiridos navegam sozinhos. Apenas 1 rapariga de 12 anos e 1 rapaz de 13 se associam aos amigos para, em conjunto, levarem a exploração da rede ao limite.

Comportamento dos pais quando os filhos navegam: os pais são referidos aqui como vigilantes, mas nem sempre fisicamente presentes: *Vêm às vezes ver o que estou a fazer*, é a expressão usada por quase todos os respondentes. Atente-se ainda num rapaz de 11 anos cujo pai instalou um programa de controlo dos conteúdos que o filho visita, (mas o rapaz acrescenta saber “enganar” o dito programa).

Intervenção dos pais solicitada pelos filhos: é mencionada por 8 inquiridos e resume-se a ligar ou desligar o computador, (segundo 1 menina e 1 menino de 9 anos), auxiliar nas pesquisas para trabalhos de casa e mediar o uso de certos programas informáticos que os filhos não dominam.

Mediação parental: esta supervisão exerce-se sobre o tempo passado a navegar e sobre os conteúdos visitados pelas crianças. Dos 8 aos 10 anos, 5 em 10 crianças dizem ser condicionadas pelos pais em relação ao tempo que estão online. As restantes cinco não conhecem restrições desta natureza. No segmento dos 11-13 anos, 8 em 10 adolescentes não referem quaisquer limites temporais estipulados pelos pais.

Ao nível dos conteúdos visitados, algumas crianças da faixa 8-10 anos têm regras claras para evitar jogos online muito violentos, sites de adultos e jogos que contenham vírus.

Há também quem relacione a noção de “limite” com a interdição de mexer no computador e apagar os ficheiros de trabalho dos pais.

Repare-se ainda na atitude desta menina de 9 anos que por sua iniciativa se condiciona em relação aos sítios por onde navega, tendência comum na faixa dos 11-13 anos.

As crianças que não têm de observar limites aos conteúdos visitados justificam-no por acederem, apenas e sempre, aos mesmos sites de jogos que os pais conhecem de antemão⁴⁵.

Entre os 11-13 anos, os 2 rapazes mais novos deste segmento estão sujeitos a limites implícitos e explícitos, emanados dos pais: um deles não pode aceder a sites para maiores de 12 anos enquanto o outro está proibido de aceder ao Habbo Hotel. Além disso, auto-limita-se quanto aos conteúdos por onde navega.

Mais que regras rígidas, na maioria das situações o controlo exercido assume a forma de avisos e conselhos expressos para evitar sites perigosos, isto é, com vírus, sites não adequados a menores, o excesso de importação de vídeos do YouTube carregando a memória do computador familiar, assim como o fornecimento de dados pessoais que possam ser apropriados por estranhos online.

4.1.3 Acesso, Uso e Mediação na Escola

O acesso e o uso da Internet em ambiente escolar, os limites impostos às crianças neste contexto e quem os estabelece, eis os aspectos averiguados (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 4).

Há computadores e acesso à Internet na escola?: esta dupla questão recolhe a resposta positiva da totalidade dos inquiridos.

Onde se acede, quando se acede, que limites existem?: é no espaço físico da sala de aula (ou da biblioteca), inserido na período das aulas e sob a supervisão dos professores que se recorre à Internet. Esta funciona como estrita ferramenta auxiliar na pesquisa de imagens, textos etc. para os trabalhos em curso, indicam 7 das 9 crianças entre os 8-10 anos. Deste grupo há 3 elementos para quem esta experiência online ocorre especificamente na sala de informática, com os professores desta disciplina, no decurso da aula, combinando-se aí um uso dirigido com a pesquisa livre.

⁴⁵ Neste contexto do controlo parental, atente-se neste comentário isolado, proveniente de duas irmãs: “Os nossos pais não gostam que usemos a net! (...) Então, porque eles preferem que nós estejamos aqui, na sala, todos juntos, a conviver e isso, a estarmos no computador”. Repare-se ainda na atitude desta menina de 9 anos que, por sua iniciativa, se condiciona em relação aos sítios por onde navegar, uma tendência comum na faixa 11-13 anos.

As crianças de 10 anos relacionam o uso em questão especificamente com as aulas da área de projecto. Excepciona-se 1 menino de 10 anos que concentra o uso da Internet na escola nos intervalos entre aulas, no centro de recursos, aí navegando livremente, apenas condicionado pelo tempo que lhe está adjudicado por semana, 1 hora.

Entre os inquiridos do segmento 11-13 anos, a utilização da Internet faz-se em bibliotecas (7 inquiridos), nas salas de informática ou salas de tecnologias de informação e comunicação -TIC (5 inquiridos), no espaço das salas de aula e no tempo consagrado àquelas (2 inquiridos) e no centro de recursos (1 inquirido).

Nas bibliotecas a Internet é usada apenas para realizar pesquisas e actividades directamente relacionadas com o estudo e trabalhos da escola. Nas salas de informática ou de TIC, o uso amplia-se, associando-se também uma utilização lúdica.

Quem aplica os limites ao uso da Internet: há duas tendências baseadas na idade: as crianças entre os 8-10 anos (8 em 9) são acompanhadas nas suas incursões online pelos professores. O desempenho destes não é questionado, sendo encarado com naturalidade.

7 inquiridos entre os 11-13 anos nomeiam os funcionários das bibliotecas como os agentes cerceadores da navegação pela rede.

Nas salas de informática e de TIC, essa função cabe aos professores que as dirigem. Como nestes espaços se compagina a utilização orientada para o estudo com a navegação livre, o condicionamento emanado dos professores é menos intenso, revelam 5 elementos.

Onde há mais limites para usar a Internet, em casa ou na escola?: a noção de “limite” é empregue pelos inquiridos num duplo sentido: a) ao nível dos conteúdos por onde navegam e b) em relação ao tempo passado online.

Para 12 inquiridos, na escola o controlo é maior⁴⁶. 4 elementos elegem a casa como o lugar onde se sentem mais limitados, ao nível do tempo disponível para navegar. Um rapaz de 13 anos diz-se igualmente limitado em ambos os espaços em análise, sendo o factor temporal de novo a justificação.

4.1.4 Ambientes Familiares Face aos Media

O tipo de ambiente que define a família em relação os media e à Internet em particular, é a questão genérica a observar (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 5).

Localização do computador em casa: a sala de estar comum, *a sala de todos* (indicada por 8 crianças) e o escritório (avançado por 4 crianças) são os espaços onde costuma estar o

⁴⁶ Isso deve-se ao facto já mencionado de nesse contexto o uso ficar restringido à realização de pesquisa para os trabalhos das aulas e estudo e existir condicionamento de tempo para navegar.

computador que os inquiridos usam. O quarto de dormir é referido por 2 raparigas de 12 anos e um rapaz de 13 (nestes casos os inquiridos servem-se dos seus próprios portáteis). O quarto dos pais ou do irmão mais novo são outras localizações mencionadas, embora muito menos habituais. 1 menina de 8 anos elege a sala da casa da avó como o local onde passa mais tempo online (é também onde passa mais tempo livre diariamente).

O especialista da família em Internet: para 12 dos 20 inquiridos, o pai é o especialista da família. Somam-se ainda outras respostas, menos representativas: 2 meninos indicam a mãe como a grande conhecedora (em ambos os casos, trata-se de mães divorciadas com quem os filhos vivem). Existem também 2 inquiridos que se auto-nomeiam como os elementos que melhor dominam a utilização da Internet de todo o agregado familiar. Há apenas 1 menino que equipara o pai e a mãe nos conhecimentos que têm sobre a rede.

O principal utilizador da Internet: 7 de entre os 20 inquiridos atribuem o título em análise ao pai. 4 elementos de idades mais velhas (dos 10 aos 13 anos) auto-elegem-se como principais usuários. Nalguns casos os utilizadores (2 rapazes de 13 anos) nomeiam-se conjuntamente a si e ao pai. 2 meninas (de 9 e 10 anos) elencam-se a si mesmas e às suas irmãs mais velhas. Por fim, há 1 menina que coloca em pé de igualdade o pai e a mãe no que toca ao aspecto em apreço.

Transmissão de conhecimentos digitais para terceiros: 10 inquiridos respondem positivamente a esta questão. Os destinatários destes ensinamentos costumam ser os irmãos e irmãs mais novos dos inquiridos (4 casos) e os amigos (3 casos). Desta lista incluem-se ainda os primos mais novos (1 caso) e outros familiares como 1 mãe, 1 tia e 1 avó.

Tipo de casa face aos media: em todas elas existem livros em quantidades consideráveis. Lado a lado descobrem-se media tradicionais a que se somam sempre os telemóveis, os dvd. Há 3 casos que excepcionalmente correspondem ao modelo de casas media-rich. Associam-se a: a inquiridos mais velhos que levam os pais a investir em consolas e outros media mais sofisticados; ligam-se às profissões dos pais, na área do audiovisual, trabalhando a partir de casa. A natureza socio-económica das famílias dos inquiridos, classe media, media alta, pode justificar o cenário aqui descrito.

4.1.5 Usos Mais Valorizados

Este ponto é dedicado às actividades lúdicas e de comunicação que os inquiridos mais valorizam na Internet. Para cada aspecto a analisar, formularam-se três perguntas: **A) Sabes o que é?**, **B) Sabes explicar o que é?**, **C) Utilizas?**. As respostas positivas (SIM) foram assinaladas no quadro geral com a letra correspondente a cada pergunta (**A, B, C**).

Averigua-se ainda a percepção do risco que os inquiridos associam a cada actividade considerada, identificando como se gerou ou quem lhes transmitiu esta noção (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 6).

YouTube: aceder a este site é uma motivação essencial e recorrente para 17 dos 20 inquiridos. Entre os 8 aos 9 anos há 3 crianças que *já ouviram falar do YouTube*, mas não conseguem explicar no que consiste. Em contraponto, 2 rapazes de 10 anos fazem do YouTube a principal razão das suas incursões pela rede.

No grupo dos 11-13 anos as 3 questões levantadas são respondidas de forma positiva e com unanimidade.

Jogos online: é a utilização da Internet que congrega mais utilizadores, com 19 em 20 inquiridos a responderem positivamente a todas as perguntas.

Hi5: instalou-se com sucesso entre os inquiridos dos 11-13 anos, havendo 7 em 10 inquiridos que fazem uma utilização intensa deste site. No grupo dos 8-10 anos, 9 crianças sabem o que é o Hi5, 7 delas sabem explicar no que consiste mas nenhuma está inscrita no site.

MSN: 18 dos 20 inquiridos sabem o que é o MSN. A sua implementação entre os mais novos supera qualquer outro serviço de comunicação online. Entre os inquiridos mais jovens, 7 deles sabem explicar o seu funcionamento com clareza. São também 7 os que têm uma conta no MSN e a usam.

Entre os 11 aos 13 anos todos os inquiridos (10) respondem positivamente às três perguntas.

O Chat: 4 inquiridos (de 10, 11, 12 e 13 anos) num total de 20, indicam já ter entrado em salas de conversação⁴⁷. É perceptível que a maioria dos inquiridos com alguma experiência online associa risco ao uso de chats, o que poderá justificar o uso tão circunscrito aqui observado.

No segmento 8-10 anos, metade das crianças diz saber o que é um chat, mas apenas 3 conseguem expor o conceito. De entre os inquiridos dos 11-13 anos, todos os 10 elementos dominam esta noção e sabem expô-la.

Noção de risco articulada aos serviços de comunicação online analisados: está inculcada no discurso de crianças e adolescentes: dos 20 elementos, apenas 1 menino de 10 anos não a refere com toda a clareza (consentâneo com a utilização marginal que faz da Internet). A noção de risco é transversal em termos de género e idade.

⁴⁷ Em todos estes casos, tais incursões foram definidas como ocasionais, dispersas; em três situações, terão ocorrido indirectamente a partir de sites de jogos online.

4.2 Actividades Preferenciais Online

A partir das preferências manifestadas pelos inquiridos face a 15 actividades online que lhes foram postas à consideração, elaborou-se um elenco composto pelos 10 usos mediados pela Internet, especialmente valorizados pelas crianças (*vide* Anexos, Ponto 7.2.2 e Ponto 7.3, Quadro 7 e Figuras 1 e 2).

A pesquisa de informação como parte do trabalho da escola e os jogos online, são as utilizações mais populares entre crianças e jovens, ocupando o primeiro lugar, (indicadas por 19 inquiridos num universo de 20). Segue-se o uso de mensagens instantâneas (MSN)/entrar/participar em chats com amigos. A terceira posição é partilhada pela pesquisa de informação sobre assuntos que interessam/navegar por diversão, e ter uma conta de correio electrónico/trocar emails. Descarregar músicas, filmes, vídeos, jogos e outros ficheiros, vem em quarto lugar. No quinto posto encontram-se, lado a lado, a partilha de fotos e a criação de blogs/homepages pessoais e a colocação online (posting) dos próprios textos. Em sexto lugar, surge a partilha de ficheiros de música, filmes, vídeos, jogos. No sétimo posto classificam-se a leitura e resposta a blogs/homepages de amigos e a realização de chamadas telefónicas através da Internet, respectivamente. A participação em concursos online e a entrada em salas de conversação abertas são utilizações confirmadas na oitava posição. Nono lugar, perfila-se ler e responder a blogs/homepages de desconhecidos. Descarregar toques/imagens é remetido para o décimo e último lugar desta lista.

De acordo com a classificação apresentada, os usos online mais considerados pelos inquiridos, vêm relevar as vertentes educativa, lúdica e comunicacional da Internet, coincidindo, em geral, com tendências já identificadas (E-Generation, 2007; Castro Urdiales, 2007; Mediappro, 2006).

Para a esfera das actividades online mais desvalorizadas⁴⁸ a provocar uma adesão residual dos inquiridos, remetem-se usos susceptíveis de abrir caminho a situações de risco online, como as burlas comerciais ou os contactos indesejáveis com estranhos.

Se se analisar as actividades preferidas em função da variável “idade”, constata-se que o leque de usos indicados como fundamentais cresce com a idade quer em quantidade quer em variedade e complexidade.

Entre os 8-10 anos, os usos indicados pelas crianças como mais populares, remetem para as vertentes lúdica, educativa e comunicacional da Internet e que se instalam entre os hábitos online nas idades mais jovens e com algum destaque.

⁴⁸ Descarregar toques e imagens para telemóveis, ler e responder a blogs/homepages de desconhecidos e a entrada em salas de conversação abertas juntamente com a participação em concursos online.

O segmento etário 11-13 anos também incorpora os usos estimados pelos mais novos. Contudo, as prioridades modificam-se ligeiramente, com a perspectiva comunicacional a ser um pouco mais reforçada, emergindo entretanto a tendência para os adolescentes se assumirem como sujeitos activos (na sua relação com a Internet), produtores dos conteúdos que lançam para a rede e por via dos quais interagem e estabelecem as suas redes de relações online, sobretudo com seus pares de sempre.

Em favor destas tendências, confluem uma aprendizagem digital acumulada desde a infância, a curiosidade própria desta idade e o desejo de quebrar limites e explorar outras oportunidades, nem sempre consideradas como tais pelos adultos.

Ao procurar uma nova leitura das actividades preferidas pelos inquiridos, a partir da variável “género”, também se descobrem algumas diferenças, ainda que pouco vincadas:

- Em geral, as crianças do sexo feminino indicam um maior número de utilizações online, tanto entre os 8-10 anos (apesar de ser ligeira a diferença que as separa dos meninos) como dos 11 aos 13 anos (existindo um distanciamento mais vincado face aos rapazes).

Quanto à natureza dos usos seleccionados, crianças de ambos os sexos coincidem no fundamental, verificando-se ligeiras divergências. Entre os 8-10 anos, os usos eleitos por meninos e meninas remetem para as componentes lúdica, educativa e comunicacional. As meninas são ligeiramente mais centradas nesta última valência que os meninos. Estes diversificam também um pouco, ao incluírem nos seus hábitos a pesquisa livre pela rede e o download de conteúdos vários. Por fim, só as meninas tendem a enfatizar os usos que fazem, os meninos raramente o fazem.

Na faixa 11-13 anos, rapazes e raparigas adoptam comportamentos online também muito próximos, separados por pequenas nuances. Assim, o património de usos valorizados nas idades mais jovens é mantido e ampliado, ganhando maior importância o papel de sujeitos activos, quer nos rapazes quer nas raparigas, nas suas interacções com a Internet.

Em relação às actividades classificadas nos três primeiros lugares da lista das mais valorizadas, as raparigas apresentam um espectro de utilizações online um pouco mais amplo (12 para as raparigas contra 9 para os rapazes) e eclético (abarcando usos não mencionados pelos rapazes como concursos online, telefonar via Internet, partilhar ficheiros).

Entre os 11-13 anos todos os inquiridos tendem a enfatizar os usos indicados⁴⁹.

Por fim, verifica-se que quem exerce maior ascendente sobre os hábitos online das crianças dos 8 aos 10 anos, são os irmãos e primos mais velhos. Os pais também exercem um

⁴⁹ Excepcionalmente os rapazes enfatizam unanimemente o uso de sIM e chats para comunicar com os amigos de sempre, enquanto as raparigas, sobre o mesmo aspecto, sublinham este uso residualmente.

ascendente essencial, sobretudo nos mais jovens (6, 7, 8, 9 anos), representando para os filhos um exemplo a seguir ou de quem recebem indicações e sugestões com agrado e que valorizam. Entre os inquiridos dos 11 aos 13 anos, esse estatuto é agora dividido por irmãos e primos como antes, e sobretudo pelos amigos e colegas, que aqui ganham protagonismo.

4.3 Identificação de Riscos Online

Com o intuito de averiguar o risco online, pôs-se de novo à consideração dos inquiridos as mesmas 15 actividades mediadas pela Internet. Neste novo contexto, foi-lhes pedido que indicassem quais delas seriam susceptíveis de envolver riscos⁵⁰. A partir dos dados assim reunidos, elaborou-se uma lista dos 10 usos online mais arriscados (*vide* Anexos, Ponto 7.2.2 e Ponto 7.3, Quadro 8 e Figuras 3 e 4).

Entrar em salas de conversação abertas e descarregar músicas, filmes, vídeos, jogos ou outros ficheiros, ocupam o primeiro lugar na lista dos usos mais receados.

No caso específico dos chats abertos, o receio radica em situações variadas como o anonimato de quem surge no ecrã, fazendo passar-se por quem não é; a extorsão de dados pessoais, associada a planos de assalto, roubo ou rapto. O pavor de encontros cegos para fins indizíveis está no centro das preocupações e é verbalizado por quase todas as crianças: (...) *Por exemplo, nós tínhamos 13 anos e havia lá um senhor com uns 40 e então ele pedia a nossa morada para vir ter aqui connosco... ele... dizia assim um monte de frases bonitas e depois nós ficávamos todas encantadas; ele vinha cá e não era para isso* (Patrícia, 10 anos).

Descarregar músicas, filmes, vídeos, jogos ou outros ficheiros é quase unanimemente reconhecido como prática arriscada. Em causa está a questão da pirataria, nomeada explicitamente como actividade ilegal pela maioria dos inquiridos: *Pronto, aquilo dos polícias e Internet, podem chegar a apanhar-nos...* (André, 13 anos). A porta aberta aos vírus são também outra preocupação enfatizada por quase todos os respondentes.

Criar o próprio blog/homepage e colocar online (posting) os próprios textos, fotos, música na Internet é tida como a segunda mais arriscada das utilizações na rede. Neste âmbito integra-se o Hi5, tecnologia da comunicação com uma adesão entusiástica. A sua popularidade não impede contudo que crianças e adolescentes a associem a riscos potenciais, devido à natureza dos dados pessoais colocados nos perfis. Daí decorre o temor face a raptos ou à invasão da privacidade offline.

⁵⁰ Chame-se a atenção para o facto deste material não ter sido aplicado a um menino e uma menina de 8 anos, e a um menino e uma menina de 9 anos. Existe por isso uma lacuna na recolha de informação acerca da sensibilidade e opinião dos mais novos na faixa 8-9 anos.

Ler e responder a blogs/homepages de desconhecidos é uma preocupação especialmente sublinhada pelos inquiridos mais velhos, a ocupar o terceiro lugar na lista geral. Por todos perpassa a desconfiança de interagir com estranhos. Daqui deriva a apreensão de se ser localizado, raptado e cenários afins *A partir do momento em que eu respondo, a pessoa vê o meu ponto de vista, como eu sou, o que eu acho... Praticamente vê os meus pensamentos... E ficará sempre, pronto para... Tudo o que acontecer* (Rafael, 11 anos). O risco de invasão do computador por vírus é igualmente mencionado.

Em quarto lugar, surge o risco articulado à participação em concursos. Se esta percepção de risco é menor entre as crianças dos 8 aos 10 anos, entre os 11-13 anos quase todos os inquiridos afirmam existir risco. Neste caso o que mais aflige os inquiridos é o receio de transmissão de informação pessoal, usada por terceiros para fins indesejáveis. Os inquiridos referem-se ainda aos potenciais engodos comerciais e tentativas de extorsão de dinheiro. Um dos meninos chega mesmo a estabelecer um paralelo com os perigos identificados a propósito do download de toque e imagens para o telemóvel. Os vírus também são uma potencial ameaça citada.

As crianças elencam o descarregamento de toques/imagens para o telemóvel no quinto posto dos usos online arriscados. Neste contexto, quase todos os inquiridos de imediato narram episódios reais, vividos pelos próprios ou ocorridos com amigos e colegas. Esta reacção dá uma noção clara de como os mais novos podem ser vítimas preferenciais da abordagem comercial feita online ou via online. Além do perigo exposto pela maioria dos inquiridos, alguns somam ainda o risco de receber vírus no computador e no telemóvel; outros invocam o carácter ilegal desta actividade. Por fim há ainda quem mencione o acesso a dados pessoais e a invasão da privacidade: *Depois começamos a receber coisas parvas no telemóvel* (Margarida, 12 anos).

No sexto posto surgem ex aequo, a pesquisa de informação sobre assuntos que interessam/navegar por diversão e o uso do email. A fonte de reticências por parte dos inquiridos em relação à navegação pela rede, prende-se com a possibilidade de se poderem deparar, inadvertidamente, com sites e conteúdos que apelidam de *perigosos, que não se querem* (depreende-se que isso equivalha a conteúdos pornográficos, desagradáveis, não desejados). As crianças acrescentam o risco de fornecer involuntariamente dados pessoais a estranhos. Uma menina de 8 anos associa ainda esta utilização ao risco de *estragar os comandos do computador* e mais uma vez, o temor de se contrair vírus é sublinhado. Este último aspecto é extensivo ao uso de email, segundo a maioria dos inquiridos. Uma menina de 10 anos fala também da hipótese de se receber mensagens violentas.

A partilha de ficheiros (de música, filmes, vídeos, jogos ou outros) e de fotos são tidas como actividades relativamente benignas pelos inquiridos, daí que estas utilizações sejam remetidas para o sétimo lugar na lista de usos arriscados.

Os vírus que se possam contrair e os contactos indesejáveis com estranhos, resumem os motivos de apreensão dos inquiridos face à partilha de ficheiros.

A partilha de fotos é encarada em termos pacíficos desde que realizada com amigos, indicam os inquiridos de uma forma geral. O seu fornecimento a estranhos, com a consequente perda de controlo do fim a que se destinam (localização e rapto, pornografia), deixa os respondentes em alerta.

As situações arriscadas decorrentes do uso de jogos online são relativizadas, daí a remissão para o oitavo posto de um dos usos mais populares e que aqui se conjuga com a possibilidade de propiciar a contracção de vírus.

Na nona posição perfila-se a leitura e resposta a blogs/homepages de amigos, seguida no décimo e último lugar pela pesquisa de informação como parte do trabalho da escola. Estes dois usos voltam a ser encarados como potenciais fontes de risco ligadas aos vírus.

De acordo com a opinião geral dos inquiridos, entre as utilizações online mais arriscadas incluem-se a entrada em salas de conversação abertas, descarregamento de ficheiros variados, a criação do próprio blog/homepage e ainda a leitura e resposta a blogs/homepages de desconhecidos.

Entre os riscos não só mais receados mas simultaneamente mais enfatizados por todos os respondentes, constam a entrada em salas de conversação abertas e a leitura e resposta a blogs de desconhecidos.

Em contraponto, dos usos relacionados com uma menor incidência de risco fazem parte a pesquisa na rede para realizar deveres escolares e o recurso a chats e serviços de mensagens instantâneas para comunicar com os amigos, assim como os jogos online. Atente-se como estas em particular são actividades muito valorizadas transversalmente.⁵¹

Das conversas desenvolvidas no contexto do exercício em análise, verificou-se que as preocupações mais repetidas espontaneamente, por crianças e adolescentes, dizem respeito a vírus (denotando um conceito de risco pouco consistente) e a contactos indesejáveis com estranhos online e às múltiplas consequências daí decorrentes.

⁵¹ Curiosamente os maiores e menores níveis de risco identificados através destes dois grupos de usos, são inversamente proporcionais à valorização dada a estes mesmos usos online (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 7, Figuras 1 e 2).

Uma análise desenvolvida em termos do “género”, permite constatar que no segmento 8-10 anos, os meninos manifestam uma noção do risco um pouco mais forte que as meninas. Na faixa etária 11-13 anos a tendência inverte-se, sendo as raparigas a dar mostras de uma percepção do risco superior à dos rapazes.

Considerando ainda as variações observadas a partir da variável “idade”, observa-se que as crianças mais novas identificam menos riscos: há muitas actividades online com que ainda não contactaram, por essa razão ainda não têm um conhecimento de causa do seu funcionamento e do que possam implicar sob a perspectiva do risco. Sendo os mais jovens dos inquiridos iniciados na exploração da rede pelos progenitores e irmãos/primos, estes são determinantes na transmissão de informação sobre o tema em análise.

Na faixa dos 11-13 anos a noção do risco expande-se em termos directamente proporcionais aos usos que se vão somando. Este é um processo que se identifica claramente numa rapariga de 12 anos que exprime uma noção do risco bastante aguda (classificada em segundo lugar no exercício em análise). As suas experiências online, mais intensas, rendem-lhe um capital de conhecimentos digitais fundados na experiência. Soma-se ainda o contacto na primeira pessoa com riscos e o desenvolvimento de competências para lidar com essas mesmas situações.

Contudo, é possível encontrar mais dois perfis: o de um rapaz de 11 anos, que manifesta amplos, consistentes e precisos conhecimentos sobre Internet e risco online, acima até da média para a sua idade. Mas há experiências na rede por que muito anseia, como o uso do Hi5, mas que não inclui nos seus comportamentos (por ainda não ter idade e por isso são-lhe vedadas via mediação parental). Resulta daqui que este rapaz manifeste a terceira mais intensa noção do risco através do presente exercício. Aqui vinga o conhecimento recebido por outras vias para além da experiência online.

Um terceiro perfil, contraria todas as tendências e é personificado por uma rapariga de 13 anos com uma vivência digital menos rica e variada que as dos anteriores jovens. Não despendendo muito tempo online sequer, esta rapariga emite a percepção do risco mais aguda de todas (ordenada em primeiro lugar no exercício em consideração). Aventa-se a hipótese de a falta de experiência conduzir a um receio face ao que não se conhece ou experienciou na rede.

4.4 *Phishing, Bullying/Stalking e Abuse: Situações Práticas*

O presente exercício observou as reacções dos inquiridos entre os 10 e os 13 anos face a quatro categorias de riscos online: o *bullying* (englobando aqui a noção de *stalking*), o *abuse* e o *phishing*. Coube a estes a tarefa de seleccionar uma ou mais respostas face a 9 contextos, cada qual contendendo com um dos riscos online enunciados (*vide* Pontos 7.2.3 e 7.3, Figuras 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13).

A recepção de conteúdos indesejáveis por email, foi a situação que desencadeou mais reacções dos inquiridos (33), seguida de um episódio em que se procura subtrair dados pessoais financeiros (27 reacções) e por fim um caso de bullying (a provocar 13 reacções). Sendo as perguntas de resposta múltipla, alguns inquiridos forneceram uma resposta por questão, outros articularam várias em simultâneo para a mesma situação⁵².

Tomando a variável “género” como critério de análise, constata-se que são as raparigas quem proporcionalmente articula mais respostas.

Quem articula mais respostas entre si é um rapaz de 11 anos que já antes manifestou uma percepção bastante aguda dos riscos online. Em contraponto, quem acciona o seu número mais baixo (7) é um menino de 10 anos, o elemento mais novo deste grupo e que mantém uma interacção superficial e desinteressada com a Internet.

Da análise das respostas associadas entre si face aos vários contextos de risco online propostos, descortinam-se tendências transversais:

- Em todas as situações a reacção maioritariamente adoptada é sempre a mais assertiva de todas, aquela que põe um fim imediato ao risco que exista em potência: seja não lendo mensagens de email de remetente desconhecido, apagando ficheiros de conteúdo não explícito, ignorando pedidos de fornecimento de dados pessoais, respondendo directamente “Não” a convites, propostas de encontro ou ofertas vindas de estranhos ou ainda bloqueando, nos vários serviços de comunicação, o nome de amigos online ou de amigos que importunem continuamente. Este é o comportamento adoptado por raparigas e rapazes mais velhos. No entanto, ainda há espaço para alguns inquiridos mais novos ou com uma experiência digital menos consistente, enveredarem por opções mais desprotegidas.

⁵²Poderá este último comportamento ser consentâneo com o perfil de usuário mais experiente, e que por isso entende dever accionar vários mecanismos de protecção? Ou ao invés deverá ser percebido como a atitude própria de quem tem uma vivência digital menos substancial, exprimindo a sua apreensão face ao que não domina na rede, socorrendo-se de todos os meios propostos para garantir a sua segurança mais consistentemente? Eis-nos face a hipóteses que parecem conviver em simultâneo e para as quais não se detectaram respostas claras.

Quando questionados sobre a quem pedir a ajuda ou conselhos ao serem confrontados com riscos online, os meninos mais novos recorrem aos pais em primeira instância. Já os adolescentes, aos pais somam os amigos. As raparigas valorizam os amigos e excluem declaradamente os pais. Em termos de género e idade é unânime o apoio que se busca nos irmãos e primos e também é consensual a exclusão dos professores do círculo de apoios possíveis.

Dos quatro riscos online em questão, o bullying é aquele de que os inquiridos falam mais à vontade e com conhecimento de causa, seja por episódios passados por conhecidos seus ou mesmo na primeira pessoa, quer na qualidade de vítimas quer como sujeitos activos/promotores de bullying. Ao mencionarem casos concretos os inquiridos não lhe atribuem gravidade, pelo contrário, dão mostras de desvalorizar este risco em particular, optando por ignorar potenciais ataques ou por os resolver pessoalmente e de preferência num registo offline: neste sentido, a Laura, de 13 e o Paulo de 10 anos, na eventualidade de conhecerem o agente provocador da escola, propõem-se a *bater-lhe* ou *dar-lhe porrada* como forma de dissuasão mais eficiente.

As várias formas que o *abuse* pode tomar, seja o contacto com desconhecidos, os ataques de natureza sexual, os raptos ou outras declinações que ponham em perigo a sua integridade física ou emocional, são os mais enfatizados, muitas vezes até efabulados e exagerados. É um risco cuja noção está impregnada em todos os inquiridos.

O *phishing*, provavelmente por ser orientado para “alvos” mais velhos, não é directamente invocado. Contudo, em ocasiões conexas, os inquiridos explicitam o forte receio de, inadvertidamente, fornecerem dados pessoais.

Quem em regra incute a noção de risco aos inquiridos, são os pais, os irmãos/primos, os amigos, as autoridades policiais e os media. Os mais velhos tendem a acrescentar que desenvolvem essa noção naturalmente, como pessoas bem formadas e atentas que são. Daí que concluam estar preparados para lidar com os riscos online.

4.5 Edição de Perfil no Hi5

O presente exercício elegeu como objecto de observação o Hi5. Partindo do princípio de que é possível aos utilizadores gerirem o nível de segurança das interações que estabelecem através desta rede social, em função da quantidade e qualidade dos dados pessoais que inscrevam nos seus perfis, avaliou-se dois aspectos em particular:

- Que dados pessoais (reais e falsos) são inscritos nos perfis de utilizador,
- Qual a amplitude da exposição destes dados na rede.

Presente no horizonte desta observação esteve sempre o conceito de risco online. Com esse intuito, coube a 8 dos inquiridos entre os 12 e os 13 anos todos eles devidamente familiarizados com o uso do Hi5 (com excepção de uma rapariga de 13 anos), a tarefa de editar um registo pessoal no Hi5 (*vide* Anexos, Ponto 7.2.4). Foi-lhes pedido para indicar que informação pessoal associariam aos seus perfis e também se seria verdadeira ou falsa (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadros 9, 10, 11, 12, 13).

Interesses, Músicas, Filmes, Programas de TV e Livros Preferidos

A informação relativa aos tópicos mencionados reúne um quase consenso da parte dos inquiridos que preencheriam todos os campos e forneceriam dados verdadeiros (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 9).

Nome, Email, Password, Língua, Data de Nascimento, Género

Em relação a estes primeiros elementos básicos de identificação pessoal, mais de metade daria o seu verdadeiro nome próprio (5 em 8 inquiridos) mas alguns (3) optariam por associá-lo a um apelido falso. Sobre o campos “Email” e “Password”, quase todos (7 em 8 inquiridos) inscreveriam informação fidedigna, o mesmo verificando-se em relação a “Género” (7 em 8 inquiridos) e ao campo “Língua” (7 em 8 inquiridos). O campo “Data de nascimento” é o que suscitaria mais respostas falsas (da parte de 6 inquiridos em 8).

Sequencialmente e em articulação directa, a pergunta “Ocultar a idade?” levaria 7 dos inquiridos a não preencher o campo (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 10).

Coordenadas Geográficas

A informação vinda dos respondentes sobre coordenadas geográficas começa por ser abundante e maioritariamente fiável, mas tende tornar-se mais rarefeita, incluindo uma combinação de dados falsos e reais: assim, dos 8 inquiridos só 6 diriam qual o “País” de que são naturais; 5 dos inquiridos confirmariam as cidades em que residem, contra 3 que apresentariam dados falsos. Em relação ao campo “Endereço”, é bem evidente o acréscimo de desconfiança por parte dos inquiridos: apenas 1 entre os 8 escreveria a sua morada contra 5 deles que avançariam com informações falsas. (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 11).

Elementos Pessoais

Nesta nova reunião de elementos pessoais, o que se oferece dizer sobre primeiro aspecto que se observa neste quadro, “Sobre mim”, uma minoria daria a informações verdadeiras. Porém, a quase totalidade dos inquiridos daria uma foto sua (7 em 8) (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 12).

Email Alternativo, Nome de Utilizador de Instant Messaging e Telemóvel

É notória a propensão para apresentar dados falsos ou para nem sequer preencher os campos em questão. Em relação ao email alternativo, apenas uma rapariga indicaria um contacto verídico contra 5 inquiridos que apresentariam informação não fidedigna, a que se somam mais 2 inquiridos que não preencheriam sequer o campo em consideração.

No que respeita à apresentação do “Nome de utilizador de IM” (por exemplo no MSN), as opiniões equilibram-se com 3 inquiridas indicando que dariam a sua identificação verdadeira contra 3 inquiridos, todos rapazes, confirmando que disponibilizariam informação falsa. Em relação ao “Número de telemóvel” é quase unânime a opção de não o fornecer (6 em 8 inquiridos) (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 12).

Definições Para Ampliar ou Circunscrever a Privacidade dos Dados Pessoais

Este último segmento versa sobre um conjunto de definições susceptíveis de ser accionadas pelos inquiridos, como forma de ampliar ou circunscrever o acesso por parte de terceiros aos seus dados pessoais que constem dos respectivos perfis de Hi5.

Por uma questão de sistematização, as definições aqui observadas estão divididas em dois grupos genéricos: no primeiro deles englobam-se as definições que remetem para várias modalidades de contacto como “Definição das mensagens recebidas”, “Receber avisos de email” e “Definição de pedidos de amizade”.

Um segundo grupo integra as definições de comentários que incidam sobre os dados pessoais do utilizador do Hi5, nomeadamente “Definições de comentários ao perfil”, “Aceitação automática de comentários ao perfil”, “Definições aos comentários das fotos” e “Aceitação automática de comentários às fotos enviadas” (*vide* Anexos, Ponto 7.3, Quadro 13).

Da sua análise foi possível reconhecer duas orientações:

- Do primeiro grupo emana a clara tendência para as definições serem geridas pelos inquiridos de modo a permitir toda a espécie de contactos quer de amigos directos quer de quaisquer utilizadores desta rede social.

Relativamente ao segundo grupo de definições, quando em causa está a hipótese de disponibilizar informação pessoal dos inquiridos (incluindo fotografias), estes adoptam um comportamento mais cauteloso na interacção com os seus pares do Hi5, aspecto que se reflecte nas opções que tomariam com as definições de privacidade em apreço. Na verdade, aqui consagra-se a prevalência dos amigos directos no acesso aos dados pessoais que constam dos perfis de Hi5 dos inquiridos.

A partir dos elementos recolhidos observam-se algumas tendências:

a) Quem se inscreve no Hi5 é porque deseja socializar, daí que à partida exista uma predisposição para apresentar o seu perfil o mais cativante e completo possível, pois contactar e ser contactado, pelos amigos reais e por terceiros, faz parte do jogo que qualquer rede social propõe.

b) A noção do risco inerente à transmissão de dados de natureza pessoal é outro elemento patente nas orientações tomadas pelos inquiridos.

Com estes dois pressupostos é possível explicar os critérios de selecção da informação disponibilizada e a quem ela é destinada ou vedada. Assim, os perfis são ricos em elementos relativos aos gostos e interesses. Com a mesma profusão, são colocadas fotografias verdadeiras.

Quando se trata de fornecer elementos que possibilitem a localização geográfica mais fina, ou informação bastante mais íntima, a tendência verificada é para se cruzar dados verdadeiros com falsos. Verifica-se ainda que os inquiridos estão disponíveis para receber comentários dos amigos reais, a quem franqueiam toda a informação constante dos perfis, mas apenas metade o permite da parte de estranhos.

Os inquiridos que franqueiam o acesso a maior número de dados do seu perfil a um público mais vasto, são jovens que já demonstrarem noutros exercícios que se expõem ao risco online e que simultaneamente atestam uma maior destreza e conhecimento digital.

Por fim restam algumas dúvidas: houve situações em que alguns inquiridos não preencheram determinados campos da inscrição no Hi5. Significa isso que queriam intencionalmente deixá-los em branco ou simplesmente não perceberam o que lhes era pedido?

Verificou-se no decurso deste exercício que por vezes alguns dos inquiridos comentaram que nunca tinham reparado em determinado campo ou que o respectivo perfil de utilizador de Hi5 não estava preenchido da forma como eles estavam naquele momento a responder. Reitere-se por isso que não se procurou obter uma generalização válida, apenas

perceber que reacções teriam os jovens que activamente participaram e se envolveram neste projecto.

5. Conclusões

A averiguação do tema geral do risco online, decorrente da utilização da Internet por crianças, focada no uso do MSN, Hi5 e chats abertos, evidenciou algumas tendências que se recuperam em momento de síntese final.

Ao nível das actividades mais valorizadas pelas crianças na rede, estão os jogos online, a pesquisa para os trabalhos escolares e o uso do MSN e de chats para falar com amigos.

Estes usos são comumente privilegiados pelos inquiridos de todas as idades (8-10, 11-13 anos), apresentando-se em termos incipientes nos inquiridos de idades mais jovens e consolidando-se entre os mais velhos. As crianças e adolescentes do sexo feminino, nas duas faixas etárias consideradas⁵³, indicam sempre um leque de usos online maior que o dos inquiridos do sexo masculino.

Em relação aos riscos mais receados e enfatizados, destaca-se a entrada em salas de conversação abertas e a leitura e resposta a blogs de desconhecidos. Entre os inquiridos mais novos (8-10 anos), são os do sexo masculino que associam mais riscos aos vários usos da Internet. No segmento 11-13 anos, o cenário inverte-se, com as respondentes do sexo feminino a identificarem mais situações arriscadas na rede que os do sexo masculino. Nota-se que a noção do risco é transversal a todas as idades. A amplitude que lhe é atribuída, essa, desenvolve-se com a idade.

Do cruzamento dos dados sobre usos e riscos online, abordados pelos inquiridos, identificaram-se dois perfis gerais de usuários da Internet:

- Por um lado, quem apresenta um uso mais amplo e intenso da Internet, em regra também transmite uma percepção do risco bastante aguda. Estes são os inquiridos que levam a exploração da rede para lá das oportunidades aceites com seguras e convenientes (sobretudo os adolescentes). São também eles que dão mostras de saber como lidar com os riscos, algo que radica nas experiências acumuladas na rede. Por outro lado, quem explora menos as utilizações possíveis da Internet, manifesta uma noção do risco online pouco substancial. Sobressai a lacuna de uma vivência digital efectiva, que se reflecte na falta de competências para controlar riscos. No âmbito deste último perfil, verificou-se ainda que crianças com uma

⁵³ A diferença, mínima em relação aos meninos dos 8-10 anos, já é mais vincada entre rapazes e raparigas de 11-13 anos.

vivência digital menos rica e variada, exprimem uma noção de risco online especialmente aguda. Neste caso, põe-se a hipótese de a falta de experiência conduzir a um receio face ao que não se conhece ou não se experienciou na rede.

No contexto da vertente comunicacional da Internet e em sintonia com os usos e riscos online realçados, apurou-se que o recurso ao MSN e a chats com amigos reais é relevado pelos inquiridos em geral. A sua adesão, maioritária entre os 8 e os 10 anos, é absoluta entre os 11-13 anos, não existindo clivagens de género na faixa 8-10 anos. Entre os mais velhos, os adolescentes do sexo masculino distinguem-se das raparigas na medida em que todos os seus elementos enfatizam este uso.

O Hi5⁵⁴, também em posição cimeira, ganha projecção a partir dos 9-10 anos, ligado ao claro desejo de socializar que começa a irromper nestas idades. Entre os 11-13 anos, a sua difusão é quase total e sublinhada por jovens de ambos os sexos.

As salas de conversação abertas são o serviço de comunicação online menos considerado por crianças e jovens. O conhecimento e o uso rarefeitos observados⁵⁵, prendem-se com o facto de os contactos com estranhos na rede serem o tipo de comunicação que propiciam e simultaneamente aquele que os inquiridos dizem mais recear.

Quase todos os inquiridos manifestam ter incutida a noção de risco online e sabem distinguir as diferentes formas e graus de intensidade que este pode tomar, dependendo do serviço de comunicação online em causa. Em geral, também dizem saber lidar e contornar cada risco específico para o MSN, Hi5 e chats abertos: entre os 8-10 anos, as crianças sabem explicitar minimamente estas noções. Dos 11-13 anos, a exposição dos adolescentes é bem mais elaborada e fundada na experiência, se bem que note um dissídio entre o que dizem dever fazer e o comportamento adoptado, por vezes arriscado.

Segundo os inquiridos, a noção de risco que têm interiorizada, foi-lhes transmitida pelos pais, amigos, irmãos e primos; também indicam que a ganharam através dos media e da acção das autoridades policiais. Entre os mais velhos, alguns referem que esta é uma noção que desenvolveram naturalmente, na medida em que são pessoas bem formadas e atentas^{56,57} e daí que concluem estar preparados para lidar com os riscos online.

⁵⁴ Ganha projecção pela dupla possibilidade que dá de replicar online a rede de contactos offline e de promover o contacto com elementos desta vasta rede social.

⁵⁵ Entre os 8-10 anos, só três crianças conseguem explicar no que consiste. O cenário inverte-se entre os 11-13 anos, com todos os elementos (10) a lidar perfeitamente com o conceito em causa mas fazendo dos chats abertos uma utilização mínima.

⁵⁶ Em nome desta defesa baseada na informação, muitos indicam o seu cuidado em não ter amigos virtuais, “os amigos do nada”, a fonte de todos os problemas, na opinião geral dos inquiridos, e por isso sentem-se a salvo.

Recuperam-se por fim resultados alcançados neste estudo, relativos à iniciação ao online, à mediação parental e escolar e os moldes em que é exercida sobre crianças mais novas e adolescentes. Os dados obtidos indicam que em geral as crianças começam a aceder e a usar a Internet a partir dos 6-8 anos. Quem lhes transmite as primeiras competências digitais e as acompanha ao início, são os pais e os irmãos/primos mais velhos. Contudo, a partir dos 9, 10 anos os progenitores vão perdendo este ascendente, residual já na adolescência. Em contraponto, irmãos/primos mais velhos, mantêm a sua influência de forma constante até à adolescência.

A mediação parental exerce-se com realce sobre o tempo passado a navegar e com menos relevo sobre conteúdos visitados. É sobre os filhos mais novos que esta se apresenta mais apertada, afrouxando à medida que estes crescem. E contudo, são sobretudo os adolescentes (e não as crianças mais novas) que vivem com mais frequência situações arriscadas na rede. Em regra quando as crianças navegam em casa, os pais não estão presentes fisicamente; indo apenas de vez em quando ver o que os filhos estão a fazer. Os inquiridos mais velhos, por seu lado, referem que os pais lhes transmitem conselhos, fazem chamadas de atenção ou então, os jovens dizem conhecer implicitamente o que os pais não querem que façam.

A casa é o lugar onde a exploração da rede é mais livre e poderá ser mais ampla e rica. Em contraponto, a escola é onde o acesso e uso da Internet são mais condicionados, sem margem para explorar a riqueza da rede, uma orientação pouco vocacionada para uma utilização segura do online. Constatam-se ainda que os inquiridos mais novos não contestam os ensinamentos ou orientações vindos dos professores, ao contrário dos respondentes adolescentes.

O conjunto dos resultados assim realçados é de molde a indiciar pistas confirmatórias da hipótese de investigação inicialmente levantada. Esta preconiza que os riscos online a que as crianças se expõem, podem ser minimizados através do investimento numa literacia digital em idades jovens, pelos 6, 7, 8 anos. Com efeito, o presente estudo indica que é nestas faixas etárias que a maioria dos inquiridos, por vontade própria, iniciam as suas experiências na rede. As crianças são movidas sobretudo pela sua curiosidade natural e pelos exemplos da família, para além de manifestarem elevada permeabilidade e receptividade a ensinamentos dos mais velhos. Este é pois um momento propício para os pais (e irmãos mais velhos também) assumirem o papel de companheiros dos filhos na exploração da web. Cabe-lhes franquear o acesso a actividades preferenciais. Devem ainda aproveitar o ensejo e promover a descoberta de outras potencialidades que a Internet oferece, estimulando nos mais novos hábitos seguros de utilização e procurando despertar-lhes valências críticas de avaliação dos conteúdos,

tirando partido das melhores condições de acesso e uso da Internet em casa. Esta relação de partilha de experiências deveria prolongar-se no tempo, adaptando-se às necessidades dos mais novos nas suas relações com o online à medida que vão crescendo. Recorde-se como a partir dos 9-10 anos as crianças começam a afirmar a sua autonomia no que respeita ao uso da Internet, tendência que se acentua em definitivo na adolescência. Considera-se no entanto essencial que os progenitores se mantenham atentos e com uma postura pró-activa nesta fase (da adolescência) em que mais se vivem situações arriscadas na rede. Além disso, ao preservar alguma proximidade sobre os filhos mais velhos, tal poderá repercutir-se indirectamente nos mais novos, por via do ascendente que estes mantêm sobre aqueles.

Sublinhe-se que a eficiência das propostas expressas depende consideravelmente do nível de competências digitais dos progenitores e em muito da motivação e envolvimento activo dos mesmos⁵⁸. Tudo isto pressupõe uma reflexão sobre a mediação parental enquanto estratégia de articulação de vida em família⁵⁹. Esta deve reflectir o respeito por um modelo de auto-regulação dos riscos pelas crianças, desenvolvido em cumplicidade atenta da parte de familiares mais próximos.

Por sua vez, à escola cabe dar prevalência a uma vivência digital mais ampla e variada, menos dominada pelo acesso e usos restritos, como forma de proteger alunos. Contactar com o risco, para além de ser uma inevitabilidade é necessário como estratégia de “vacinação online”.

Apesar de o risco online não ser eliminável ou anulável, está ao alcance das crianças controlá-lo. Como? Tendo noção de que existe, conhecendo as formas que pode assumir, e integrando valências críticas, as ditas literacias digitais, que permitam saber lidar eficientemente com situações arriscadas. Recorde-se como os inquiridos com a noção mais aguda do risco são os que dispõem de conhecimentos e de vivências online mais ricos. Em síntese, fará sentido sublinhar as potencialidades da auto-regulação dos riscos pelos mais novos, devidamente sustentada numa literacia digital, promovida por pais, familiares, educadores e professores, a partir dos 6- 8 anos, quando o acesso e uso à Internet é uma novidade sem sombra de risco.

58 No presente estudo, a questão do fosso geracional ao nível de conhecimentos digitais nem é muito vincada, pois os progenitores destas famílias, genericamente de classe média, manifestam competências digitais consideráveis. Porém estas valências não se repercutem numa consentânea supervisão das suas crianças na rede.

59 A Internet e o seu uso seria algo vivido e partilhado por todos os membros, num respeito mútuo pelas necessidades e privacidade de cada qual, em nome de uma concepção democrática de família.

6. Referências Bibliográficas

- Barra, Marlene (2004), *Infância e Internet: Interações na Rede*, Azeitão, Autonomia 27.
- Beck, Ulrich (1992), *Risk society. Towards a new modernity*, London, Sage.
- Boyd, Danah; Ellison, Nicole (2007), *Social network sites: Definition, history, and scholarship*, *Journal of Computer-Mediated Communication*.
- Boyd, Danah (2007), *Social Network Sites: Public, Private, or What?*, Knowledge Tree 13.
- Boyd, Danah (2007), *Why Youth (Heart) Social Network Sites: The Role of Networked Publics in Teenage Social Life*, Cambridge, MIT Press.
- Bringué, Xavier; Sábada, Charo; García, Fernando e González, Diana (2007), *Infancia y medios de Comunicación, Un estudio aplicado en Castro Urdiales*, Fundación Ana M^a de la Lama y Salvarrey.
- Buckingham, David e Willet, Rebekah (2006), *Digital Generations, Children, Young People, and New Media*, Lawrence Erlbaum Associates.
- Buckingham, David, (2007), *Beyond Technology, Children's Learning in the Age of Digital Culture*, Cambridge, Polity Press.
- Cardoso, Gustavo; Espanha, Rita e Lapa, Tiago (2007), *E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*, Lisboa, Relatório Final, Apoio à investigação da Fundação Portugal Telecom, Lisboa, CIES-ISCTE.
- Fernández, Fernando García (2006) *¿Chateamos? Análisis educativo de esta nueva forma de comunicación*, Cívértice.
- Fernández, Fernando García e Sala, Xavier Bringué (2007), *Educación Hijos Inter@ctivos*, Alcalá, Ediciones Rialp.
- Garitaonandia, Carmelo e Garmendia, Maialen (2007), *How Young People Use the Internet: Habits, Risks and Parental Control*.
- Hasebrink, Uwe, Livingstone, Sonia, Haddon, Leslie, Kirwil, Lucyna e Ponte, Cristina (2007), *Comparing Children's Online Activities and Risks across Europe: A Preliminary Report Comparing Findings for Poland, Portugal and UK*, London, The London School of Economics and Political Science.
- Lenhart, Amanda e Madden, Mary (2007), *Social Networking Websites and Teens: An Overview*, Pew Internet & American Life Project.
- Lobe, Bojana, Livingstone, Sonia e Haddon, Leslie (2007), *Researching Children's Experiences Online across Countries: Issues and Problems in Methodology*, London, The London School of Economics and Political Science.

Livingstone, Sonia (2003), Children's use of the Internet: Reflections on the emerging research agenda, *New Media & Society*, Sage Publications.

Livingstone, Sonia; Bober Magdalena, (2004) Taking Up Online Opportunities? Children's uses of Internet for Education, Communication and Participation, E-Learning.

Livingstone, Sonia, (2004), Children's Privacy Online: Experimenting with boundaries within and beyond the family, London, Medi@LSE.

Livingstone, Sonia; Bober Magdalena (2006), Regulating the Internet at Home: Contrasting the Perspectives of Children and Parents, Lawrence Erlbaum Associates.

Sonia, Livingstone (2007), UK Children Go Online: Balancing the opportunities against the risks, London, Medi@LSE.

Livingstone, Sonia (2007), Mapping the possibilities for beneficial online resources for children: Issues of trust, risk and media literacy, London, Medi@LSE.

Livingstone, Sonia (2007), Strategies of parental regulation in the media-rich home, London, Medi@LSE.

Ponte, Cristina; Vieira, Nelson (2007), Crianças e Internet, Riscos e Oportunidades Um desafio para a agenda de pesquisa nacional, Lisboa.

Ponte, Cristina; Candeias, Cátia (2007) Crianças e Internet – que acesso e usos? Que potencialidades e que riscos dessa relação?, Lisboa, OBERCOM.

Prestes, Roberto Balaguer (2005), El chat y el Messenger: instrumentos de entrenamiento en comunicación para tiempos de incertidumbre y baja atención.

Valkenburg, Patty; M.; Soeters, Karen E. (2001), Childrens' Positive and Negative Experiences with the Internet, An Exploratory Survey, Sage Communications.

Valkenburg, Patty; M.; Peter, J Jochen; Schouten, Alexander P. (2006). Friend networking sites and their relationship to adolescents' well-being and social self-esteem, *CyberPsychology and Behavior*.

Valkenburg, Patty M.; Peter, Jochen (2007), Preadolescents' and adolescents' online communication and their closeness to friends, *Development Psychology*.

Valkenburg, Patty. M.; Peter, Jochen. (2007). Online communication and adolescent well-being: Testing the stimulation versus the displacement hypothesis, *Journal of Computer-Mediated Communication*.

Willard, Nancy E. (2007), Cyber-Safe Kids, Cyber-Savvy Teens, Helping young People Learn to Use the Internet Safely and Responsably, San Francisco, John Willey & Sons, Inc..

7. Anexos

7.1 Perfis Individuais dos Inquiridos

7.1.1 Henrique, 8 anos

O Henrique teria 6, 7 anos quando, por iniciativa da mãe, começou a descobrir a Internet na sua companhia, embora não saiba precisar *o que ia procurar*.

Agora, já com 8 anos, a Internet continua a não ser especialmente interessante; na verdade, só os jogos online o entusiasma. Na escola, por exemplo, usa-a sob a estrita orientação da professora, e apenas para pesquisas ligadas aos trabalhos.

É em casa do pai e da mãe que este menino diz ter uma maior margem de manobra para descobrir o que mais gosta na rede. Aí, tem autonomia para navegar sozinho, ainda que sob a supervisão à distância ou o conhecimento por parte dos pais acerca do que vai visitar: *Às vezes estou sozinho, outras vezes estou com a minha mãe. (...) Eu digo por onde é que vou. Ela está lá sentada no sofá e eu estou na sala mais pequena, no computador... Normalmente quando estou com o meu pai, ele não está a ver. O computador que mais usa para aceder à Internet, é o portátil da mãe que está sempre na sala.*

Nos seus hábitos online incluem-se a pesquisa de informação para os trabalhos da escola, o uso do MSN e descarregar ficheiros. Mas o seu interesse maior, repita-se, é canalizado para os jogos online que pesquisa através do Firefox (como lhe ensinou o pai, revela, orgulhoso).

O Henrique é quem controla o tempo que passa a navegar e que não deve ultrapassar 40 minutos de seguida. Contudo, não tem o hábito de aceder todos os dias à Internet. Quando o faz, é sempre depois de chegar da escola, antes do jantar e depois, às vezes.

Em relação aos conteúdos que não pode visitar, os pais são peremptórios: *Não posso ver... assim, coisas... sites que não são para a minha idade! (...) Não me deixam jogar jogos muito violentos.*

Em definitivo, para o Henrique a Internet não é o meio para interagir com os amigos nem constitui assunto de conversa com eles: *Eu não sei, não sei o que é que os meus amigos fazem na net, não sei se eles têm net.* Apesar de ter uma conta no MSN, criada pela mãe, apenas se serve dela de vez em quando, para falar penas com familiares. O Henrique confunde o conceito de correio electrónico com o de site, tendência já constatada e generalizada entre os inquiridos mais novos. Conhece o YouTube e sabe como aceder a este site: *Eu costumo ir lá, eu sei de cor, eu sei escrever.* O pai falou-lhe do Hi5, na manhã antes da entrevista: *O meu pai hoje estava a falar comigo e com a minha mãe e disse-me isso, disse-me o que é que*

era.(...) Não me estou a lembrar muito, mas acho que era para mandar assim... mandar mensagens....

O pai também lhe explicou que há pessoas “más” na Internet. O Henrique assimilou as palavras e algum do seu sentido, o que deixa alerta. Só não sabe ao certo em relação a quem ou a quem. Daí as ideias efabuladas que transmite: *Às vezes, quando estamos no MSN, raramente, há pessoas que estão a ouvir, aparecem lá pessoas no meio.* Face a várias situações hipotéticas envolvendo risco online que lhe foram colocadas, a sua reacção automática do seria procurar a mãe, relatar-lhe o sucedido, confiando nela e nas suas opiniões. É com ela que o Henrique vive e é ela quem se encarrega da sua educação activa de forma constante, incluindo-se aí as questões informáticas e do online: *Às vezes ela quer mostrar-me programas; eu não quero ver, mas ela insiste! É capaz de me desligar a televisão!...Mas eu não quero ver os programas!* Por outro lado, o Henrique é muito influenciado pelo pai que apesar de não viver com ele, é um exemplo a replicar e cujas chamadas de atenção ou indicações merecem a sua genuína adesão.

7.1.2 Júlia, 8 anos

A Júlia frequenta o 3º ano de escolaridade e apesar dos seus 8 anos, expressa uma desenvoltura considerável no que toca à sua vivência online. Por exemplo, ela explica como é mais fácil para si encontrar as moradas dos sites de jogos se os organizar nas bookmarks. Este traço do seu perfil resulta da influência determinante do pai e da mãe, ligados profissionalmente à área multimedia. Daí que em casa desta menina haja diversos computadores, fixos e portáteis, (a Júlia usa o do pai para as suas explorações online) televisões, telemóveis, leitores de dvd, vídeo e um Gameboy no seu quarto, remata.

A Júlia é uma das crianças entrevistadas com uma supervisão parental activa e efectiva. O pai ensina-a, apresenta-lhe as novidades e leva-a a experimentá-las sob a sua supervisão. A mãe constitui o exemplo indirecto, a quem ela observa a fazer *coisas na net* que depois vai repetir. A Júlia refere mesmo que foi por causa da mãe que quis aceder à Internet aos 7 anos: *Tinha visto a mãe a andar na Internet e fui experimentar.*

Esta menina acumula algumas experiências efectivas de utilização na rede desde a área do jogos online às pesquisas, passando pelo uso do chat do Gmail para comunicar com a mãe com a ajuda do pai, à construção do blog na escola, ou o MSN.

Tal como outros meninos e meninas da mesma idade, revela uma tendência para confundir conceitos (por exemplo, o email com o MSN). Depois de se se lhe explicar o que é,

invariavelmente a Júlia reage demonstrando não só que conhece a ferramenta em causa, como já a usou.

Está ansiosa para falar daquilo que conhece na rede e mostra com esse à vontade um domínio suficiente para ensinar o irmão de 4 anos e a avó também. É em casa que a Júlia gosta de se ligar (onde pode ver o que lhe apetece, os sites de jogos que os pais já conhecem), apesar de também o fazer na escola e na casa da avó, onde passa muito tempo.

A ideia do risco online é um aspecto que tem inculcado mas que não está pacificado. Ao ser questionada acerca de perigos possíveis associados ao MSN, fica muito atrapalhada. Responde dizendo que o pai já lhe explicou que pode ser perigoso. Mas daí apenas reteve o fim da mensagem: que não se pode dar dados a pessoas. A forma que o risco pode tomar e o que daí deriva, é algo que ela não percebe ou que pelo menos não consegue verbalizar. Na verdade, ela balbucia apenas, mostrando-se incapaz de construir uma frase com princípio, meio e fim, ao contrário do estilo escorreito e expedito que marcou toda a conversa, dando sinais não se sentir nada confortável com o assunto.

7.1.3 Madalena, 8 anos

A experiência com a Internet que a Madalena demonstra, é própria de uma iniciada. A maioria dos conhecimentos que tem, vai bebê-los às aulas de informática, incluídas no plano curricular da escola que frequenta. Foi nesse contexto que julga ter acedido à rede pela primeira vez (apesar de não estar muito certa). Aí, experimenta de tudo um pouco, em termos adequados para a sua idade. Denota-se porém que não transporta esta experiência para casa, provavelmente por falta de um ambiente que o propicie. O seu irmão mais velho, que segundo a tendência habitual, deveria funcionar como um importante difusor de informação e hábitos online, demonstra um desprezo pela Internet em termos gerais, estando a sua experiência apenas focada nos jogos online; sendo esse o legado que transfere para a irmã.

De entre os 20 inquiridos, esta menina é a única que ainda não inclui nos seus hábitos online o uso de IM, chat ou sites de redes sociais. Assim se compreende que a sua primeira reacção ao ouvir falar destes serviços de comunicação, seja perguntar o que é. Depois, na sequência do diálogo, por vezes grita: *Ah! já sei, já fiz isso na escola.*

No que respeita aos riscos online, a Madalena demonstra ter uma noção mínima, recebida do pai. No seu discurso aflora a figura do “ladão” que se apropria dos seus dados pessoais que coloque online, para a vir procurar e roubar, em casa ou na escola.

O pai é mencionado várias vezes nas suas descrições como a pessoa que a acompanha na navegação, apesar de ela costumar estar mais vezes sozinha: *Às vezes ele diz o que é que eu*

tenho que fazer, porque às vezes ele vai à procura comigo de jogos e também me ajuda a fazer outras coisas. Mas às vezes vou eu sozinha, porque eu já sei onde estão os jogos. Também elege o pai como o grande conhecedor e utilizador da Internet da família.

Limites de utilização da Internet, impostos pelos pais em casa, aparentemente não existem. Na verdade, pela resposta que dá, a Madalena não entendeu o que lhe foi questionado (ela fala da má utilização do computador, quando lhe foi perguntado se tem limites, de tempo e conteúdos, para navegar): *Se eu não conheço uma coisa, o melhor é não tocar senão ainda me vou meter em problemas... Eu lá na escola, um dia, quando estávamos nos computadores, eu mexi numa coisa e fiz asneira.*

A Madalena diz que vai quase todos os dias à Internet, depois de terminar os trabalhos de casa, antes do jantar e às vezes um bocadinho depois, mas, *É só algum tempo porque depois o meu pai às vezes também quer ir lá.*

7.1.4 Mário, 9 anos

Para o Mário, a Internet é sinónimo de jogos online. De resto, nada mais lhe desperta o interesse.

A sua iniciação à Internet deu-se na escola no âmbito das aulas de informática. Neste contexto, tem a possibilidade de conciliar um uso dirigido com a pesquisa livre: *Procuramos às vezes imagens e outras vezes, quando temos aula livre, se já fizemos os trabalhos todos, vamos procurar jogos ou então vamos à procura de outras coisas.*

Em casa, costuma navegar sozinho, sem a presença ou auxílio dos pais: *O meu pai só me ajuda a meter a Internet.* Na sua óptica, o pai e a mãe são ambos os grandes conhecedores desta tecnologia e os seus principais utilizadores. Depois de feitos os trabalhos de casa, está disponível para navegar, no sofá da sala, no computador dos pais: *É um quarto de hora todos os dias, dia sim, dia não... Às vezes eu chego a estar uma hora, mas se pudesse era capaz de ficar uma tarde inteira.*

O Mário não percebe o que são motores de busca, mas conhece o SAPO, apesar de não ir lá, e usa o Google. Em relação ao Hi5, *Acho que é, como se chama, o MSN*, diz ele. Por sua vez, o email é o correio, e a diferença entre o correio electrónico e o MSN, reside no facto de este último *não deixar mandar fotos, só falas.*

O sentimento do Mário em relação aos serviços de comunicação é de total desinteresse, sendo impermeável à influência dos seus pares: *Os meus amigos têm todos isso* (contas no MSN). Tem um email: *... mas nunca o vejo porque não gosto.*

Este menino tem sedimentadas noções precisas e correctas do risco que envolve o uso de determinadas utilizações online. Não deixa contudo de manifestar algum nível de efabulação. Neste âmbito, os *ladrões*, mencionados em várias ocasiões a propósito dos riscos, são a personificação do adulto que pretende raptar crianças, desde que estas deixem pistas sobre onde moram na Internet.

Em relação ao Hi5, antes de se lhe fazer alguma pergunta, o Mário a lança para o ar: *Nunca se metem fotografias*. Questionado sobre o porquê desta observação, responde: *Algum ladrão pode ver e vir à procura de nós*. Neste caso foi o pai quem o alertou para os *ladrões*.

7.1.5 Lúcia, 9 anos

A Lúcia é uma menina que denota uma relação equilibrada com a web, expectável para os seus 9 anos, traços perceptíveis tanto pelo tempo que passa online como pelo número e tipo de aplicações que busca na Internet.

As primeiras utilizações desta tecnologia deram-se no contexto das aulas de informática da escola. Aí, criou o blog da turma, o seu email e aprendeu a fazer pesquisas para os trabalhos escolares. Em casa, reserva a Internet para os jogos online, *Ou então para ver algum mail*.

Em sua casa, a Lúcia navega num computador “dos grandes” que está no quarto do irmão mais novo. Em regra está sozinha e esporadicamente é acompanhada pelo pai. Da parte dele vem algum auxílio: *A mim ajuda-me a desligar (a Internet); a ligar sei eu sozinha*. É à figura do pai que a Lúcia associa directamente os limites de tempo que pode ou não passar online: *A mim o meu pai só me deixa jogar um bocadinho senão gastamos muita Internet (...) 15 m*. Mas vai dizendo: *Às vezes, quando estou cá em casa sem os meus pais, é que jogo um pouco mais que um quarto de hora. Uma hora e meia é o máximo, senão o meu pai vai lá ralhar comigo*.

O uso da Internet é remetido para depois dos trabalhos de casa: *Quando tenho tempo para brincar; quando estou de férias, jogo de manhã ou à tarde ou então antes do jantar*. É também o pai quem a Lúcia destaca, tanto pela intensidade utilização como pelo nível de conhecimentos sobre a Internet.

Neste contexto de aprendizagem e acompanhamento familiar, a mãe é uma remissão constante no discurso desta menina: é ela quem lhe cria uma conta no Gmail, é com ela que a Lúcia que fala na ferramenta de IM no Gmail, é dela que recebe mensagens com vídeos e indirectamente é pela mãe que entra em contacto com o YouTube. Em suma, de uma forma

muito prática, a mãe emerge como elo do afecto e da cumplicidade, assumindo-se como par da sua filha na comunicação online que ela começa a experimentar.

A Lúcia diz usar o Google, fala no YouTube com entusiasmo, mas não o descreve com exactidão. Sabe o que é o Yahoo mas não usa muito. Sabe explicar para que serve o MSN e o email: *É uma maneira de comunicarmos com os outros*. Apesar dos conhecimentos que demonstra, confunde alguns conceitos, algo que se constata entre os inquiridos mais novos.

Dá mostras de ter alguma percepção efectiva do risco, sabe verbalizar no que consiste e indica mesmo com assertividade as medidas que tomaria. Face a um email de remetente desconhecido, o primeiro ímpeto da Lúcia é para abrir de imediato e ver o que contém. Depois, reconsidera: *Ia perguntar à minha mãe e depois apagava*. Se num site de jogos lhe propussem ganhar um bilhete para um concerto em troca do preenchimento de um formulário com o nome, morada, idade, a Lúcia exclama: *Ai eu não faço nada! (...) Eu não metia nada. Eles sabem a nossa morada e depois podem vir... roubar*. “Eles” são, segundo a Lúcia, “ladrões”. Os “ladrões” são invocados não só por esta menina mas também por outros inquiridos mais novos para se referirem a desconhecidos que a partir da extorsão de informação pessoais, procuram localizar os mais novos, em casa ou na escola, para os roubar, isto é raptar. Ao perguntar quem lhe falou nos “ladrões”, a Lúcia indica o pai. Em suma, a noção de risco está presente, se bem que associada a uma dose de alarmismo. A pouca experiência e maturidade para isso contribuem. De resto a Lúcia, parece ser acompanhada, em casa e na escola, algo raro entre a generalidade dos inquiridos. Tal poderá jogar a seu favor no âmbito do envolvimento futuro com o online em termos de segurança.

7.1.6 Camila, 9 anos

A Camila demonstra uma motivação e curiosidade surpreendentes face à Internet. É também muito amplo o leque de utilizações que esta menina diz incluir nos seus hábitos online (tendo assinalado 9 utilizações em 15 possíveis, o valor mais alto no seu segmento etário). Sendo a mais nova de 3 irmãs, obtém da parte destas dicas e companhia para navegar. O pai também exerce uma forte influência sobre a filha. Tudo se passa em casa, o computador que usa agora é mais actualizado, mas ao início *era o outro computador velho, que era nosso, era da família*. *Estava na sala, a sala de todos*, explica a Camila. Tanto navega sozinha, *à vontade*, como com a irmã do meio; a irmã mais velha *diz-nos sites novos*. A Camila faz parte do número muito reduzido de inquiridos que necessita de autorização prévia do pai para aceder à Internet, uso que varia em função dos dias da semana: *Telefone ao meu pai a*

perguntar se posso ir. Se o meu pai disser sim, eu vou. Aos fins-de-semana, nós vamos e o nosso pai quando achar que chega, diz que chega... ao fim de meia horinha, para as duas (irmãs). Mas por vezes, nem sequer consegue a autorização desejada. Ainda sobre os limites, a Camila comenta que Os nossos pais não gostam que usemos a net! Ora, porque preferem que nós estejamos aqui, na sala, todos juntos, a conviver e isso a estarmos no computador.

De acordo com a menina, o grande especialista em Internet é o pai: *Ele é que está lá metido, ele é que vai lá, ele é que sabe mais. E nós também sabemos. A mãe é que não sabe muito.* Aos seus olhos, a maior utilizadora da Internet, é ela mesma.

A Internet, segundo a Camila, *serve para fazemos trabalhos, da escola e para fazer outras coisas... podemos...conversar com os amigos, podemos perguntar se temos trabalhos de casa, se nos esquecermos, podemos fazer muitas coisas mais.* Do que mais gosta é dos jogos (e de tal modo, que no exercício sobre utilizações preferidas da rede, assinalou 3 cruzeiros aos jogos online, quando o máximo convencionado neste exercício, para usos predilectos, eram duas cruzeiros).

A Camila tem MSN mas diz usar pouco; nota-se que lhe faltam pares com quem estabelecer uma interacção mais constante.

Face ao Hi5 reage: *Nós sabemos o que é o Hi5, mas não temos...ainda*, e sublinha-o lamentando. Depois acrescenta: *Há uns colegas meus que têm, mas aldrabam a idade!*

Chats, não usa. Tem o correio electrónico do MSN que lhe serve para falar com os colegas e os primos. De tudo isto é patente o domínio exacto que a Camila tem dos conceitos mencionados, sem nunca se atrapalhar com eles ou confundi-los.

Esta menina tem noções relativas a riscos online, embora não as consiga explicar com exactidão e por vezes as hiperbolize, como é recorrente no discurso dos inquiridos mais novos. Segundo ela, o risco conjuga-se com vírus que estragam o computador e com conteúdos violentos. Está associado o perigo de não se saber com quem se está a falar na Internet, o que a pode assustar e *ter pesadelos à noite*. A consequência máxima, e que na sua perspectiva decorre por exemplo de entrar em salas de conversação abertas, é ser assaltada: *Podemos dizer algumas informações sobre nós e depois eles virem-nos assaltar, a casa ou a nós.* Descarregar toques e imagens para o telemóvel é uma fonte de problemas: *Eu não gostei disso porque uma colega minha fez um toque que gostava muito e então uma colega minha fez isso e tinha que pagar 4 euros sempre que tinha saldo, todas as semana. é muito dinheiro. E nem ouvia o toque, não dava o toque.*

Neste momento a Camila demonstra estar familiarizada com uma série considerável de aplicações da Internet e de ter noções substanciais sobre riscos online para a sua idade. Pelo

seu carácter aliado ao contexto familiar que lhe é favorável, gosta de experimentar e arriscar. Contudo, e também devido aos seus 9 anos, a sua vivência online terá ainda que amadurecer para se tornar mais consequente.

7.1.7 Paulo, 10 anos

Foi para *fazer jogos* que aos 8, 9 anos, o Paulo começa a usar a Internet. As primeiras explorações acontecem no computador de casa; o seu companheiro e instrutor na altura é o pai: *Ensinou-me a ir aos sites e a escrever as letras e as coisas que eu não percebia; ia tentando e desenrascava-me. Ele só dizia e depois ia-se embora.*

Hoje, com 10 anos, o Paulo acede quando quer: *Eu estou por minha conta (...)* *Quando está aqui alguém e for importante, eu peço, mas se não está aqui ninguém, venho e faço o que quero.* Navega no computador “que é de todos”, colocado na marquise do quarto dos pais (a sala comum já têm o espaço saturado com a televisão de ecrã gigante, dvd, vídeos, aparelhagem, telefone e livros). E assim, remete-se para uma experiência muitas vezes solitária, outra vezes partilhada com o irmão de 13 anos que lhe mostra os vídeos que “sacou”.

Na opinião do Paulo, o irmão é mesmo o principal utilizador da Internet, enquanto o pai se destaca por ser o grande entendedor do online. Já o Paulo, não vem muito à net, *Venho quando calha.* É entre ao final do dia, entre as 7 e as 9 horas da noite, que se dedica a navegar e no máximo durante uma hora: *Ao fim-de-semana, normalmente uso menos, tou mais a jogar jogos.*

Autorizações, regras ou limites de utilização da Internet, não os tem dos pais. Estes, apenas lhe chamam a atenção para o tempo que voa quando está a jogar nas consolas, em definitivo o mundo do Paulo.

Na escola, apesar de haver computadores e acesso à Internet, *ninguém os usa, porque só durante uma hora é que tá aberto.* Fora desta hipótese de utilização livre, é no contexto das aulas que a Internet volta a surgir, dirigida pela professora, para fazer trabalhos da área de projecto. Pelas condições apontadas, o Paulo sente que na escola que está sujeito a um maior controlo no uso da Internet do que em casa.

Este menino não vê grande utilidade no email; o pai criou-lhe uma conta, *mas não vou lá há tanto tempo que desconfio que já a cancelaram.* Tem MSN, quem lho criou foi a prima muito mais velha, tinha ele 9 anos; e foi o primo quem lhe deu a ideia para o nickname que usa. Da sua lista de contactos fazem parte os amigos da escola antiga mais dois da escola nova.

Questionado sobre potenciais riscos online, entende que *Não há perigo nenhum em usar o MSN, apesar de que há pessoas que eu não conheço... mas também acho que isso é um*

pedaço estúpido. Conhece o Hi5 mas não “foi lá” nem não sabe explicar bem o que é. O mais importante de todas as utilizações online para si é o download de ficheiros: Eu normalmente só vou a um site que é o YouTube e depois procuro no Google (...) trabalhos para a escola. E tenho coisas para jogos.

Em definitivo, as preocupações que o afligem ocorrem offline e remetem directamente para o aparelho do computador na justa medida em que este pode ser contaminado com os vírus contraídos na Internet, ao descarregar ficheiros. Na mesma linha, é no mundo real que resolve os seus problemas: se hipoteticamente for importunado por alguém da escola que o queira difamar online, *Se por acaso a conhecesse da escola, dava-lhe porrada.* A percepção do risco está presente no seu discurso de forma consciente, mas desvaloriza os riscos decorrentes de se estar na rede, provavelmente por carecer ainda de maturidade e experiência digital suficientes.

7.1.8 Luísa, 10 anos

Entre o computador e a televisão, a Luísa prefere a última: *Porque se via as notícias e podia ver telenovelas que gosto.* Esta menina de 10 anos é das crianças que menos disponibilidade rende à Internet, no cômputo geral dos seus hábitos: outros afazeres ocupam-na, desde as aulas de piano, passando pelas exigências acrescidas que sente, e sublinha várias vezes, da parte da escola, agora que frequenta o 5º ano. Esta falta de tempo é a razão para a Luísa quase se ter desinteressado do email e do MSN, depois de os ter usado bastante, no 3º e no 4º anos.

Hoje, a importância da Internet gira em exclusivo em torno dos jogos. Na verdade, já aos 8 anos eram os jogos que a impeliam para a rede. A somar a isso, *Eu queria ir (à Internet) e o meu pai queria ensinar-me.* Desta coincidência de vontades entre pai e filha, vão resultar os primeiros ensinamentos e explorações online, realizados no computador de casa.

Hoje, a Luísa desistiu de usar a Internet na escola, por ser muito lenta, e recorre só ao computador familiar que está na sala. Navega quando este não é ocupado por mais ninguém, umas vezes sozinha e outras acompanhada pelos pais: *Costumam sentar-se ao meu lado. E às vezes vêm. Deixam-me navegar à vontade.* Não tem uma ideia precisa de quanto tempo passa online, mas é de certeza mais ao fim-de-semana e nas férias.

Se na sua opinião o pai se destaca como o maior conhecedor e o principal utilizador desta TIC, a Luísa confirma que também ela já ensinou a mãe e a tia a usar a Internet.

A Luísa não tem noção das utilizações que faz da Internet; mas à medida que decorre a entrevista, vai tomando consciência de outras actividades online que lhe são familiares. O

YouTube emerge de entre as suas preferências: *É um site onde se põem filmes de várias coisas. Às vezes vou lá para ver vídeos do Gato Fedorento.* Na sequência desta explicação, não se dá conta, mas relata, com toda a naturalidade, uma situação que configura um caso típico de bullying: (...) *ou então, na escola do meu primo, (...) eles fazem filmes, porque as professoras têm graça... e cada vez que filmam uma professora a dizer coisas engraçadas ou a ficar amuada por tudo e por nada, eles põem no YouTube. Eu vejo, mas é só quando o meu primo avisa.* Já usou o Skype com o pai, mas só depois de falar um pouco nas chamadas telefónica pela Internet é que ela percebe o conceito. A Luísa sabe muito bem como funciona o Hi5: *É a mesma coisa que o MSN, só que conhece-se pessoas que não conhecemos.* Acrescenta que os colegas da escola têm Hi5, mas tal não é motivação suficiente para aderir ao fenómeno: *Para as pessoas que estão habituadas a ir tem interesse, mas para as pessoas que não estão habituadas não tem.*

Esta menina demonstra ter uma percepção do risco online organizada, esclarecida e tranquila que baste para os seus 10 anos de idade: sobre o MSN, sintetiza: *Não é perigoso se se conhecer a pessoa com quem se fala. Mas se não conhecer, pode ter algum risco. Pode dar alguns dados e correr o risco de ser raptada ou alguma coisa assim de mal....*

Em relação ao Hi5, é selectiva ao avaliar o peso dos elementos disponibilizados: *Depende... Porque se se escrever dados sobre nós, onde vivemos, o nosso número de telefone, ah... isso é um perigo. Mas o resto, fotografias, textos sobre o que gosto, acho que não.* Das suas palavras depreende-se que terá capacidade para evitar uma exposição a situações perigosas. O seu actual desinteresse pela Internet em geral e pelas ferramentas que propiciam a comunicação interpessoal, vão mantê-la longe desses potenciais riscos. Contudo, a falta de vivência não permitirá a abertura de novas oportunidades e defesas, pelo menos a curto prazo.

7.1.9 Hugo, 10 anos

Aos 8 anos, o Hugo encantou-se pela Internet, estava no escritório da mãe, onde experimentou um jogo online. Gostou tanto, que pediu para se instalar a Internet em casa, o que aconteceu algum tempo depois, *para ajudar o Hugo nos trabalhos da escola*, enquadra a progenitora. *Para os jogos*, frisa o filho. Foi aí que se iniciaram as experiências online, a esmagadora maioria delas ligadas ao lazer e ultimamente focadas na possibilidade de comunicar com os seus pares. O Hugo diz que desde sempre se desembaraçou sozinho e desvaloriza as dificuldades na utilização da Internet. Hoje, auxiliam-no apenas para os deveres escolares, intervenção que o Hugo relativiza. Aliás, a confiança nas suas capacidades como internauta, é uma constante nas suas palavras. Contudo, ao inquirir se já ensinou alguém

a utilizar esta tecnologia, esclarece: *Acho que foi mais as pessoas que me ensinaram a mim.* Os ensinamentos mais valorizados e os exemplos, directos ou não, que o marcam provêm da prima, mais velha do que ele, (*ela até já criou um blog*) e do primo, de 25 anos (informação sublinhada pelo Hugo) que o alertou para os vírus que se podem contrair ao importar toques e imagens para o telemóvel. Foi também através deles que descobriu o MSN, pois tinham ligação à Internet há mais tempo. É também a prima que lhe irá ceder, em breve, outro computador, ainda que sem ligação à Internet. É quando vem da escola que o Hugo navega: *Eu agora é chegar a casa, abrir logo o computador... Se não tiver trabalhos de casa é logo com o computador, depois tenho que tomar banho... Depois se tiver tempo, fico mais um pouco.* O Hugo não carece de autorização prévia dos pais para se ligar à Internet nem sofre qualquer restrição por parte deles em relação aos conteúdos que deseje visitar. As proibições existem, explícitas, em relação ao tempo passado online e ele tem a clara noção que não o deve ultrapassar. E contudo fá-lo: *Eu no Domingo passei quase o dia todo no computador... lá para as 8 ou assim é que sai*, confessa em tom mais baixo e algo comprometido. Não é pois de espantar que considere que em casa o controlo se sinta menos intensamente do que a escola. Na escola há computadores e Internet, no centro de recursos. O controlo da sua utilização cabe aos funcionários desta área, mas depreende-se que essa vigilância é mais complacente que efectiva no que respeita a conteúdos explorados online. Só o factor tempo é claramente objecto de vigilância:

Actualmente as utilizações preferidas passam por ir ao YouTube, onde procura vídeos engraçados e música. Manifesta grande avidez por conversar e conhecer pessoas online, em coerência com o desejo efabulado de se inscrever no Hi5 (*Eu gostava de ter um Hi5, mas não consigo inscrever-me...*) e a relevância que dá ao MSN (espaço reservado às suas relações de amizade offline) a que se soma umas breves incursões ao mundo dos chats (indirectamente a partir de jogos online), não obstante saber dos perigos que pode envolver. O email *dá jeito* para falar com os amigos, mas a sua utilidade fundamental *é para os jogos; aqueles que é preciso conta, eu tenho de pôr... o meu email!*. Os jogos online são outro uso essencial para o Hugo. Tal como os inquiridos mais novos, confunde serviços online e as funções que desempenham. No quadro das 15 utilizações possíveis da Internet, o Hugo assinalou 9, o valor mais elevado obtido no segmento 9-10, um alargamento que deixa perceber como este menino está a descolar das preferências típicas da faixa 8-10 anos e se começa a aproximar dos elementos dos 11-13 anos.

Na questão dos perigos online, a mãe é uma figura-chave: ela informa-o dos riscos, diz-lhe o que não deve fazer e por que razões. O Hugo decorou estas regras e debita-as com

alguma impaciência, porque se acha adulto, responsável e sabe o que faz e o que não deve fazer: *Se eu fizer o que a minha mãe diz, não há problema.* Uma visita à PSP foi outro contexto em que o tema dos riscos online foi levantado. No entanto, neste caso, a regra vale para ser quebrada sempre que possível, a transgressão de um adolescência anunciada é inevitável e assim o Hugo corre riscos. Consciente ou não, fica a interrogação.

7.1.10 Patrícia, 10 anos

A Patrícia revela maturidade e maturação no uso que faz da Internet. É a sua experiência de navegação online, já com algum lastro, que dita as suas preferências e aversões. Valoriza a Internet como instrumento de busca de informação para os trabalhos da escola e de pesquisa de temas do seu interesse e por lazer. Veja-se a singularidade desta menina entre os demais inquiridos ao afirmar que não gosta do MSN, devido a uma experiência menos positiva que viveu com este serviço de comunicação.

Em geral, diz preferir ver televisão a estar na rede. Mas ao mesmo tempo é perceptível que procura um uso mais independente da Internet, fora de casa, no atl que frequenta, depois da escola, obviando o controlo a que está sujeita pelo ambiente familiar. Além disso, lida com os mais variados conceitos com exactidão: sabe expor sem hesitar o que é Hi5: *Serve para pôr imagens num... cria-se um perfil e ...e tem lá várias imagens ... e depois...tem-se o perfil, as mensagens... e pode-se meter lá imagens vídeos, músicas.* A descrição do MySpace que também já usou é a exacta: *É como se fosse um diário, escreve-se lá e depois as outras pessoas vão lá ver.*

Sobre o risco online, pondera as circunstâncias específicas de cada caso concreto que lhe é apresentado, dando as respostas mais ajustadas possíveis. A Patrícia não só dá sinais de compreender quando determinadas utilizações da Internet podem envolver perigo, como indica como evitá-las ou rodeá-las. Se recebesse um email de remetente desconhecido, apagava-o: *Então se eu não conhecia... primeiro não tinha motivos para abri-la. Segundo, mesmo que fosse alguma coisa importante, era de alguém que eu não conhecia e tinha, tinha pouca segurança quanto a isso.*

Se uma colega da escola pusesse um vídeo seu no YouTube para a ridicularizar, *Mesmo que toda a gente visse, não me interessa porque a maior parte as pessoas que vão ao YouTube, mesmo que me conheçam... há uma qualidade que toda a gente deve ter que é saber rir de si própria. Eu acho que isso era um bocado...de... eu também ria.*

Se lhe pedissem dados pessoais para participar num concurso online, não arriscaria: *Podiam-nos tirar informações enquanto a gente estava dar isso e depois vinham cá à nossa*

rua e...pronto! E iam à nossa escola e assaltavam-nos. Segundo ela, devemos ter mesmo muito cuidado com os emails, por se poder receber mensagens violentas.

Colocar fotografias online deixa-a apreensiva mas sabe rodear esse perigo: *No Hi5 ponho fotografias de coisas diferentes, não ponho fotografias minhas!* Já em relação à sua partilha, ela identifica o perigo sob determinadas condições apenas, e é muito precisa na forma de o evitar: *Depende da maneira... A maneira perigosa era partilharmos fotos com quem nós não conhecemos mesmo e a maneira correcta é apenas enviar aos nossos amigos no MSN.* As salas de conversação abertas são um campo de perigo declarado para a Patrícia que expressa neste caso os seus medos sobre o contacto indesejável com estranhos: *Não sabemos com quem estamos a falar e acontece que podemos estar a falar com alguém com 40 anos que diz, que diz ter 30 ou a nossa idade Para.... Para nos encontrarmos ou pergunta ... Por exemplo, nós tínhamos 13 anos e havia lá um senhor com uns 40 e então ele pedia a nossa morada para vir ter aqui connosco ...ele dizia assim um monte de frases bonitas e depois nós ficávamos todas encantadas; ele vinha cá e não era para isso.*

Estas noções do risco foram adquiridas de várias maneiras, através dos documentários da televisão, pelas notícias e por via dos pais.

Em síntese, diga-se que a Patrícia foi uma das três crianças a indicar mais usos online, 9 em 15 possíveis. A sua experiência na rede determina não só as suas presentes opções, menos viradas para a componente comunicacional, mas também uma utilização mais atenta face aos riscos com que parece saber lidar com êxito.

7.1.11 Diogo, 11 anos

O Diogo, de 11 anos, não é um rapaz rendido à Internet, *Eu não sou muito de estar sempre ali no computador, também uso Playstation e brinco com outras coisas... e como temos tanto que estudar, não temos tempo...* O leque de utilizações que desenvolve na rede é bastante circunscrito, com os jogos a ganharem a primazia. E também não valoriza os serviços de comunicação online, como o fazem os seus pares (de 11-13 anos). Dá mostras de não dominar algum do jargão corrente; por exemplo, o termo “chat” é-lhe desconhecido.

Contudo, tem noção de que existem riscos inerentes a determinadas utilizações da Internet e sabe explicá-los. Ao mencionar vários contextos perigosos, o Diogo conjuga sempre o binómio vírus/rapto. O acesso não consentido e roubo de dados pessoais, violando a privacidade, são as situações que mais refere. Ele perspectiva inseguranças na realização de chamadas telefónicas via Internet, na participação de concursos, na partilha de ficheiros variados, a leitura e a resposta a blogs e homepages de pessoas desconhecidas. O próprio

MSN é encarado como fonte de preocupação: *Depende, depende de com quem falarmos.* Nota-se ao mesmo tempo que as associações que constrói extravasam por vezes para um registo tendencialmente alarmista.

A primeira vez que o Diogo acedeu à Internet, pelos 7 anos, foi *para pesquisar para trabalhos da escola*, na companhia dos pais. Rapidamente adoptou uma postura autodidacta e começou *a ir a jogos e a descobrir*, em casa. Quando quer ligar-se, recorre ao computador fixo do pai, no escritório, pois o do seu quarto não tem ligação à Internet. O tempo máximo que passa a navegar ronda as 3 horas, actividade reservada ao vir da escola e por vezes a seguir ao jantar. Contudo é um uso irregular: *Há semanas que não vou...*

O pai ajuda-o quando tem dúvidas, acompanha-o na navegação e também o adverte para não entrar em programas que não deve ... *e eu não entro e pronto. Eu sei que eles (pais) não querem que eu entre (...). Mas eu só vou aos sites a que eles deixam...* Apesar deste discurso, o Diogo conta um pormenor muito curioso: *Ele (o pai) tem um programa para ver o que é que eu faço, mas eu às vezes... arranjei uma maneira de falsear aquilo...* Depois desta explicação, insiste que não está a enganar o pai: *Eu não faço coisas que ele não queira... Não, a única coisa que se tem que fazer é ir lá acima é virar o ecrã, desligar aquilo e depois volto a entrá-lo.*

No seu entendimento, a mãe não exerce um controlo efectivo sobre os seus usos na rede, *Quando está só a minha mãe, eu pergunto: “ Ó mãe, posso estar na Internet? Obrigado”, nem deixo que dê a resposta. A maior parte das vezes ela deixa, quando não tenho trabalhos. Quando está cá o meu pai, tenho que pedir e digo, tipo, assim, se posso usar o computador por não sei quanto tempo, porque ele tem sempre montes de coisas de trabalhos. Um vai para o portátil e o outro fica no outro computador.* A mãe do Diogo, por razões de ordem profissional faz da Internet uma das suas ferramentas no trabalho diário. Contudo, em casa, as tarefas domésticas tomam-lhe o tempo na íntegra; daí que o filho conclua que a mãe e a informática/Internet nunca se relacionem. Já o pai, no seu entender, é o grande especialista do online e quem faz um uso mais exaustivo.

O Diogo costuma partilhar os seus conhecimentos com os amigos e com os primos mais novos, de 6, 7 e 8 anos e com os amigos da escola, mas sempre no seu campo de eleição, os jogos.

Na escola que frequenta, é na biblioteca e na sala de informática que estão os computadores com acesso à Internet. O Diogo, porém, queixa-se de como é limitado o uso que está autorizado a fazer aí: *Usamos (a Internet) mas é condicionado e não podemos ir a*

outros sites. Dizem-nos sempre “Só podem usar a Internet para trabalhar”. Daí a conclusão de que é na escola que existe maior controlo, A gente, em casa, somos mais livres.

7.1.12 Rafael, 11 anos

A Internet entra nos hábitos do Rafael logo aos 5 anos: *A primeira vez que fui à Internet, a minha mãe estava lá para o caso de eu fazer alguma coisa male ela me explicar, mas à segunda já eu decorei aquilo tudo, foi só tic, tic,tic!* Ir ao Google e procurar imagens engraçadas, fez parte da aprendizagem inicial a que muito rapidamente se somaram os jogos.

Hoje, aos 11 anos, o Rafael está online em casa, no seu portátil, (que é de uso partilhado *pela família*). Costuma estar sozinho, com a mãe por perto, caso necessite de auxílio. Em função das tarefas pré-definidas para a semana, assim, há dias em que nem sequer acede à Internet; noutros liga-se por 15 minutos a 3 horas. E acrescenta: *Nos fins-de-semana, quando estou com a minha mãe.... sou capaz de passar aí umas 6 horas a jogar e a passar no MSN!*

Os limites temporais são-lhe impostos quando precisa de se preparar para os testes. Também está condicionado em relação aos conteúdos visitados: *Não posso ir a jogos, porque a minha mãe tem medo que me roubem as minhas pass's e isso tudo, e então é perigoso, e além disso mete-se dinheiro verdadeiro por dinheiro virtual e isso, isso, a minha mãe é totalmente...* O Rafael sublinha que não precisa que lhe chamem a atenção: *Eu não vou para esses sites não é porque julgo, é porque SEI MESMO que eles (os pais) não querem que eu vá! (...) Só no Habbo (Hotel) é que a minha mãe disse: “Rafael tu não podes entrar nesse jogo!”.* Aos sites para maiores entre 16 anos e 18, também não posso ir. *Sou eu que sei.* Esta mesma segurança determina que o Rafael se auto-nomeie o membro da família que mais conhecimentos tem e que mais usa a Internet, além de revelar que já os transmitiu aos amigos.

Na escola também acede à Internet, na biblioteca e na sala de informática. Aí, o controlo é apertadíssimo e as limitações são muitas. Daí que seja em casa que se sinta mais livre de controlo sobre o que faz na rede.

A forma com que se refere aos riscos online, dá uma ideia de como o Rafael está atento e informado. Na sua opinião, em geral, os riscos equivalem a contrair vírus, implicam o acesso e roubo de dados pessoais e culminam em raptos. É o menino, de entre os 20 inquiridos, com a noção mais aguda e dramática dos riscos e o elemento do sexo masculino que apontam mais riscos associados às utilizações online propostas. O Rafael parece não ter vivenciado ainda as situações de que fala, mas demonstra um conhecimento efectivo.

A sua preocupação coloca-se em relação a descarregar de toques e imagens para os telemóveis. A partilha de fotos é também melindrosa. O descarregar de vários ficheiros suscita o rótulo “perigosíssimo”. A leitura e resposta de blogs de desconhecidos não é de somenos perigosidade. Até a navegação para busca de informações não é pacífica para o Rafael.

Face aos serviços de comunicação online, o MSN em particular, é muito preciso na sua análise ao afastar qualquer risco do seu uso. Não entra em salas de conversação. É fã incondicional do Hi5 onde anseia vir ter uma conta, assim que complete a idade regulamentar para aderir a esta rede social. Conhece o seu funcionamento em detalhe e pondera sobre os risco que envolve: *Eu gostava de ter Hi5, não tenho mas sei que tem perigo*. E vai ainda mais longe ao avançar com estratégias para se expor o menos possível, *Eu punha uma foto do Cristiano Ronaldo; assim ninguém me via!* E remete para experiências de uso do Hi5 pela prima que o marcam: *A minha prima tem um Hi5... ouve, não dá hipótese: carregas na imagem de uma pessoa – os meus amigos... Pronto! Acedes à outra pessoa toda, carregas nesta nos meus amigos, dá para ir acesso a tudo, mesmo tudo*.

7.1.13 Cláudia, 12 anos

Para a Cláudia, criar conteúdos próprios, fazer pesquisas para os trabalhos de casa, ou simplesmente navegar por diversão, constituem as suas utilizações de eleição, de entre as 11 que fazem parte dos seus hábitos online. Quando tinha 6, 7 anos, o irmão mais velho iniciou-a como internauta, tornando-se no seu companheiro de explorações pela rede. A mãe, conta a Cláudia, *também ia lá ver*. Este novo hábito começou a desenvolver-se em casa e aí ganhou o seu espaço privilegiado. Hoje, é a partir do seu quarto, quando está sozinha, que acede à Internet, com o seu computador portátil (que nunca muda de divisão).

A mãe mantém a mesma supervisão à distância dos primeiros momentos: *Aparece lá de vez em quando para ver*. Comparativamente, é na escola que a Cláudia diz sentir um maior controlo sobre o uso que faz da Internet.

Na sua família, quem se destaca como grande conhecedor dos temas relacionados com a Internet, é o irmão mais velho, agora com 26 anos, a quem ela também aponta a utilização mais intensa. Em relação ao seu outro irmão de 8 anos, agora é a vez desta rapariga assumir o papel pedagógico activo nestas matérias.

A Cláudia não carece de qualquer autorização para aceder ou usar a Internet, cabendo-lhe a gestão do tempo que passa online (que nunca é muito) e dos conteúdos visitados. Mas acrescenta: *Durante a semana, quando tenho que estudar, a minha mãe, de vez em quando diz*

que estou há tempo de mais no computador, a partir dos 40 m. O fim-de-semana não é destinado a esta actividade por questões exteriores à vontade da Cláudia que se fica pela televisão.

Em relação aos serviços de comunicação online de que se serve, refere que o email tem alguma importância e, tal como os demais inquiridos, diz serem mais as mensagens recebidas do que as enviadas. Textos, fotografias e trabalhos, são os conteúdos trocados. Quanto ao MSN, *Eu via o meu irmão a mexer no computador e perguntei-lhe o que é que era e ele fez-me um*, tinha 8 anos. Assim começou uma paixão a que se juntou depois a do Hi5. Neste site, a Cláudia diz apenas interagir com pessoas que já conhece e acrescenta que edita dados falsos no seu perfil *por uma questão de protecção*. Os vírus são o risco online que identifica prontamente. Associa ainda perigo à entrada em salas de conversação abertas e à partilha de ficheiros, invocando de novo o risco associado a vírus. Esta rapariga considera que faz um uso seguro dos serviços de comunicação online, *porque eu a chats não vou; e quando estou no MSN, só falo com pessoas que conheço, por isso não podia ser assediada na net por desconhecidos*. Em geral, A Cláudia considera que controla bem a sua situação face aos riscos na rede: *Acho que com as precauções não nos vai acontecer nada*. Quem a alertou para o tema dos riscos associados ao uso da Internet, foi o irmão mais velho e os pais a quem associa ainda a informação televisiva. Por fim, se se visse envolvida numa experiência de risco, desagradável, recorreria aos amigos e nunca aos pais (receando a censura destes), muito menos às autoridades policiais.

7.1.14 Francisco, 12 anos

O Francisco é jovem de 12 anos que usa a Internet de formas bastante variadas, assinalando 12 usos em 15 possíveis. As suas preferências fundamentais seguem tendências identificadas: *Gosto de ir ao Hi5, gosto de falar o MSN, gosto de jogar e de ir ao YouTube*. Está consciente dos riscos. Sabe distinguir os perigos específicos que aqueles serviços de comunicação online podem implicar e as condições em que se podem manifestar. Os chats, onde nunca entrou, estão excluídos dos seus usos.

Na sua vivência online não se incluem episódios em que tenha sido confrontado com situações de *phishing*, *bullying/stalking* e *abuse*, nem tem notícia de que tenham ocorrido entre os seus conhecidos e amigos.

No discurso do Francisco, algo que seja ilegal equivale a um risco, referido a propósito do descarregar de toques e imagens para o telemóveis e outros ficheiros. Em casa, o Francisco visita os sites de que gosta sem estar sujeito a autorizações prévias. Porém, *Tenho*

recomendações, dos pais, para não visitar sites que não conheço por causa dos vírus e dessas coisas que podem estragar o computador. Os vírus são a razão para alertar e tomar medidas, mais do que outras circunstâncias.

Quanto ao tempo passado na rede, pode navegar o quanto quiser (no computador fixo, de uso familiar que está no escritório), até que alguém chegue e queira usar também a Internet. Este é um uso solitário; a companhia existiu apenas quando se iniciou aos 7 anos e ia em busca dos jogos online, quer com o pai em casa, quer com os colegas na escola. Costuma navegar cerca de hora, hora e meia, mas por vezes chega às duas horas. Este uso mais intenso concentra-se nos fins-de-semana.

O pai é o grande utilizador, mas quem domina mais o tema Internet é a irmã de 14 anos. Não sente controlo em casa; já na escola aponta algum: *É na sala de TIC que posso usar a net quando se quiser desde que lá esteja um professor; na biblioteca só com autorização dos professores e apenas se pode pesquisar para os trabalhos. Na sala de TIC posso fazer tudo, jogos também.*

Observa-se no Francisco uma apropriação e incorporação do email como uma ferramenta subsidiária, que concorre para o funcionamento em pleno outras ferramentas de comunicação, neste caso o MSN: *Se há alguém offline no MSN, que eu quero, que eu preciso de falar com ele, mando uma mensagem a dizer aquilo que quero para ele ver quando chegar. Mas também posso usar o correio de mensagens instantâneas. Mando também quando estou doente, para pedir os apontamentos das aulas.*

7.1.15 Margarida, 12 anos

A Margarida começou a aceder à Internet em casa, tinha 7, 8, anos, apoiada ao início pela irmã mais velha. Contudo, rapidamente começou a tomar a exploração da rede em mãos, e a aprender por si.

Hoje, a sua experiência online concentra-se em casa, no quarto: *Eu já tive computador no armário, mas agora está no meu quart;, como eu descobri que tenho Internet no quarto, ligo sempre.* A casa das amigas e a sua companhia são outro contexto privilegiado de uso da Internet (é curiosa a observação da Margarida sobre as possibilidades dadas pelos serviços de comunicação: *Com o Hi5 ou o MSN, quando estamos com amigas, por exemplo, podemos, pronto, gozar com pessoas e fazermos esse tipo de coisas...*).

Do pai provém a ajuda apenas em relação a trabalhos de casa. De resto, envolvimento destes dá-se em termos suaves: *Eles vêm ver, o que estou a fazer, mas já sabem onde eu vou, porque já viram, eu já contei.* É curioso o retrato que a Margarida faz das competências de

cada membro da sua família face à Internet: *Acho que é a minha irmã que sabe mais. O meu pai não percebe nada, a minha mãe, do que percebe, claro que percebe, tem que perceber, é para o emprego. É claro que eu percebo mas a minha irmã tem mais anos de experiência do que eu.* Contas feitas, a Margarida e a irmã são as principais utilizadoras da Internet.

Não existem regras quanto aos conteúdos visitados, *mas eles não querem que eu ande em blogs, chats e coisas dessas porque é um bocadinho perigoso. De resto posso visitar tudo.* Ao perguntar-se-lhe se os pais o determinam explicitamente ou se ela deduz da atitude deles, responde: *Eu também tenho essa opinião, é normal preocuparem-se.* Quanto ao tempo passado a navegar, está online *em princípio 20 minutos por dia, no mínimo. Mesmo quando tenho que estudar, eu vou 20 minutos. Quando não tenho que estudar, até posso estar a ver televisão enquanto estou no computador, e já cheguei a passar horas e horas por dia: é ao fim-de-semana que eu passo horas e horas...* Mesmo assim, a Margarida prefere a televisão à Internet.

Já a utilização da Internet na escola, é condicionada a diversos níveis: A Margarida tem de explicar às funcionárias o que quer consultar. Além disso, os computadores estão protegidos com filtros que vedam o acesso a muitos conteúdos.

Usa o Google para pesquisar sites de jogos, tem uma especial predilecção pelo MSN e pelo Hi5. (em relação aos elementos que inclui no seu perfil, *Eu no Hi5 não o digo nada de muito específico, digo verdades mas não meto nada específico porque é um bocado perigoso*). O email tem para si alguma importância, pois permite-lhe receber mensagens relacionadas com o Hi5. Da sua lista de contactos do MSN fazem sobretudo parte amigos, mas a Margarida diz também ter pessoas que não conhece: *Se calhar eu sou capaz, por causa do Habbo Hotel, de ter conhecido 3 ou 4 pessoas, mas mais nada. O resto são amigos, conhecidos.*

Também já entrou em salas de conversação abertas: *Não é uma boa experiência porque às vezes gozam connosco e porque há pessoas que são um bocado perigosas e um bocado perversas*, opinião formada pela sua vivência na primeira pessoa: *Não é do que eu oiço, porque eu já tentei... e eu dizia “Olá” e eles diziam “Vamos lá passar ao que é que interessa, dá-me o teu email, vou-te mostrar uma foto minha” e depois diziam coisas mais...mais chocantes, sim! Eu ia-me embora, claro que sim, eu nunca mais tentei um chat.*

Os riscos online são um problema que associa grandemente à possibilidade de se contrair vírus, em diferentes situações: *Eu acho que tenho completamente a noção e só pelo MSN e pelos emails que recebemos passam-nos vírus como se nada fosse. Pode acontecer a qualquer momento.* Face aos vários exercícios práticos, relacionados com os riscos online, a Margarida destacou-se ao manifestar sempre uma ideia de risco mais ampla e enfatizada que a

maioria dos inquiridos. No caso desta rapariga, percebe-se que existe uma elaboração mental prévia e uma vivência que já servem de base àquilo que defende. Ela experimenta tudo o que pode, coloca-se em situações arriscadas, leva-as até ao limite. O limite equivale ao momento em que deixa de se sentir segura, em que deixa de controlar a circunstâncias. Então tem a presença e frieza de espírito pôr termos às suas pesquisas. Mas voltará para o online e descobrirá tudo o que lhe parecer ou ouvir dizer pelos amigos que pode ser novo e aliciante, fazendo uma gestão inteligente de riscos e oportunidades.

7.1.16 Nuno, 12 anos

O Nuno usa a Internet desde os 7 anos: *Sentia curiosidade e os meus professores também diziam para fazer trabalhos no computador.* A seu pedido, o pai começou a acompanhá-lo nesta descoberta, a partir do computador de casa, colocado na sala com o ecrã visível para todos.

Hoje o Nuno navega sozinho, sem ajuda de ninguém e sem carecer de autorização prévia para o fazer. Tal não invalida que exista alguma supervisão: *Sou eu que decido o que é que vou ver (...) mas às vezes (os pais) também vão ver o que é que eu estou a fazer.* As chamadas de atenção que lhe dirigem, devem-se ao tempo que passa online.

Ligar-se à Internet é um hábito quase diário, remetido para a noite, e que pode durar 1 a 3 horas, sendo mais intenso ao fim-de-semana do que à semana.

O Nuno considera-se o membro da família que mais tempo passa a navegar, mas é o pai quem melhor conhece a Internet. Mesmo assim, conta como já ensinou um dos amigos a ligarem-se à Internet.

Na sua opinião, a experiência online na escola é pouco motivante: *Não sei, se calhar tenho pouco tempo para ir. Normalmente vamos sempre quando estamos nas aulas, para fazer trabalhos.* Além disso, é em ambiente escolar que este rapaz identifica um controlo mais apertado no que respeita à utilização da Internet.

O Nuno manifesta um especial gosto por todas as tecnologias que lhe permitam comunicar com os amigos. Também demonstra apreensão face aos riscos que o uso da Internet pode envolver: fala bastante de assédio sexual e também sublinha a sua preocupação com os vírus. No entanto, pelas opções que toma e pelas respostas que dá, tende a colocar-se, com aparente ingenuidade, em situações potencialmente arriscadas que parece recluir.

O email tem pouca importância para si e à semelhança dos restantes inquiridos, indica que são mais as mensagens que recebe do que as que envia. Se numa situação hipotética recebesse um email de alguém desconhecido, abri-lo-ia, *por curiosidade.*

O MSN e os jogos online são aplicações a que dá especial importância no computador geral dos seus usos online. Entre o email e o MSN, prefere o último *porque é mais fácil*. Foi o pai quem lhe criou a conta a seu pedido, logo aos 7 anos. O exemplo e a motivação vieram dos seus pares. As pessoas da sua lista contactos são todas suas conhecidas: família, amigos, colegas *e quando não conheço, não aceito*. Questionado sobre o risco que o MSN pode levantar, parece estar alertado, mas é algo impreciso: *Acho que sim. Podia haver uma pessoa que... que me queria conhecer e... e não é para o bem, é para o mal...*

Em relação ao Hi5, o Nuno atribui o mesmo grau de risco que identifica no MSN. É peremptório ao dizer que se relaciona apenas com os seus amigos (offline) e que não está interessado em falar (no Hi5) com pessoas que não conhece; caso isso aconteça, ignora.

Identifica risco na criação de um blog ou homepage em que coloque dados seus e faz uma chamada de atenção algo alarmista para as fotos que possa disponibilizar: *Então, fotos, acho que eles me podem tirar e... pôr em sites pornográficos*. Questionado sobre o eventual perigo que pode envolver a partilha de fotos, refere que *Podem ficar com as minhas fotos, fazerem o que eles quiserem*. Mais tarde, quando lhe é pedido para editar os seus dados pessoais num perfil fictício de Hi5, o Nuno colocaria aí, sem hesitar, as suas fotos.

Ainda no âmbito do preenchimento da mesma ficha fictícia de Hi5, face à possibilidade de accionar definições que restringem a visualização de dados pessoais, diz: *Eu punha que nem toda a gente pode ver o meu perfil, mas por acaso no meu (perfil real) esqueci-me de pôr isto*, pois na ocasião nem reparou nestes elementos. Fica a sensação de que perante a mesma questão, feita noutros termos e num diferente contexto, o Nuno tende a dar respostas diferentes. Ingenuidade, falta de maturidade, necessidade de maior experiência na rede, estas podem ser pistas explicativas para um perfil de utilizador online em desenvolvimento.

7.1.17 Marco, 13 anos

O Marco, de 13 anos, dá sinais de ser um utilizador da rede com uma experiência consistente: de um conjunto de 15 utilizações possíveis da Internet, 11 delas fazem parte dos seus hábitos online. De entre essas, sublinha a relevância que sete em particular têm para si.

É na escola, com os colegas, que se começa a interessar pela Internet, já aos 10 anos. Simultaneamente, em casa, o pai ajuda-o nessa descoberta. Hoje o pai *vai lá só ver o que estou a fazer*.

O Marco considera que controlo do acesso e uso da Internet é igual, tanto na escola com em casa: *Em casa tenho um limite de tempo, porque costumo ir sempre à noite e tenho*

que controlar o horário para ir para a cama. E na escola, é por causa dos toques (...), porque ficamos sem a noção do tempo.

Este rapaz navega pela rede sem restrições. Os pais apenas lhe dizem para não importar demasiados vídeos do YouTube e para não ir a sites que não são seguros, *Aqueles sites que têm conteúdos não apropriados para as crianças, por exemplo, para maiores de 18 anos... aqueles sites que contêm violência, alguns crimes... Isso eu acho que é um site que não é seguro para uma criança.*

Na sua opinião, de toda a família, o pai é o grande especialista do online e também quem mais tempo usa a Internet juntamente com o Marco, *porque nós temos dois (computadores), é um fixo e um portátil. É ele no portátil e eu no fixo.*

Os jogos online, o Hi5 e as idas ao YouTube, são os seus actuais usos de eleição. O Marco começou a usar o Hi5 primeiro que o MSN. Este último serviço de comunicação entra nos seus hábitos apenas aos 12 anos. Já acedeu a salas de conversação fechadas, indirectamente a partir de um jogo online, mas não gostou. O correio electrónico é para si uma forma de receber comentários e muitas mensagens do Hi5. Enviar emails já não lhe interessa, *dá muito trabalho.* Criou o MSN por divertimento, *porque achava giro falar com os meus colegas e também por alguns casos de importância, por estarmos doentes e não podermos ir às aulas e dizerem-nos depois pela net o que é que se passava, para pedirmos os apontamentos e isso.* O Hi5, descobriu-o através dos amigos e encantou-lhe a ideia de criar o seu perfil, *sempre com alguma segurança, não pondo os dados todos.*

Não conhece situações de *bullying/stalking, phishing*, ou *abuse* que tenham ocorrido entre os seus pares. Ao conversar sobre estes riscos em particular, afirma que recorreria sem hesitar aos pais, com quem partilharia o que o incomodasse. Caso fosse acochado por alguém via email: *Primeiro que tudo, ah... juntaria os mails todos que eu tinha naquele mail, falava com os meus pais e mudava de mail. Imediatamente.*

As informações pessoais que diz colocar no seu perfil do Hi5 são outro sinal de que existe um cuidado amadurecido da parte do Marco: *Dizer o que nós gostamos de fazer e... dizer a escola onde nós andamos, podemos dizer; desde que não nos identifiquemos... porque, se nos identificarmos, podem descobrir-nos.* Eis o problema maior, um inimigo sem rosto, muito difuso, mas que existe. Este é invocado de novo a propósito de se responder a blogs de pessoas que não se conhece. Por fim, os riscos que associa ao MSN são relativos, mas existem; os dos chats são diferentes: *Pode haver algum perigo, se começarmos aí a adicionar pessoal que não conhecemos, isso no MSN. Ah... no chat falar com pessoas que não conhecemos também pode ser perigoso.*

Em síntese, diga-se que ao explorar as oportunidades que a Internet lhe oferece, o Marco se pode expor a riscos. Porém, como manifesta uma percepção dos perigos online bastante arguta, deduz-se que saiba defender-se com pragmatismo das situações arriscadas em que se venha a envolver.

7.1.18 Isabel, 13 anos

A Isabel é das meninas a apresentar uma incorporação de usos online muito ampla (13 em 15 possíveis), dando prevalência às vertentes lúdica e comunicacional. A sua iniciação à Internet aconteceu pelos seus 6, 7 anos, por influência do pai (profissionalmente envolvido na área tecnológica) e do irmão mais velho. Desde sempre a Internet associou-se a um uso doméstico e que hoje é eminentemente solitário: *Quando eu costumo navegar mais, é à tarde e a minha mãe está a trabalhar, não está em casa; mas pronto, para fazer trabalhos, eles ajudam-me. De resto estou sozinha.* É a Isabel que decide quando se liga à Internet e o que vai visitar, nunca tendo sido expressamente proibida de nada em especial. Contudo, *a minha mãe às vezes diz “Não ponhas muitas fotografias que isso pode ser perigoso, não dês muitas informações”. Por exemplo no Hi5, aquilo tem as fotografias e dá-se as informações que queremos, e a minha mãe, não me obriga a não fazer isto, mas dá-me conselhos para eu não dar a minha idade certa...*

Em relação ao tempo passado online, também não parece suscitar problemas: *Eu não costumo ir muito à net, vejo mais televisão. Eu, às vezes, há semanas que eu só vou ao fim-de-semana à Internet, portanto não passo muito tempo.*

Na sua opinião, quem usa mais a Internet é o irmão mais velho, mas o especialista é o pai. A Isabel também já apoia a irmã de 6 anos que começa agora a ser motivada para a realidade virtual.

O interesse demonstrado pelo email e pelo MSN é relativo. Daí que não saiba quantas mensagens recebe por semana, *Eu vou lá muito de vez em quando e por isso tenho muitos(emails) acumulados.* O MSN, conheceu-o através dos amigos ... *mas quem me criou mesmo a conta, foi a minha prima mais velha.* E tal como o email, também não usa muito frequentemente, *portanto, aquilo ‘tá mais ou menos como o deixei, há muito tempo.*

Mas é com o Hi5 que a Isabel se sente literalmente encantada: inscreveu-se neste site aos 9 anos *porque toda a gente falava sobre isso e não sei quê, e então surgiu por curiosidade.* A Isabel explica que personaliza o seu perfil com dados falsos *porque a minha mãe também me aconselhou a não pôr coisas muito verdadeiras.* Da sua relação de contactos

fazem apenas parte pessoas amigas que já conhecia. Os chats não integram os seus usos online.

A ideia de que há riscos associados aos usos da Internet obteve-a através dos amigos e da mãe que a avisava, *eu também ia percebendo, não é que eu tivesse alguma experiência, mas ia percebendo, mais ou menos...*

Sobre como evitar os riscos online, a Isabel explica que adiciona dados falsos ao seu perfil de Hi5, não entra em chats e não abre ficheiros que não conhece. *Eu controlo bem o risco, eu sei que não devo ir para alguns sites que podem causar algum perigo, portanto não vou simplesmente a esses sites.*

Esta rapariga nunca partilharia com os pais experiências arriscadas na rede com que se confrontasse com receio de ser censurada e de que estes lhe vedassem o acesso à Internet: *Eu não dizia ao meu pai, porque acho que iam ficar todos preocupados e depois não podíamos ir ali, e depois iam começar a andar em cima de nós, por onde andávamos e depois acho que não corremos riscos.* Confiaria sim nos seus amigos. A hipótese de falar com um professor é muito remota: *Eu nesta altura não falava, mas se viesse assim uma professora que admirava e que fosse assim uma pessoa, uma professora que percebesse as nossas, situações, se calhar falava, mas hoje em dia não.*

Em resumo, a Isabel obteve um dos valores mais elevados no exercício destinado a indicar quais as utilizações online que fazem parte dos seus hábitos na rede. No entanto, ao longo da entrevista, apreende-se que a sua envolvência com esta tecnologia não é muito representativa. Não sendo pois a sua vivência tão rica como parece sugerir, no entanto, é das raparigas que emite uma percepção do risco especialmente intensa, talvez mais baseada nos seus receios e menos na sua experiência pessoal.

7.1.19 André, 13 anos

O André, do cimo dos seus 13 anos, apresenta um perfil de utilizador de Internet próprio de um adolescente: vibra literalmente com tudo o que propicie a interacção com os seus pares em tempo real: *O MSN, essas coisas assim de estar online, é interessante.* Foi isso mesmo que o moveu a aceder à Internet pela primeira vez aos 10 anos, *Fui logo para o MSN, para seguir a onda dos amigos.* Na sua opinião, *Mais engraçado é o Hi5, dá para ver as fotografias, mas o mais útil e o que uso mais, é o MSN.* Ao início, o André julgava que o Hi5 era perigoso. Foi um amigo que o esclareceu: *Ele disse “Não, não é perigoso, podes pôr as tuas fotografias (...)”.* Hoje, em relação à questão da segurança do Hi5, é peremptório: *Claro que é seguro; é seguro se não pusermos certas informações!...(...) Tenho fotografias, mas no*

sítio onde vivo, não ponho Lisboa, ponho Zimbabué; não vou pôr as minhas informações pessoais para toda a gente as ver e qualquer dia raptar-me. Também já usou chats mas não o seduziram, *Não uso muito, gosto de ter a minha privacidade, não gosto muito de falar com pessoas que não conheço.*

Curiosamente, é o único em 20 inquiridos a relacionar a utilidade do email com um argumento económico: *Tem importância porque por telemóvel gasta-se dinheiro e por email não.* As suas utilizações preferenciais na rede integram-se no padrão do grupo de inquiridos, ao dar especial relevo aos jogos online e ao site YouTube.

Percebe-se que a sua vivência online é considerável e variada. Ele gosta de experimentar. Aquilo que relata na primeira pessoa é considerável, incluindo-se aí alguns contextos de risco em que já se envolveu. Tem consciência de que há situações online arriscadas, verbaliza-as e sabe articular as causas e efeitos que implicam, na sua real medida. Essas noções ganhou-as *Com os meus amigos, com os meus pais, com tudo, até por que tenho noção disso até porque sei que há certas coisas que são perigosas! (...) e porque até há uma série de notícias na televisão que afirmam casos horríveis.* No âmbito de riscos específicos, explicita perfeitamente situações de assédio na Internet. A questão dos vírus é referida várias vezes, seja por via dos jogos online, seja associada a emails de remetente desconhecido. A importação de toques e imagens faz parte dos episódios que personificou: *Também não faço (downloads) porque já tive uma experiência em que eu mandei uma coisa e aquilo, não sei, aquilo começa-nos a tirar dinheiro, a tirar dinheiro e a tirar dinheiro, eu não sabia.*

Quando lhe é apresentado um cenário em que por via de uma zanga o podem perseguir online, colocando filmes seus comprometedores no YouTube, reage contando que isso já lhe aconteceu e, acto contínuo, partilha um plano de vingança sobre um colega da escola, arquitectado por ele e mais amigos, através do qual os papéis se inverterão. Assim de vítima de bullying, ele passará a sujeito activo promotor desse risco. Não obstante, o André fala deste facto com naturalidade, como a medida mais justa para o caso.

O acesso e uso da Internet ocorria desde sempre em casa, na sala comum, num computador fixo. Recentemente, ao ganhar um computador portátil, mudaram as condições de acesso, *Vou lá mais, para ficar sozinho...ou aqui na sala ou lá no quarto.* Navega sozinho ou com os amigos. Na escola usa a Internet no centro de recursos muito esporadicamente, para fazer *uns trabalhos de última hora.* Mas é em casa que quase tudo acontece; liga-se à Internet quando chega das aulas e também depois do jantar. Desde os primeiros tempos com internauta que os pais são figuras presentes e em quem o André dá mostras de confiar. Hoje

continuam a auxiliá-lo nos trabalhos de casa. E em relação a questões mais complicadas é com os pais que comenta é a eles que confia o sucedido.

Quem mais percebe de Internet é o pai, quem mais usa também é ele e o André, *para fazer os trabalhos*, remata. É ao irmão mais novo que o André passa os seus conhecimentos: *Ensinei-o a usar o MSN, apesar de ele nunca o usar, porque não é muito dessas tecnologias. Ele tem 10 (anos).*

Os pais não lhe impõem proibições em relação aos conteúdos que visita, mas dão-lhe orientações: *Eles dizem algumas regras, não é? Mas também não me vão dizer que eu não posso ir a um certo sítio. Mas claro, avisam-me para eu não ir a sites perigosos e para não pôr informações na Internet.* A chamada de atenção dos progenitores, essa, surge explícita quando está há muito tempo na Internet, preocupação que também parte do próprio André: *Às vezes chego a estar duas horas na Internet e também acho que isso até é mau, começo a sentir um peso dentro de mim...*

Em síntese, o André dá sinais de estar preparado para continuar a explorar a Internet, descobrir novas oportunidades e lidar com outros riscos com segurança a partir do conhecimento de causa e experiência que denota.

7.1.20 Laura, 13 anos

A Laura tem 13 anos e frequenta o 7º ano de escolaridade. Começou a utilizar a Internet aos 7, 8 anos por influência da vizinha, da mesma idade, e por sugestão da professora, para pesquisar informação de estudo. E assim, começa a ligar-se à Internet, a partir de casa, para fazer os trabalhos da escola. Ao início, é o pai quem a acompanha e a ensina *a abrir e a fechar* a aplicação. Pouco depois, este companheiro é dispensado, passando a filha a navegar sozinha, ou então com a sua vizinha.

Habitualmente é depois de vir da escola, antes do jantar, que se liga à Internet durante hora, hora e meia. Nos dias em que está mais livre, mais à semana do que ao fim-de-semana, chega a ficar online até três horas. Estas são decisões que lhe dizem apenas respeito. O mesmo se passa em relação aos conteúdos que visita, não existindo nenhum controlo, expresso ou implícito, da parte dos pais. Contudo, nas suas palavras, *Eu é que tenho o peso na consciência que às vezes não posso ir a alguns sites.*

Os computadores que utiliza em casa do pai e da mãe, são um portátil e um fixo, e estão ambos nos escritórios. Diz ser o elemento da família que mais usa a Internet, mas quem domina o assunto é a mãe. Neste momento, a Laura ensina a irmã mais nova a navegar e, sempre que é preciso, o pai apoia-se nos seus conhecimentos.

A sua escola (C+S), é um local privilegiado para aceder à Internet, seja na biblioteca ou nalgumas aulas. Nestas, o controlo cabe aos professores, enquanto que na biblioteca essa função é desempenhada pelas bibliotecárias que impõem limites quanto aos conteúdos visitados, proibindo o acesso ao YouTube e ao email, a não ser que haja uma autorização. Mesmo assim a Laura é da opinião que em casa o controlo é mais apertado visto que é onde passa mais horas a navegar.

Em termos da utilização que faz da Internet, é interessante evidenciar o que a Laura não faz: esta rapariga de 13 anos, que nunca acedeu a jogos online, (a excepção num universo de 20 inquiridos), conhece o Hi5, mas ao contrário dos seus pares, não tem está aí registada e acrescenta que nunca poria uma fotografia sua no perfil. Em relação a salas de conversação abertas, a expressão ... *Nunca entrei nisso*, resume a ausência de experiência e de vontade para explorar o mundo das salas de conversação. Além disso, a Laura manifesta um sentimento agudo do risco associado aos chats.

Tem MSN porque, mais uma vez, a sua vizinha lhe criou a conta, a contra gosto, tinha 11 anos. Sabe o que é o YouTube, nunca ouvir falar de Second Life e não tem telemóvel. No seu correio electrónico tem recebido ultimamente muitas mensagens sobre o problema do aquecimento global, assunto que tem trabalhado na escola, a que se somam fotografias e mensagens dos primos que vivem longe de Portugal.

Dotada de competência informática acima da média, comprovada pelos lugares de destaque alcançados em concursos promovidos na escola a nível nacional, a Laura valoriza a Internet como ferramenta para obter informação e para descarregar “programas úteis” como o Google Hearth. A vertente propiciadora da comunicação da Internet é pouco valorizada. Enquanto ferramenta de lazer puro, o seu potencial é canalizado para a área da música, sobretudo para descarregar ficheiros e para ouvir a rádio da sua banda preferida, a dos Beatles.

Apesar da não conhecer nem na primeira nem na terceira pessoa situações de risco online que configurem casos de *bullying/stalking*, *abuse* ou *phishing*, seja na primeira ou na terceira pessoa, a Laura é dos inquiridos com uma percepção do risco bastante aguda, embora não seja apoiada numa experiência pessoal.

7.2 Materiais Criados para a Investigação

7.2.1 Questões para os Perfis Panorâmicos

O Primeiro Contacto com a Internet
Quem te ensinou a usar a Internet?
Quantos anos tinhas quando usaste a Internet pela primeira vez?
O que é que procuravas na Internet? R: Aprender a usar apenas. Procurar jogos. Mandar um email. Falar com os amigos nos chats/MSG. Encontrar um site em especial. Encontrar informação para os trabalhos da escola, por outra razão diferente destas.
Quem estava contigo? R: mãe. Pai, Avós. Tios. Primos. Outros parentes. Vizinhos. Amigos. Colegas de escola. Professores. Monitores.
Onde é que estavas? R: Em casa. Na casa de amigos/parentes/vizinhos. Na escola. No atl. Numa biblioteca. Noutro lugar diferente destes.
Rotinas da Casa
Onde é que costumavas estar quando navegas na Internet? R: Na tua casa. Em casa de amigos. Na escola. Em lugares públicos com Internet.
Quando usas a Internet normalmente estás com: R amigo/a, vários amigos/as, com um irmão/ã, primo/prima, mãe, pai, outros, parentes, sozinho.
Onde está o computador em que navegas? É de quem?
Quem mais percebe de Internet em casa? Quem mais usa a Internet em casa?
Em tua casa há: R: Televisão. Computador, Leitor de vídeo. Dvd. Telemóvel. Consolas. Outros.
Estão em que compartimentos da casa?
Limites Parentais
Quem decide quando usas a Internet em casa? R: Só tu. Tu com o consentimento dos teus pais.
Quando navegas podes visitar tudo o que quiseses? R: Sim. Não. Explica melhor.
Quanto tempo podes passar a navegar?: R: O tempo que quiseses. Tens um limite de tempo definido pelos pais.
Quando é que costumavas navegar? R: Ao chegar a casa, da escola. Depois do jantar. Ao fim-de-semana.
Onde é que há maior controlo: R Na escola. Em casa.
Escola, Acessos, Mediação
Na escola há computadores? com ligação à Internet?
Os computadores têm ligação à Internet?
Onde estão os computadores que usas?

Podes usar a Internet: R: Quando queres. Só durante as aulas. Só para trabalhos.
Há limites de tempo para navegar?
Podes visitar tudo o que quiseses ou há regras?
Quem controla o uso da Internet?
Usos Presentes
A Internet serve para: R: Fazer trabalhos de casa. Procurar informação que precisas. Visitar os sites que gostas. Falar com os amigos. Conhecer pessoas novas. Fazer jogos. Fazer download de música, imagens, filmes. Fazer compras. Passar o tempo.
O que mais gostas de fazer na Internet? Porquê?
Tem contas de correio electrónico? Qual/ Quais os que nomes aparecem a seguir à arroba @?
Recebes mais ou envias mais emails?
O que é que envias nos emails e o que é que recebes?
O correio electrónico para ti: é essencial, é dispensável, tem alguma importância?
Serviços de Mensagens Instantâneas, Sites de Redes Sociais, Chats
Indica o que conheces e o que usas: R: Hi5, MSN, Habbo Hotel, IRC, HICS, Omerta, MySpace.
Como é que o conhecestes? R: Pelos amigos. Pais. Professores. Primos. Irmãos.
Quando é que começaste a usar? E porquê?
Costumas estar sozinho ou com mais alguém a teu lado quando usas estas ferramentas? Quem?
Quando usas estes programas e sites personalizas o espaço? R: Sim. Não. Com dados reais. Com dados inventados.
As pessoas nas tuas listas de contactos são: R: Amigos que já conhecias antes. Pessoas/amigos que conhecestes apenas na Internet.
Quando alguém fala contigo na rede, dás os teus dados pessoais ou inventas informação acerca de ti?
De que assuntos costumavas falar? És tu que os escolhes ou são os teus amigos que sugerem algum tema?
Já conhecestes pessoalmente os teus amigos virtuais? Já te encontraste com eles? Já foram a tua casa? Já marcaram algum encontro?
Falas das conversas que tiveste e dos teus amigos virtuais a alguém? R: Nunca. Quando não gostei da conversa. A quem?
Parece-te que há algum risco em usar o MSN chats ou o Hi5? R: Não, Sim.
Se sim, que riscos pensas que podem existir?
Já te convidaram para entrar em conversas em salas privadas no chat?

O convite veio de alguém que: R: Tu conhecias de todos os dias ou que conheces apenas da Internet ou que estavas a conhecer naquele momento?
Quem decide o assunto destas conversas: R: Tu ou a pessoa que te convida?
Alguma vez houve alguma conversa que tenha começado a ficar incómoda, desagradável?
Se a conversa começou a incomodar-te, o que é que fizeste ? R: Continuaste. Disseste ao teu amigo que não gostavas da conversa. Saíste do chat. Desligaste o computador. Nunca mais entraste no chat.
Alguma vez algum amigo virtual te quis oferecer algum presente?
Alguma vez algum amigo virtual te pediu algum favor de que tu não tenhas gostado?
Alguma vez alguém que tu não conhecias tentou marcar algum encontro contigo num lugar em concreto?
Se sim, chegaste a encontrar-te com a pessoa?
Se sim, avisaste alguém que tinhas esse encontro marcado?
Riscos: <i>Phishing, Bullying/Stalking, Abuse</i>
Já recebeste emails com filmes ou imagens estranhas ou muito violentas?
Se sim, de quem? R: Amigos conhecidos. Amigos virtuais.
E o que fazes com isso? R: reenvias para os amigos, apagas, não falas a ninguém, contas aos teus amigos, a adultos.
Já aconteceu com amigos ou conhecidos teus?
E já enviaste emails com filmes ou imagens estranhas ou violentas?
Já recebeste filmes e imagens pornográficas? De quem: Amigos que conheces ou amigos virtuais ou desconhecidos?
Se sim, de quem? R: Amigos conhecidos. Amigos virtuais.
Já aconteceu com amigos ou conhecidos teus?
Se sim, o que fazes com isso: Reenvias para os amigos. Apagas, e não falas disso a ninguém. Falarias disso a um adulto?
Já enviaste filmes ou imagens pornográficas?
Já te aconteceu alguém não te deixar em paz/estar constantemente a perseguir, enviando mails aborrecidos, todos os dias ou quase todos os dias, procurando-te no MSN ou nos chats a dizer coisas desagradáveis sobre ti?
Como que te incomodava? R: Era violento. Ameaçava. Fazia ter medo. Fazia chantagem. Incomodava por estar sempre a aparecer online todos os dias e a qualquer momento na Internet?
Se sim, o que fizeste?
Pediste ajuda a alguém?
Já incomodaste alguém desta forma?
Há amigos ou conhecidos teus que já o tenham feito?
Já recebeste algum email em que te era pedido para confirmares informações pessoais (nº de BI, password de cartão de débito, nº e password de cartão de crédito dos pais que usas quando fazes compras online, morada etc..)?

Já entraste nalgum site em que te tenham pedido para preencheres dados pessoais(nº de BI, password de cartão de débito, nº e password de cartão de crédito dos pais que usas quando fazes compras online, morada etc..)?
O que fizeste?
Contaste a alguém?

7.2.2 Quadro de Identificação de Usos Online Preferenciais e Riscos Online

Aplicações da Internet	Usos	Riscos
1-Pesquisar informação como parte do meu trabalho da escola		
2-Pesquisar informação sobre assuntos que me interessam/Navegar por prazer		
3-Enviar e receber emails		
4-Usar o MSN/ Falar com os amigos por chat		
5-Entrar em chats abertos		
6-Criar o meu próprio blog/homepage e colocar os meus próprios textos, fotos, música na Internet		
7-Ler e responder a blogs/homepages de amigos		
8-Ler e responder aos blogs/homepages de pessoas que nunca conheci		
9-Jogar jogos online		
10-Descarregar música, filmes, vídeos, jogos e outros ficheiros.		
11-Partilhar ficheiros (música, filmes, vídeos, jogos ou outros)		
12-Partilhar fotos		
13-Descarregar toques/imagens para o meu telemóvel		
14-Participar em concursos		
15-Fazer telefonemas através da Internet.		

7.2.3 Riscos Online: *Phishing*, *Stalking/Bullying* e *Abuse* – Situações Práticas

1 - Recebi no meu email uma mensagem de alguém que diz ser o Hotmail/ Live Messenger e que pede para eu confirmar a password que uso neste email.

B) Não respondo ao pedido e apago o email.

D1) Peço ajuda aos meus pais.

C) Reenvio o email a amigos a perguntar...:

D3) Peço ajuda a amigas/os.

D2) Peço ajuda a irmãos(ãs).

E) Hipótese acrescentada pelo inquirido: Peço ajuda aos primos/família.

2 – Há um amigo/a que conheci esta semana na Net, num chat de música. Ele enviou-me um email que contém apenas um ficheiro com o nome de TokioHotel_Live.ZIP.

- E) Respostas acrescentadas pelos inquiridos.
- B) Antes de abrir pergunto ao meu amigo o que é que vem na mensagem que me enviou.
- A) Agradeço e abro imediatamente.
- C) Faço forward do email para os meus amigos que gostam de Tokio Hotel, mesmo antes de o abrir, sem acrescentar mais nada na minha mensagem.
- D1) Peço ajuda aos pais.
- D2) Antes de abrir a mensagem falo com alguém e peço opinião: irmãos(ãs).
- D3) Antes de abrir a mensagem falo com alguém...
- D5) família.

3 - Caso tenhas decidido abrir o email, descobres que em vez de um concerto dos Tokio Hotel encontras um filme com uma cena violenta ou algo desagradável que te deixa incomodado/a e pouco à vontade.

- C) Como já tinha acrescentado este amigo virtual ao meu MSN, bloqueio o nome dele.
- D): Não volto mais ao chat onde conheci este amigo virtual.
- E): Conto o que aconteceu aos meus amigos.
- A) Eu decido apagar o email e não comento com ninguém.
- F4) Não conto o que aconteceu a adultos: professores.
- F1) Não conto o que aconteceu a adultos.
- G): Resposta inventada pelos inquiridos.
- F2) Não conto o que aconteceu a adultos.
- B) Reenvio o mail para amigos.
- F3) Não conto o que aconteceu a adultos: irmãos.
- F5) Não conto o que aconteceu a adultos, outras pessoas.
- F) Não conto aos adultos.

4 - Um dos meus amigos que conheço apenas da Internet vai ao mesmo concerto que eu no fim-de-semana. Ele desafiou-me para irmos juntos.

- C) Eu digo que não e agradeço.
- B) Eu digo que preciso de falar com os meus pais primeiro para saber se me autorizam.
- D) Outra hipótese acrescentada pelo inquirido: Ia, mas com alguém adulto conhecido para ver se não era uma armadilha.

5 - Uma colega minha com quem me aborreci a sério e com quem não quero mais falar, anda a mandar-me mails idiotas todos os dias só para me chatear ainda mais.

e pior que tudo: que ela diz que vai pôr no YOU TUBE uns filmes meus (que fizemos uma vez na brincadeira) para toda a gente ver e se rir de mim...

A) Não faço nada, ignoro.

F) Resposta acrescentada pelos inquiridos.

D1) Peço ajuda e falo com adultos: os meus pais.

C) Peço ajuda e falo com os meus amigos.

B) Não conto nada a ninguém, apesar de esta situação me incomodar.

D3) Peço ajuda e falo com adultos, outras pessoas.

6 - Há um amigo que conheci no Hi5 e que prometeu oferecer o que eu quisesse quando fosse lanchar com ele um dia destes.

A) Eu já disse que não quero nada dele e que não vou lanchar.

D) Eu conto aos meus pais e pergunto-lhes se posso receber o presente e se posso ir.

C) Eu conto aos meus amigos e pergunto o que lhes parece.

7 - Há um amigo virtual que quase todos os dias faz comentários sem sentido a tudo o que eu ponho no meu Hi5 e não me deixa em paz.

A) Eu bloqueio o nome dele no MSG e noutros sites de redes sociais a que o associei.

C3) Eu conto o que se passa e peço ajuda: aos meus pais.

C1) Eu conto o que se passa e peço ajuda: aos meus amigos.

C2) Eu conto o que se passa e peço ajuda: aos meus irmãos.

B) Falo directamente com ele e digo-lhe para parar.

8 - Ao navegar pelos meus sites favoritos aparece-me uma janela de repente:

“Abre e ganha agora um Iphone!!!”

Eu abro-a e tenho que inventar uma frase sobre a música do meu cantor favorito e preencher um formulário com o meu nome completo, morada completa, nº de cartão de crédito para pagar portes de correio, idade, gostos musicais, email e palavra-passe do email.

A) Eu ignoro e continuo a navegar pelos meus sites favoritos.

D) Eu peço ajuda aos meus pais.

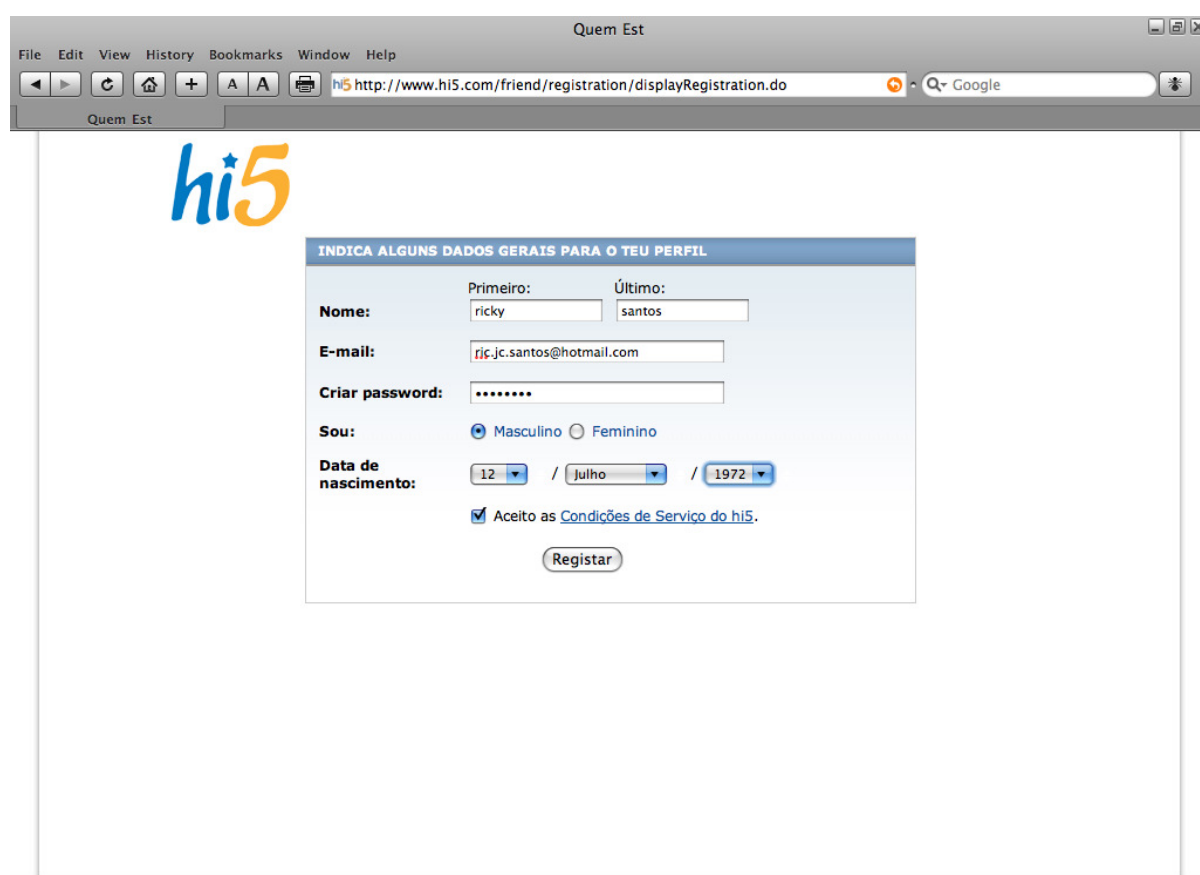
C) Eu peço ajuda aos meus amigos que gostam do mesmo cantor que eu para escrever a melhor frase e dou todos os dados pedidos.

9 - Um amigo meu que só conheço da Internet convidou-me para a festa de anos dele quando falávamos numa sala privada num chat de moda.

A) Eu digo-lhe que não vou à festa.

F) resposta acrescentada pelos inquiridos.

7.2.4 Edição de Um Perfil de Hi5



The image shows a screenshot of a web browser window displaying the Hi5 registration page. The browser's address bar shows the URL <http://www.hi5.com/friend/registration/displayRegistration.do>. The Hi5 logo is visible in the top left corner of the page. The registration form is titled "INDICA ALGUNS DADOS GERAIS PARA O TEU PERFIL" and contains the following fields and options:

- Nome:** Two text boxes for "Primeiro:" (containing "ricky") and "Último:" (containing "santos").
- E-mail:** A text box containing "ric.jc.santos@hotmail.com".
- Criar password:** A text box with masked characters ".....".
- Sou:** Radio buttons for "Masculino" (selected) and "Feminino".
- Data de nascimento:** Three dropdown menus showing "12", "Julho", and "1972".
- ☒ Aceito as [Condições de Serviço do hi5.](#)
- Registrar** button.

Crianças e Riscos Online

hi5 | Your Friends. Your World.

File Edit View History Bookmarks Window Help

http://www.hi5.com/friend/profile/displayEditPersonal.do

Google

hi5 | Your Friends. Your W...

ricky :: Meu Perfil

Perfil Fotos Álbum de Recortes Diário Grupos Favoritos Aplicações »

EDITAR O PERFIL

Informações básicas Foto Contato **Interesses**

Interesses:

Música favorita

Filmes favoritos:

hi5 | Your Friends. Your World.

File Edit View History Bookmarks Window Help

http://www.hi5.com/friend/profile/displayEditPersonal.do

Google

hi5 | Your Friends. Your W...

ricky :: Meu Perfil

Perfil Fotos Álbum de Recortes Diário Grupos Favoritos Aplicações »

EDITAR O PERFIL

Informações básicas Foto Contato **Interesses**

Shows de TV favoritos:

Livros favoritos:

Citação favorita:

Salvar perfil Cancelar

© 2003-2008 hi5 Networks Sobre nós Blog Publicidade Empregos Política de Privacidade Condições do Serviço Segurança online

hi5 | Your Friends. Your World.

File Edit View History Bookmarks Window Help

http://www.hi5.com/friend/profile/displayEditContact.do

Google

hi5 | Your Friends. Your W...

Página inicial Meu Perfil Amigos Mensagens Grupos Pesquisar []

Bem-vindo, ricky [Fazer logout | Configurações | Privacidade]

Ajuda

ricky :: Meu Perfil

Perfil Fotos Álbum de Recortes Diário Grupos Favoritos Aplicações »

EDITAR O PERFIL

Informações básicas Foto **Contato** Interesses

Endereço de e-mail alternativo []

Nomes de usuário de MI [] [] Meus amigos podem ver este

+ Adicionar mais nomes de usuário de MI

Celular [] Ninguém pode ver este

País Portugal Todos podem ver este

Cidade Lisboa

Endereço []

url do hi5 http://[]hi5.com Verificar disponibilidade

Salvar perfil Cancelar

© 2003-2008 hi5 Networks Sobre nós Blog Publicidade Empregos Política de Privacidade Condições do Serviço Segurança online

Carregue uma foto

File Edit View History Bookmarks Window Help

http://www.hi5.com/friend/registration/uploadPhoto.do

Google

Carregue uma foto

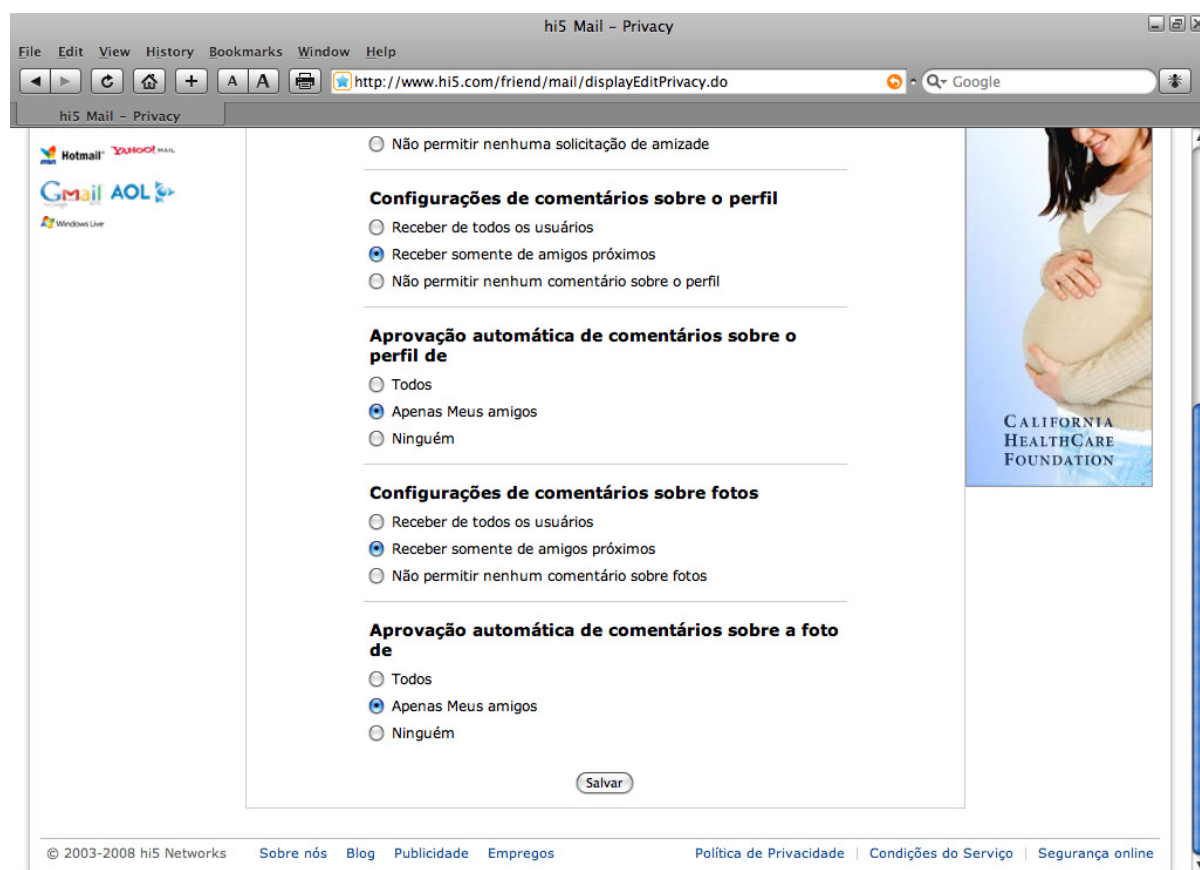
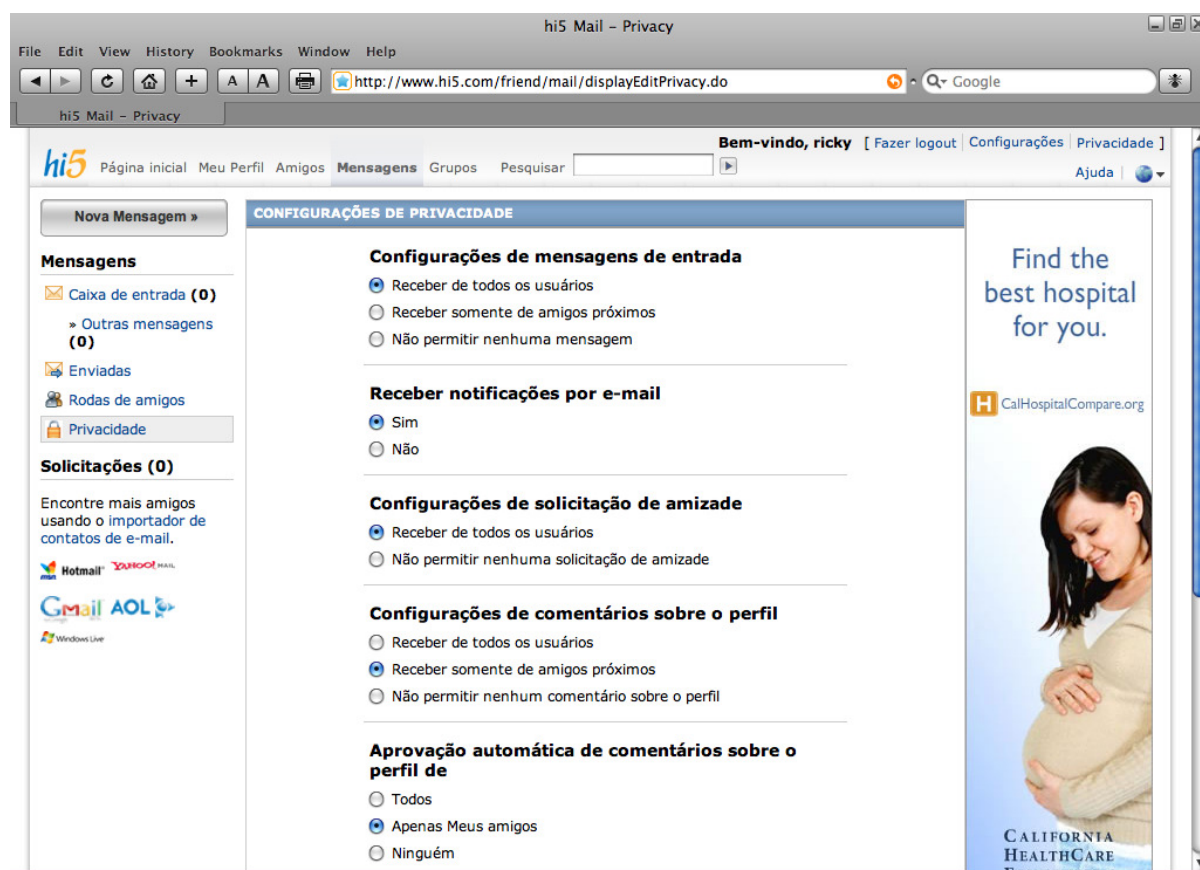
Carregue uma foto

Choose File no file selected

Upload

Não carregue fotos que contenham nudez, animais de estimação, celebridades ou imagens protegidas por leis de direito autoral. Se você violar nossas condições, cancelaremos sua conta.
[Exibir Política de Fotografia do hi5.](#)

[Não, obrigado\(a\). Talvez mais tarde](#)



7.3 Quadros de Apoio à Investigação

Quadro 1 - Modelo Sistematizador de Riscos Online

Motivos Papel da Criança	Interesses Comerciais	Agressão	Sexualidade	Valores / Ideologia
Conteúdo (O que é encontrado na web) "A criança como receptor"	Publicidade, exploração de informação pessoal	Conteúdo violento na web	Conteúdo sexual problemático na web	Informação tendenciosa, racismo, blasfémia, "conselhos" de saúde
Contacto (Alguém tenta contactar) "A criança como participante"	Exploração mais sofisticada, crianças apanhadas por publicidade	Ser incomodado, perseguido, intimidado	Ser objecto de "grooming", combinar contactos offline	Receber informação falsa
Conduta (Criança contacta alguém) "A criança como actor"	Downloads ilegais, envio de mensagens ofensivas aos pares	"Cyberbullying" sobre terceiros	Publicar pornografia	Fornecer informação falsa

Quadro 2 - Iniciação ao Online

Entrevistados	Idade	Motivação	Primeiros usos	Onde	Com quem	Quem ensinou
Henrique 8 anos	6 - 7	Não menciona	Não se lembra	Em casa	Mãe	Mãe
Júlia 8 anos	7	Influência da mãe	Não se lembra	Casa e casa avó	Mãe, pai	Pai
Madalena 8 anos	6	Na aula de informática	Não menciona	Na escola	Professores de informática	Professores de informática
Mário 9 anos	6	Na aula de informática	Não menciona	Na escola	Professores de informática	Professores de informática
Lúcia 9 anos	6	Na aula de informática	Não menciona	Na escola	Professores de informática	Professores de informática
Camila 9 anos	6-7	Influência da irmã do meio	Jogos	Em casa	Pai e as 2 irmãs mais velhas	Pai, irmãs
Paulo 10 anos	8 - 9		Jogos	Em casa	Pai	Pai
Luísa 10 anos	8	Curiosidade e o pai queria ensinar	Jogos e tpc	Em casa	Pai	Pai, a pedido da Luísa
Hugo 10 anos	8	Curiosidade	Jogos	Escritório mãe e depois em casa	Mãe	Sozinho e primos
Patrícia 10 anos	8 - 9	Curiosidade	Jogos	Em casa	Pai e irmã mais velha	Sozinha, pai, irmã mais velha

Crianças e Riscos Online

Diogo 11 anos	7 (não sabe ao certo)	Amigos, exemplo do pai	tpc, jogos	Em casa	Pai para TPC	Sozinho, pai
Rafael 11 anos	5	Curiosidade		Em casa	A mãe	Sozinho, mãe
Cláudia 12 anos	6 - 7	O irmão mais velho	Jogos, Google	Em casa	O irmão mais velho	Irmão mais velho
Francisco 12 anos	7	Pai e colegas da escola	Jogos	Escola, depois em casa	Colegas e Pai	Colegas e Pai
Margarida 12 anos	7 - 8	Curiosidade e os amigos	MSN	Em casa	Irmã mais velha	Sozinha, irmã mais velha
Nuno 12 anos	7	Curiosidade e influência dos professores	TPC	Em casa	Pai	Pai, a pedido do Nuno
Marco 13 anos	10	Os colegas da escola	Jogos	Na escola	Colegas	Colegas e o Pai
Isabel 13 anos	6 - 7	Pai	Jogos e Google	Em casa	Pai e o irmão mais velho	Pai, irmão mais velho
André 13 anos	10	Os amigos*	MSN	Em casa	Os Pais	Pais
Laura 13 anos	7 - 8	A vizinha e a professora	Tpc	Em casa	O Pai	Pai

Quadro 3 – Usos Domésticos e Mediação Parental

Entrevistados	Quanto tempo navega?	Quando acede à rede?	É necessária autorização?	Com quem está?	Os pais estão presentes?	limites impostos pelos pais: Tempo e conteúdos	Usos com ajuda dos pais
Henrique 8 anos	No máximo 40 m	Depois da escola, antes e às vezes depois do jantar //Quase todos os dias	Não	Sozinho ou acompanhado pelos pais	A mãe tem conhecimento e vigia à distância. Com o pai, este sabe que ele está a navegar mas não está a ver	Não pode ver jogos muito violentos, sites de gente crescida// Não tem limites de tempo	
Júlia 8 anos	Entre 15 m a 30 m. Por vezes até 1h h	<i>A semana Inteira//ao Sábado tenho um tempinho de manhã e no Domingo depende</i>	<i>Em casa pede ao pai p ligar o computador; na casa da avó liga ela</i>	<i>Sozinha, com pais, com irmão mais novo</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Têm (regras), que eu não posso mexer lá numas coisas// Não tem limites de tempo</i>	<i>Os pais ligam o computador</i>
Madalena 8 anos	15 m	Depois do tpc, antes do jantar e depois do jantar	Não	<i>Sozinha, com o irmão e de vez em quando com o pai</i>	Quase nunca	Não	<i>Às vezes ele (o pai) diz o que é que eu tenho que fazer, porque às vezes ele vai à procura comigo de jogos e também me ajuda a fazer outras coisas.</i>
Mário 9 anos	<i>15 m, mas se pudesse passava o dia inteiro</i>		Não	Sozinho ou com a irmã	Quase nunca	<i>Não, eu geralmente só vou buscar jogos</i>	<i>O meu pai só me ajuda a meter a Internet</i>

Crianças e Riscos Online

						<i>à Internet</i>	
Lúcia 9 anos	15 m, mas quando os pais não estão em casa vai até hora e meia	Depois dos trabalhos escolares, ao final da tarde	Não	Sozinha e esporadicamente com o pai	Muito raramente com o pai	<i>Eles não dizem nada, mas se eu não souber, não me atrevo a tocar naquilo</i>	<i>A mim, ajuda-me a desligar (o computador)</i>
Camila 9 anos	15 m		Sim	Sozinha ou com a irmã do meio	Não	Há limites explícitos de tempo e de conteúdos impostos pelo pai	Não
Paulo 10 anos	Pouco, ele interessa-se e usa pouco a Internet	<i>É à noite entre as 7 e as (9 anos) h. Ao fim-de-semana uso menos</i>	Não	Sozinho e com o irmão	Não	Não há limites de tempo	Não
Luísa 10 anos	Se calhar 1 h	<i>Não sabe, quando está livre, se calhar mais ao fim-de-semana e nas férias</i>	Não, vai quando não está ninguém no computador	Sozinha e com os pais.	Sim, às vezes	Não	Às vezes
Hugo 10 anos	1 h, 1.30 h à semana se não tiver tpc e depois do banho. Aos fins-de-semana, já passou manhãs tardes e noites de seguida	Quando chega a, depois dos tpc	Não	Sozinho	Sozinho	Só há limites em relação ao tempo e ele quebra-os sempre que pode	<i>mas é mais para copiar as coisas para o Word... e isso...// Às vezes... assim, pesquisas para trabalho, se calhar já preciso (de ajuda) mais de</i>

Crianças e Riscos Online

							<i>ajuda...</i>
Patrícia 10 anos	15 m		Sim	Sozinha e com a irmã	Ficam sós	Há limites de tempo e de conteúdos impostos pelo pai	Não
Diogo 11 anos	Não sabe, passa semanas sem aceder. No máximo 3 h	Depois das aulas e por vezes depois do jantar	Sim, mas quando pede à mãe, é um pró-forma. Com o pai pede quando ele está no computador	Sozinho em casa e com os colegas na escola	Às vezes, o pai	Tem instalado um software de segurança para crianças no pc// não pode visitar sites para maiores de 12 anos	Ajuda dos pais para os trabalhos escolares
Rafael 11 anos	Varia de 15 m a até 3 h à semana, ou até 6 h ao fim-de-semana	Aos dias de semana e ao fim-de-semana	Não	Sozinho em casa, com colegas na escola	Mediação à distância da mãe	A mãe proíbe expressamente o habbo hotel, ele auto-limita-se	A mãe intervém quando Rafael pede
Cláudia 12 anos	No máximo 40 m	Usa mais à semana	Não	Sozinha	A mãe vem ver às vezes	Limites de tempo impostos pela mãe	Não
Francisco 12 anos	De 30 m a 1h. Ao fim-de-semana chega a ser 1.30 h a 2 h		Não, apenas quando alguém está no pc	Sozinho	Não	Não há limites de tempo.// Há limites de conteúdos: evitar sites que tragam vírus	Não
Margarida 12 anos	No mínimo 20 m à semana. Ao fim-de-semana são horas	Depende do estudo que tiver que fazer. Ou antes ou depois do jantar	Não	Sozinha ou com amigos	Não, mas às vezes vêm ver,	Não há limites de tempo, há limites de conteúdos mas são implícitos e partem da Margarida	Quando há tpc
Nuno 12 anos	2, 3 horas	À noite, quase todos os dias, à segunda, quarta, quinta, sexta;	Ele é que decide	Sozinho	Sim, às vezes também vão ver o que é que eu	Há limites de tempo.	

Crianças e Riscos Online

		Está mais tempo ao fim-de-semana que à semana			<i>estou a fazer.</i>		
Marco 13 anos		Mais à semana.	Não precisa de autorização	Sozinho	<i>Às vezes vai lá o meu pai ver o que é que eu estou a fazer</i>	Não tem limite de tempo// Tem limites de conteúdos: Não pode visitar sites que não são seguros, não pode importar vídeos a mais	Não
Isabel 13 anos	Navega pouco, prefere ver televisão	Navega mais à tarde quando a mãe está a trabalhar	Não	Sozinha	Não	Não. Mas há conselhos da mãe quanto a dados pessoais que se põe no Hi5	Não
André 13 anos	2 h no máximo	Antes e depois jantar	Não, desde que tem um portátil dele	Sozinho ou com amigos	Não	<i>Eles dizem algumas regras, (...) avisam-me para não ir a sites perigosos e p não por informações na Internet.</i>	Sim, para fazer trabalhos escolares

Crianças e Riscos Online

Laura 13 anos	1 h, 1.30 h dependendo das coisas que há para fazer. Em dias com menos trabalho, 3 h	Depois da escola e antes do jantar. Mais aos dias de semana que ao fim-de-semana	Não com o pai, sim com a mãe, quando o pc está a ser usado	Sozinha	Não	Não tem limites de tempo // ela auto limita-se nos conteúdos que deve visitar	Não
------------------	--	---	---	---------	-----	---	-----

Quadro 4 – Acessos, Usos e Mediação na Escola

Entrevistados	Há computadores e Internet na escola?	Onde se acede à Internet?	Quando se acede à Internet?	Que limites há ao uso da Internet?
Henrique, 8 anos	Sim	Na sala de aula	Só quando está nas aulas	Uso só para os trabalhos nas aulas
Júlia, 8 anos	Sim	Na biblioteca	Com a professora	No âmbito do trabalho escolar
Madalena, 8 anos	Sim	Na sala de informática	Nas aulas de informática	Uso da Internet no âmbito da aula conciliada com usos livre
Mário, 9 anos	Sim	Na sala de informática	Nas aulas de informática	Trabalho no âmbito da aula de informática, mas se há aula livre, pode fazer o que quiser
Lúcia, 9 anos	Sim	Na sala de informática	Nas aulas de informática	Depois dos trabalhos, os professores deixam até fazer jogos
Camila, 9 anos				
Paulo, 10 anos	Sim	Na sala de aula	A professora leva o portátil e põe o router que dá para toda a sala	Só para fazer trabalhos da área de projecto; só para pesquisar texto e imagens para trabalhos
Luísa, 10 anos	Sim		A Internet é lenta na escola e por isso a Luísa nunca Acede quando lá está	Só para os trabalhos da escola
Hugo, 10 anos	Sim	No centro de recursos	Nos intervalos entre as aulas	Há limite de tempo de 1 h. Faz-se inscrição no livro de registos do centro de recursos
Patrícia, 10 anos	Sim	Na sala de aulas	Nas aulas da área de projecto	Só para trabalhos da escola
Diogo, 11 anos	Sim	Na biblioteca e na sala de informática		Na biblioteca é só para trabalhar. Na sala de informática, acabado o trabalho, é uso livre

Crianças e Riscos Online

Rafael, 11 anos	Sim	Na biblioteca e na sala de informática		Na biblioteca é só para trabalhar. Na sala de informática, acabado o trabalho é uso livre
Cláudia, 12 anos	Sim	Na biblioteca		Só trabalhos da escola
Francisco, 12 anos	Sim	Na biblioteca e na sala de TIC		Na biblioteca só posso fazer pesquisa para o tpc. Na sala de TIC pode fazer tudo, jogos também.
Margarida, 12 anos	Sim	Na biblioteca		Uso apenas para trabalhos escolares. Está instalado programa de controlo de sites por onde se navega
Nuno, 12 anos	Sim	Na sala de aula		Apenas nas aulas, para fazer trabalhos
Marco, 13 anos	Sim	Na sala de TIC		Só para fazer os trabalhos da escola
Isabel, 13 anos	Sim	Na biblioteca		Só para trabalhos da escola
André, 13 anos	Sim	No centro de recursos	<i>Uso a net às vezes para alguns trabalhos que preciso, à ultima hora; tenho que ir ao centro de recursos e faço lá os trabalhinhos</i>	Limitado a trabalhos da escola
Laura, 13 anos	Sim	Há uma sala de informática, a biblioteca e os professores requisitam portáteis. A Laura usa Internet na biblioteca com os colegas		Há sites a que não podem aceder: email, YouTube só com autorização

Quadro 5 – Ambientes Familiares Face aos Media

Entrevistados	Compartimento do computador	O maior conhecedor de Internet	O maior utilizador de Internet	Já ensinaste alguém a usar a Internet?
Henrique, 8 anos	Na sala, portátil da mãe	A mãe	A mãe	Não
Júlia, 8 anos	Na casa da avó, no escritório dos pais	O pai	O pai	Sim, a avó, o irmão mais novo
Madalena, 8 anos	Portáteis do pai e da mãe	Pai	O pai	Não
Mário, 9 anos	Portáteis do pai e da mãe	O pai e a mãe	O pai	Não
Lúcia, 9 anos	Computador fixo, no quarto do irmão mais novo	O pai	O pai	Não
Camila, 9 anos	Computador fixo, da família	O pai	A Camila e a Irmã Patrícia	Ainda não mas talvez venha a ensinar
Paulo, 10 anos	Computador familiar, no quarto dos pais	O pai	O irmão	Não
Luísa, 10 anos	Na sala, portátil	O pai	O pai	Sim, a mãe e a tia
Hugo, 10 anos	No escritório	O Hugo	O Hugo	Não
Patrícia, 10 anos	Computador fixo, da família	O pai	O pai e a mãe para o trabalho	Sim, amigas
Diogo, 11 anos	Computador fixo, do pai, no escritório	O pai	O pai	Sim, primos mais novos
Rafael, 11 anos	Na sala, portátil do Rafael	O Rafael	O Rafael	Sim, amigos
Cláudia, 12 anos	No quarto de dormir um portátil da Cláudia	O irmão de 26 anos	O irmão de 26 anos	Sim, o irmão de (8 anos) anos
Francisco, 12 anos	No escritório, computador fixo da família	A irmã de 14 anos	O pai	Não
Margarida, 12 anos	No quarto de dormir	A irmã mais velha, de 14 anos	A Margarida e a irmã mais velha	Não

Crianças e Riscos Online

Nuno, 12 anos	Na sala, computador familiar	O pai	O Nuno	Sim, um amigo
Marco, 13 anos	Na sala está o portátil e no escritório o computador fixo	O pai	O pai e o Marco	Não
Isabel, 13 anos		O pai	O irmão mais velho	Sim, a irmã mais nova
André, 13 anos	Portátil do André, usado no quarto e na sala	O pai	O pai e o André, para fazer os tpc	Sim, o irmão mais novo
Laura, 13 anos	No escritório, em casa do pai e da mãe	A mãe	A Laura	Sim, a irmã de (8 anos)

Quadro 6 – Usos Mais Valorizados na Internet

Entrevistados	YouTube	Jogos online	Hi5	MSN	Chat	Noção de risco	Quem falou no risco?
Henrique, 8 anos	A, B,C	A,B,C	A,B	A,B,C		SIM	Pais
Júlia, 8 anos	A	A,B,C	A	A,C		SIM	Pai
Madalena, 8 anos		A,B,C				SIM	Pai
Mário, 9 anos	A,	A,B,C	A, B	A, B		SIM	Pai
Lúcia, 9 anos	A, C	A,B,C	A	A, C		SIM	Pai
Camila, 9 anos	A,B,C	A,B,C	A,B	A,B,C	A,B	SIM	Pais, televisão
Paulo, 10 anos	A,B,C	A,B,C	A	A,B,C	A	NÃO	
Luísa, 10 anos	A,B,C	A,B,C	A,B	A,B,C	A	SIM	Pai
Hugo, 10 anos	A,B,C	A,B,C	A,B,	A,B,C	A,B,C	SIM	Mãe, autoridades policiais
Patrícia, 10 anos	A,B,C	A,B,C	A,B	A,B,C	A,B	SIM	Pais, televisão
Diogo, 11 anos	A,B,C	A,B,C	A,B	A,B,C	A,B	SIM	Pai, colegas
Rafael, 11 anos	A,B,C	A,B,C	A,B	A,B,C	A,B,C	SIM	Pais, o próprio
Cláudia, 12 anos	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B	SIM	Pais, irmão mais velho, televisão
Francisco, 12 anos	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B	SIM	Pais

Crianças e Riscos Online

Margarida, 12 anos	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B,C	SIM	Irmã, pais, ela mesma
Nuno, 12 anos	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B	SIM	PAIS
Marco, 13 anos	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B,C	SIM	PAI
Isabel, 13 anos	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B	SIM	Amigos e mãe
André, 13 anos	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B,C	A,B	SIM	Amigos, pais, tv
Laura, 13 anos	A,B,C	A,B	A,B	A,B,C	A,B	SIM	Na própria

Quadro 7 - Utilizações Online Preferidas pelos Inquiridos

Perguntas →	1*	2*	3*	4*	5*	6*	7*	8*	9*	10*	11*	12*	13*	14*	15*	Totais individuais
Entrevistados																
Henrique, 8 anos	X			X					X	X						4
Júlia, 8 anos		X	X	X		X	X		XX							6
Madalena, 8 anos	X	X	X						X	X						5
Mário, 9 anos	X	X	X						XX	X						5
Lúcia, 9 anos	X	X	X	X		X			X	X						7
Camila, 9 anos	X		XX	XX		X			XXX		X	X		XX	X	9
Paulo, 10 anos	X	X		X					X	XX						5
Luísa, 10 anos	X		X	X					XX			X			X	6
Hugo, 10 anos	X	XX	X	X	X				XX	X	X			X		9
Patrícia, 10 anos	XX	XX	X	X		X			XXX	X		X			X	9
Diogo, 11 anos	XX	XX		XX					XX			X				5
Rafael, 11 anos	X	XX	X	XX	X				XXX	X		X				8
Cláudia, 12 anos	XX	XX	X	X		XX	X		X		X	X		X	X	11
Francisco, 12 anos	XX	X	XX	XX		X	X		XX	X	X	X			X	11
Margarida, 12 anos	XX	XX	X	XX	X	XX	X	X	XX	XX	X	X		X	X	14
Nuno, 12 anos	XX	XX	X	XX		XX	X		XX	X		X			X	10
Marco, 13 anos	X	XX	XX	XX	X	XX	XX		X	XX	XX	X				11
Isabel, 13 anos	X	XX	X	X	X	X	XX	X	XX	XX	XX	XX			X	13
André, 13, anos	X	XX	X	XX		XX	X		XX	XX	XX	XX				10
Laura, 13, anos	XX	X	X	X		X				XX	X			X		8
Totais gerais	19	17	17	18	5	12	8	2	19	15	9	12	0	5	8	

***Legenda do Quadro 7 - Utilizações Online Preferidas pelos Inquiridos**

- 1: Pesquisar informação como parte do meu trabalho da escola.
- 2: Pesquisar informação sobre assuntos que me interessam/Navegar por prazer.
- 3: Enviar e receber emails.
- 4: Usar o MSN/ Falar com os amigos por chat.
- 5: Entrar em chats abertos.
- 6: Criar o meu próprio blog/homepage e colocar os meus próprios textos, fotos, música na Internet.
- 7: Ler e responder aos blogs/homepages de amigos.
- 8: Ler e responder aos blogs/homepages de pessoas que nunca conheci.
- 9: Jogar jogos online.
- 10: Descarregar música, filmes, vídeos, jogos e outros ficheiros.
- 11: Partilhar ficheiros (música, filmes, vídeos, jogos ou outros).
- 12: Partilhar fotos.
- 13: Descarregar toques/imagens para o meu telemóvel.
- 14: Participar em concursos.
- 15: Fazer telefonemas através da Internet.

Figura 1 - Análise Gráfica do Quadro 7, por Género

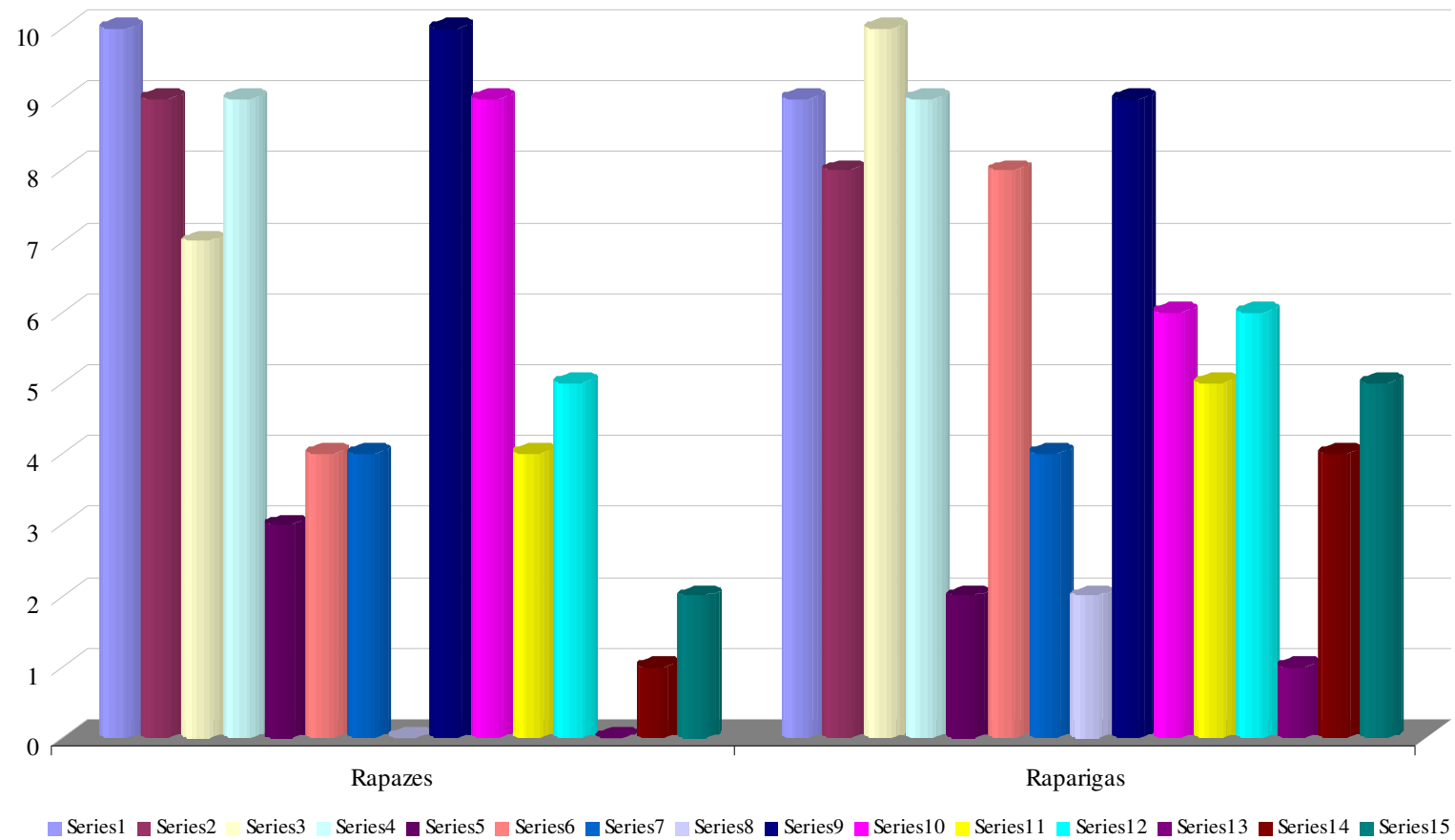
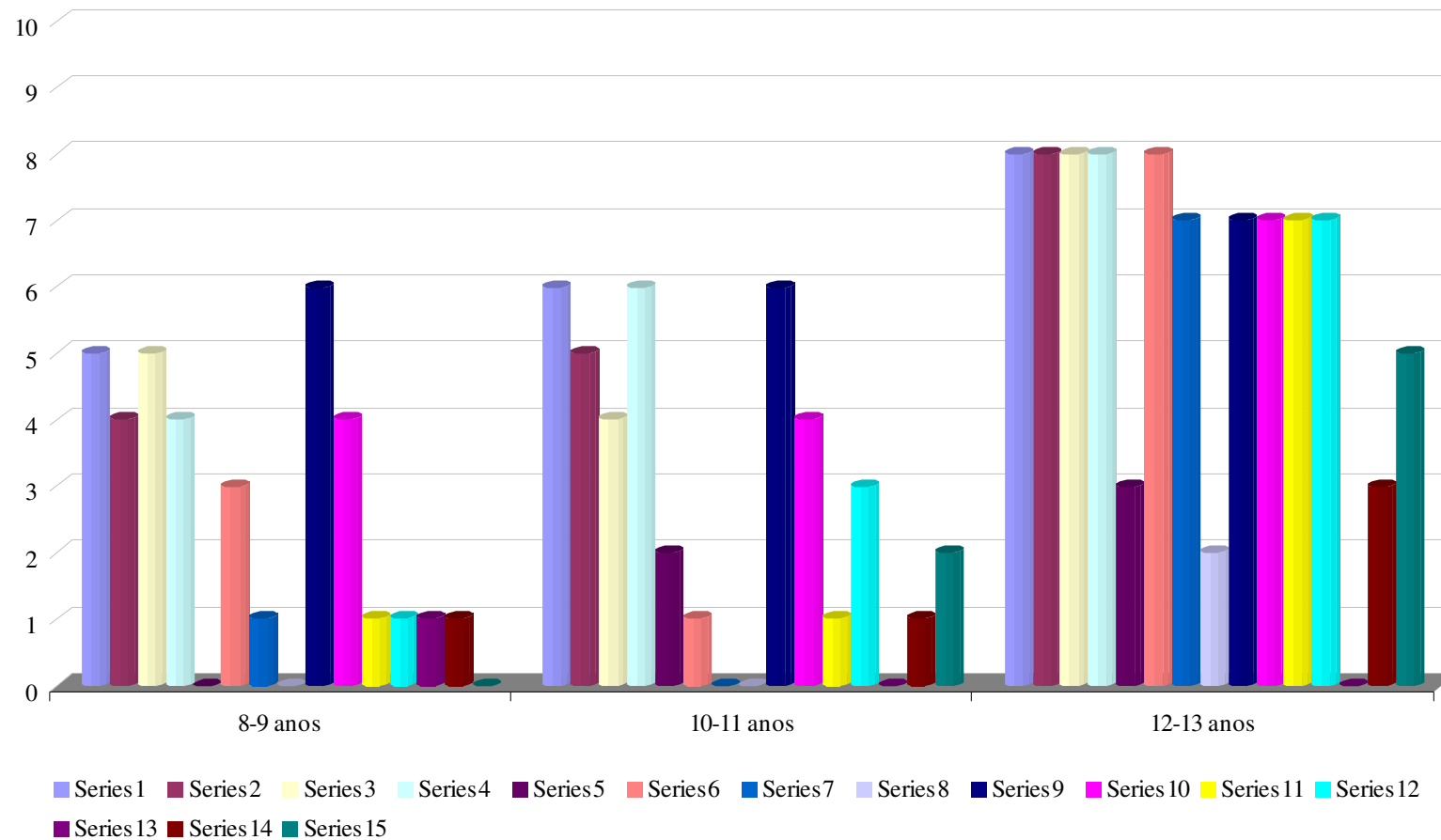


Figura 2 - Análise Gráfica do Quadro 7, por Idade



Quadro 8 - As Utilizações Online Associadas a Riscos pelos Inquiridos

Perguntas →	1*	2*	3*	4*	5*	6*	7*	8*	9*	10*	11*	12*	13*	14*	15*	Totais individuais
Entrevistados																
Júlia, 8 anos		X				X							NS		NS	2
Camila, 9 anos		X	X	X	XX			XX		X		X	X	X		9
Paulo, 10 anos			X		X			X		X			X	X		6
Luísa, 10 anos					X	X				X						3
Hugo, 10 anos		X	X	XX	XX					X			X	X		7
Patrícia, 10 anos			X	X	XX	X	XX			X		X				7
Diogo, 11 anos					X	XX		XX		X	X		XX	X	XX	8
Rafael, 11 anos	X				X	XX		XX		XX	XX	XX	XX	X	X	10
Cláudia, 12 anos		X	X	X	XX	X		X		X	XX		X	X		10
Francisco, 12 anos		X			XX	X		XX		X			XX			6
Margarida, 12 anos		XX.	XX	XX	XX	XX	X	XX	X	X			XX	X	X	12
Nuno, 12 anos		X	X			X		XX	X	X	NS	X			X	8
Marco, 13 anos		X			XX	X		X		X	X	X		XX	X	9
Isabel, 13 anos		X	X	XX	XX	XX.	X	XX	X	X	X		X	XX	X	13
André 13 anos	X				XX	X		XX	X	X			XX	XX		8
Laura, 13 anos			X		XX	X		X	XX		X	X		XX		8
Totais gerais	2	9	9	5	14	13	3	12	5	14	6	6	10	11	6	

***Legenda do Quadro 8 - As Utilizações Online Associadas a Riscos pelos Inquiridos**

- 1: Pesquisar informação como parte do meu trabalho da escola.
- 2: Pesquisar informação sobre assuntos que me interessam/Navegar por prazer.
- 3: Enviar e receber emails.
- 4: Usar o MSN/ Falar com os amigos por chat.
- 5: Entrar em chats abertos.
- 6: Criar o meu próprio blog/homepage e colocar os meus próprios textos, fotos, música na Internet.
- 7: Ler e responder aos blogs/homepages de amigos.
- 8: Ler e responder aos blogs/homepages de pessoas que nunca conheci.
- 9: Jogar jogos online.
- 10: Descarregar música, filmes, vídeos, jogos e outros ficheiros.
- 11: Partilhar ficheiros (música, filmes, vídeos, jogos ou outros).
- 12: Partilhar fotos.
- 13: Descarregar toques/imagens para o meu telemóvel.
- 14: Participar em concursos.
- 15: Fazer telefonemas através da Internet.

Figura 3 - Análise Gráfica do Quadro 8, por Género

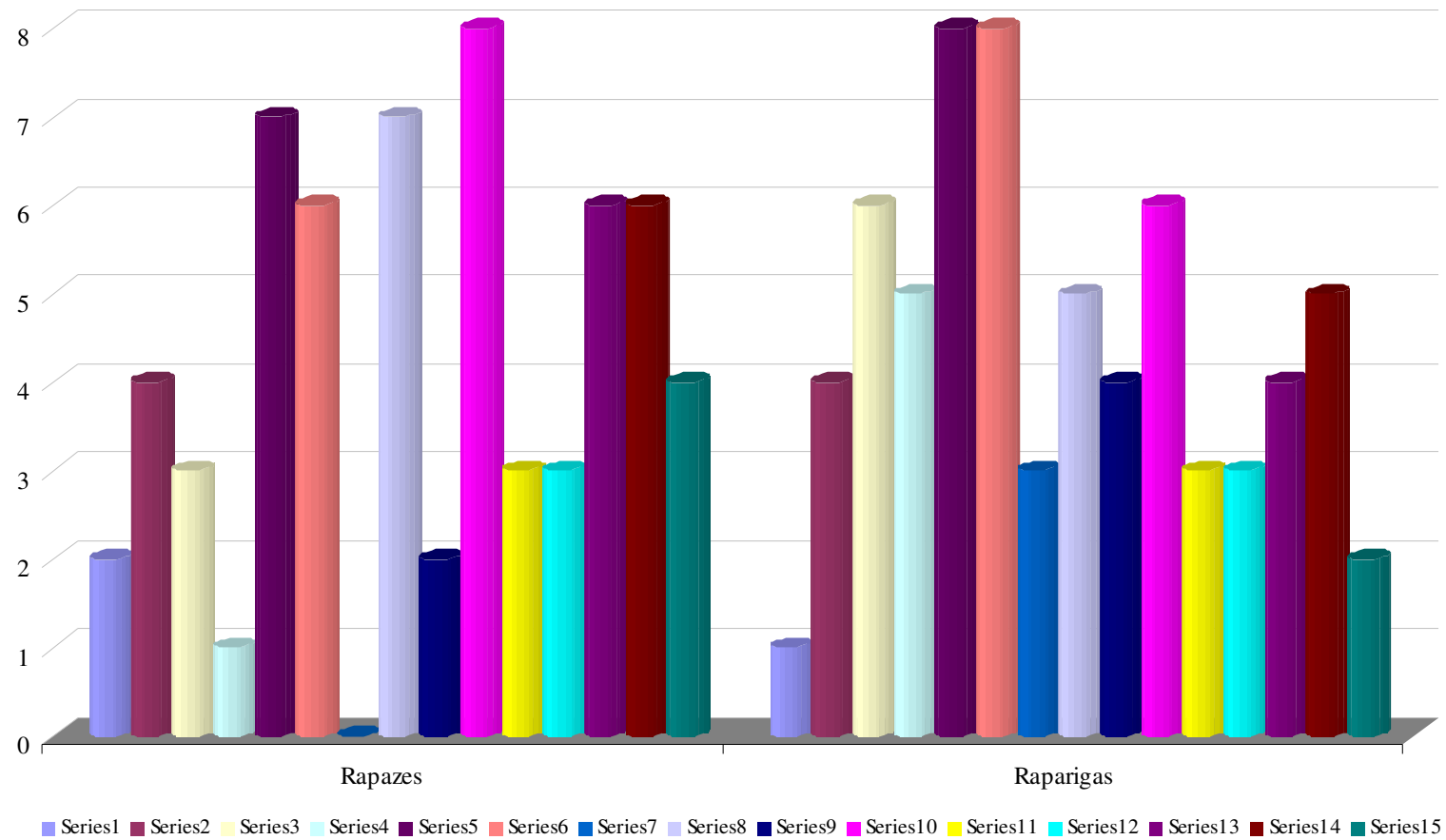
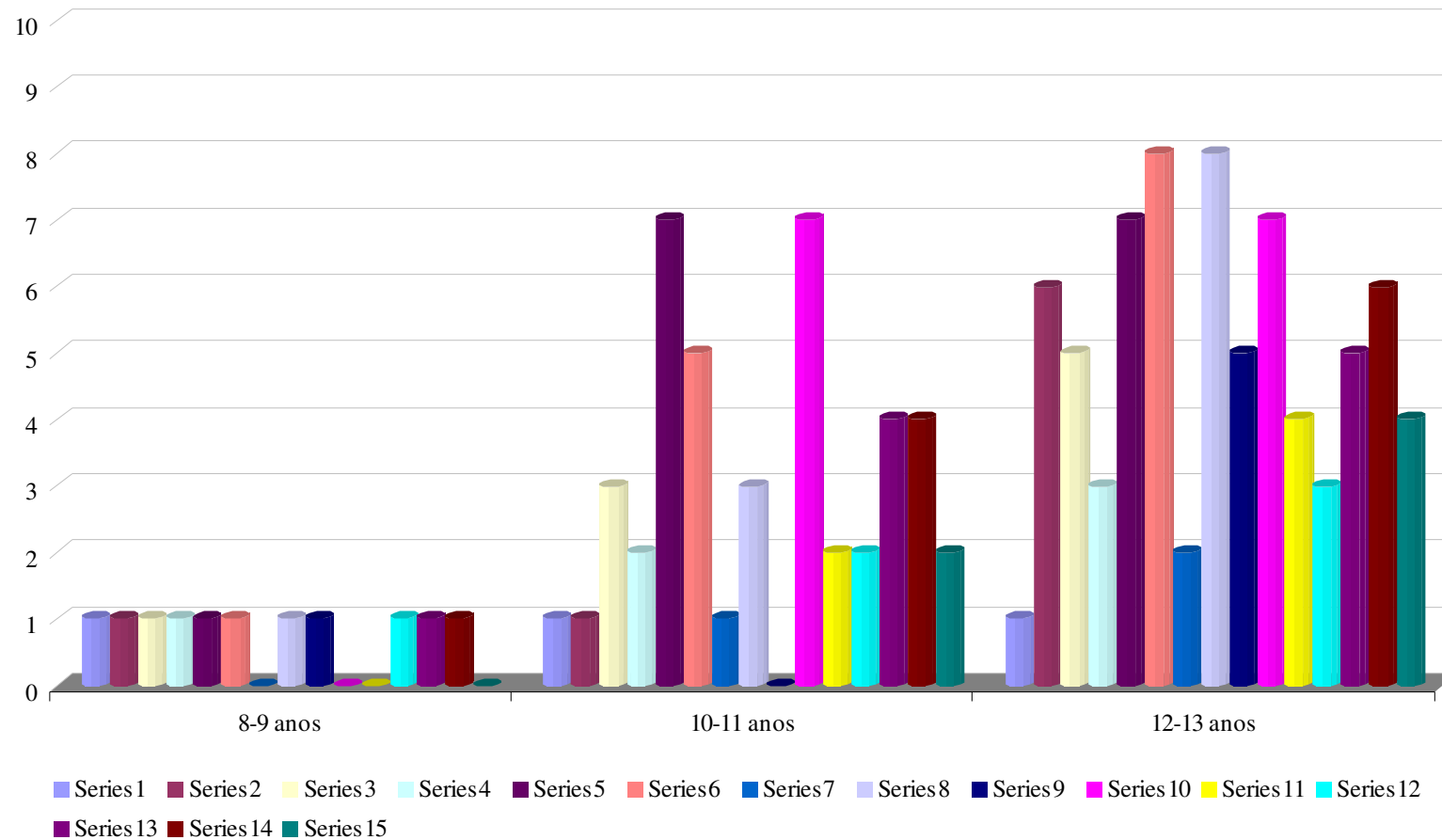


Figura 4 - Análise Gráfica do Quadro 8, por Idade



Sobres Riscos Específicos: *Phishing, Bullying/Stalking, Abuse*

Figura 5 – Pergunta 1 - Recebi no meu email uma mensagem de alguém que diz ser o Hotmail/ Live Messenger e que pede para eu confirmar a password que uso neste email.

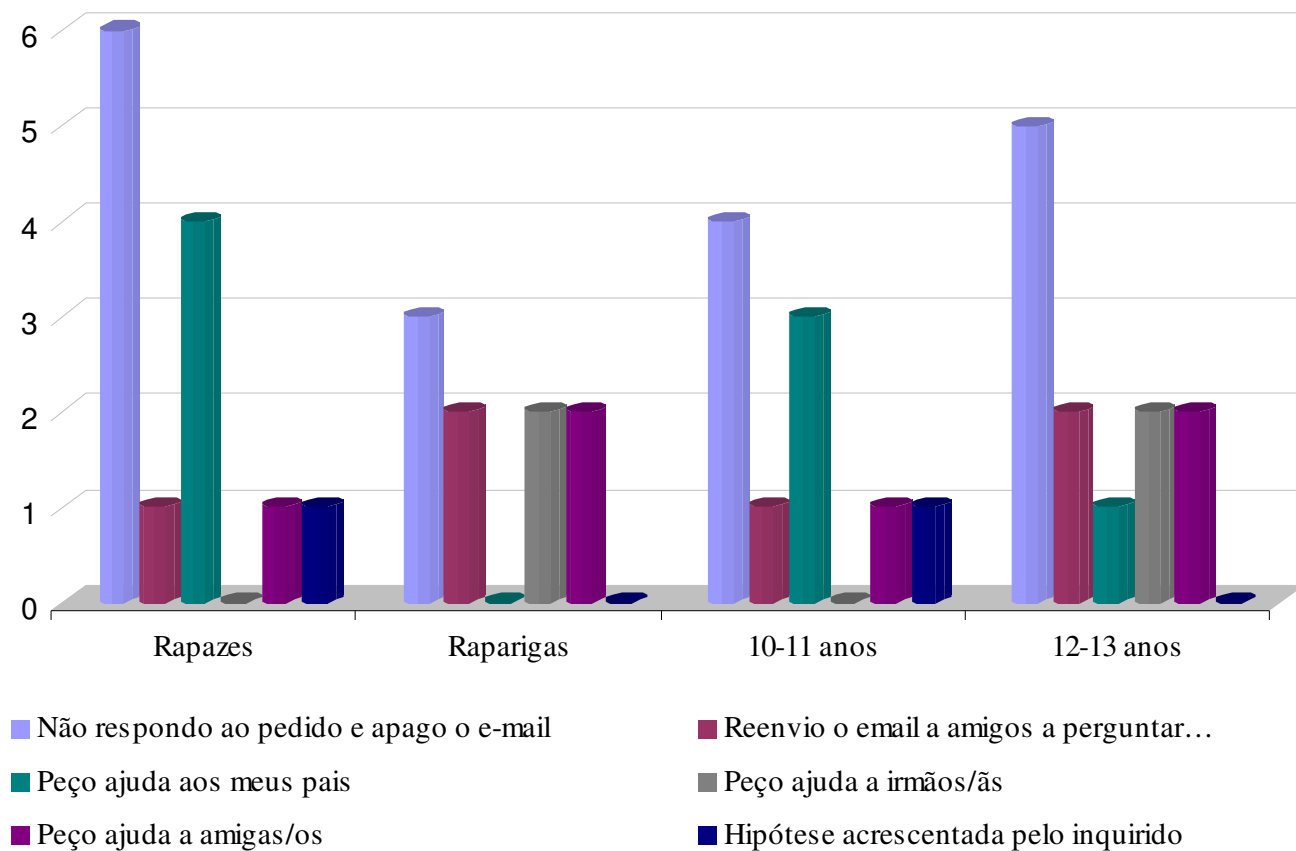


Figura 6 – Pergunta 2 – Há um amigo/a que conheci esta semana na Net, num chat de música. Ele enviou-me um email que contém apenas um ficheiro com o nome de TokioHotel_Live.ZIP.

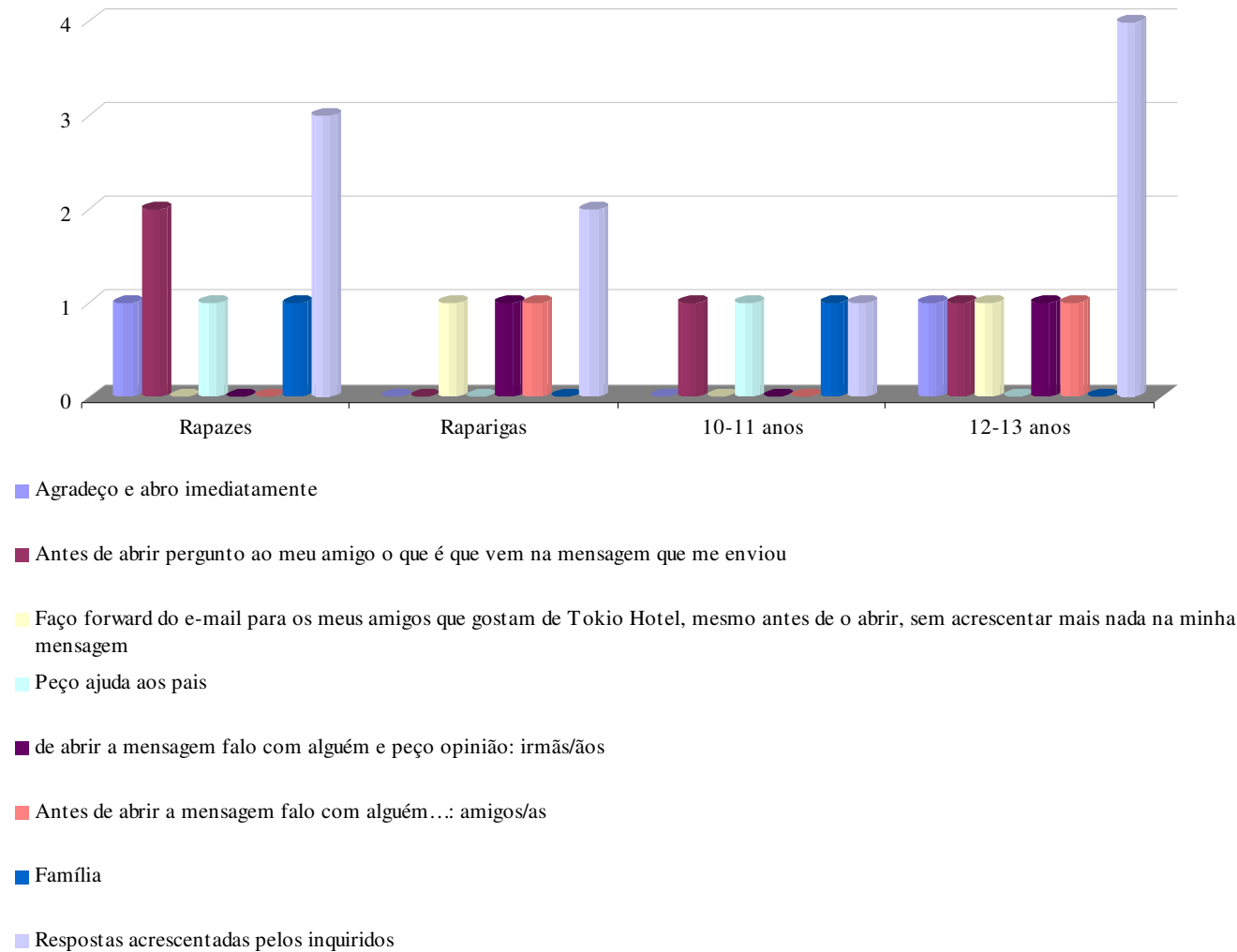


Figura 7 – Pergunta 3- Caso tenhas decidido abrir o email, descobres que em vez de um concerto dos Tokio Hotel encontras um filme com uma cena violenta ou algo desagradável que te deixa incomodado/a e pouco à vontade.

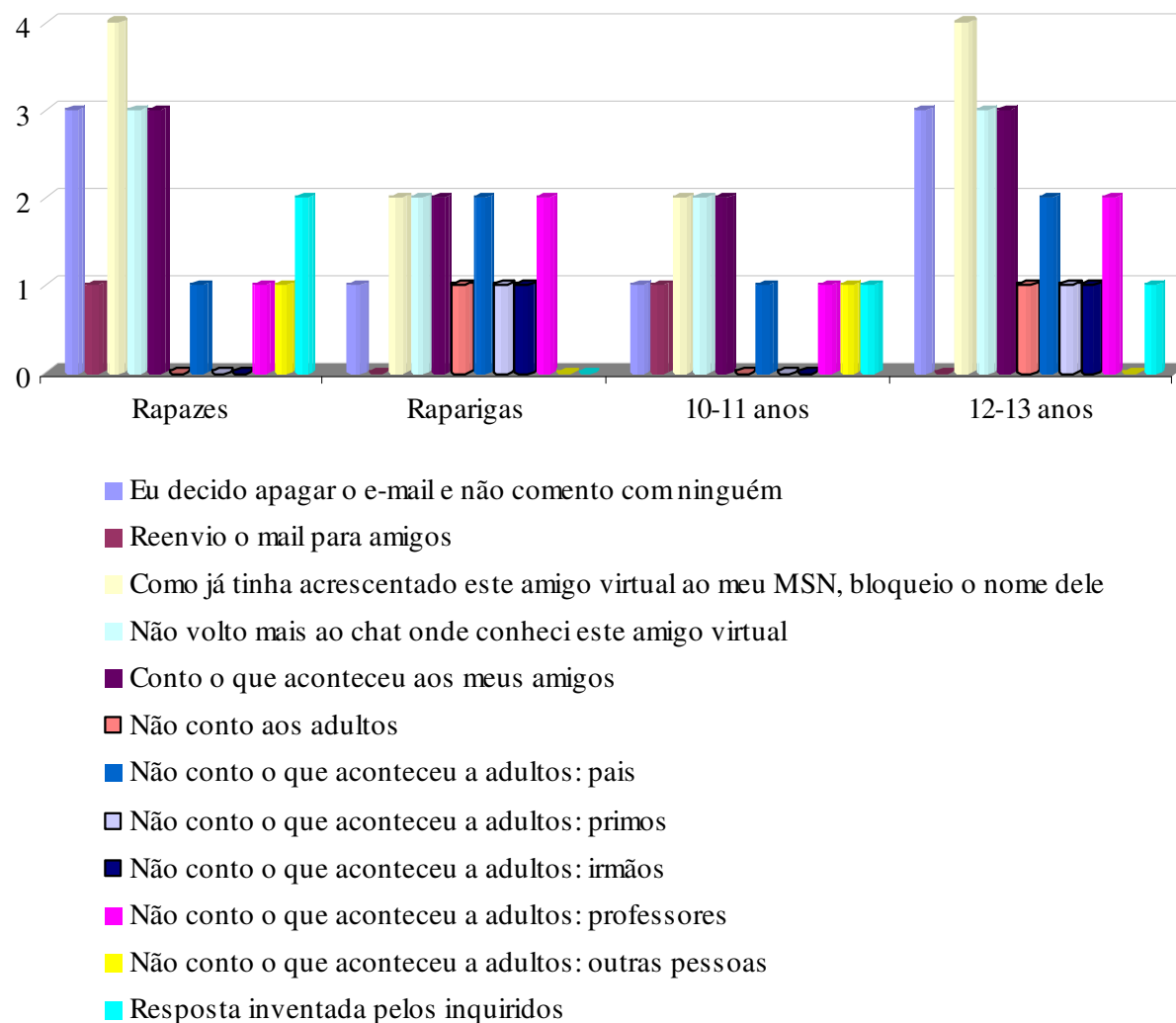
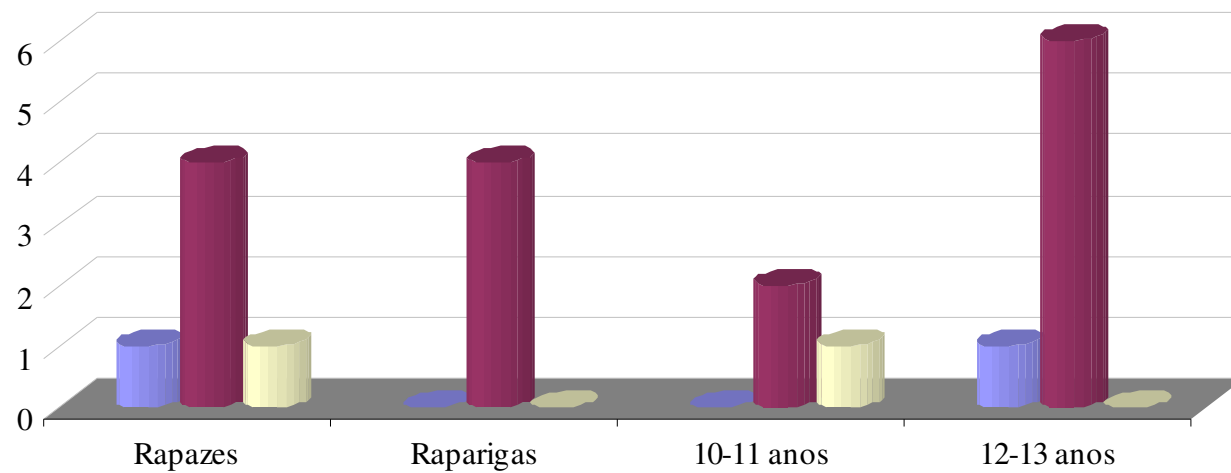


Figura 8 – Pergunta 4 - Um dos meus amigos que conheço apenas da Internet vai ao mesmo concerto que eu no fim-de-semana. Ele desafiou-me para irmos juntos.



■ Eu digo que preciso de falar com os meus pais primeiro para saber se me autorizam

■ Eu digo que não e agradeço

■ Outra hipótese acrescentada pelo inquirido: Ia, mas com alguém adulto conhecido para ver se não era uma armadilha

Figura 9 - Pergunta 5 - Uma colega minha com quem me aborreci a sério e com quem não quero mais falar, anda a mandar-me mails idiotas todos os dias só para me chatear ainda mais.

e pior que tudo: que ela diz que vai pôr no YOU TUBE uns filmes meus (que fizemos uma vez na brincadeira) para toda a gente ver e se rir de mim...

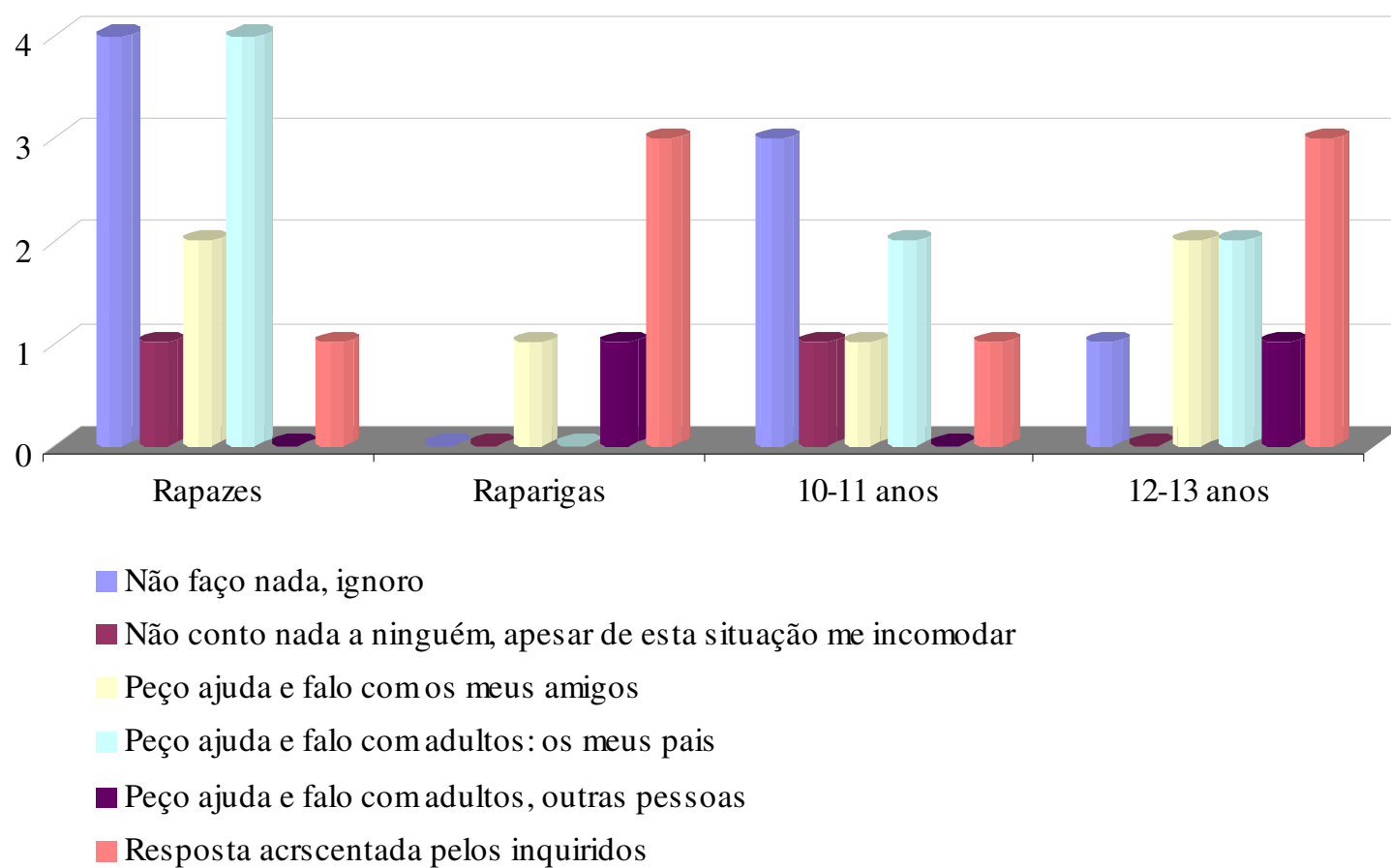


Figura 10 – Pergunta 6 - Há um amigo que conheci no Hi5 e que prometeu oferecer o que eu quisesse quando fosse lanchar com ele um dia destes.

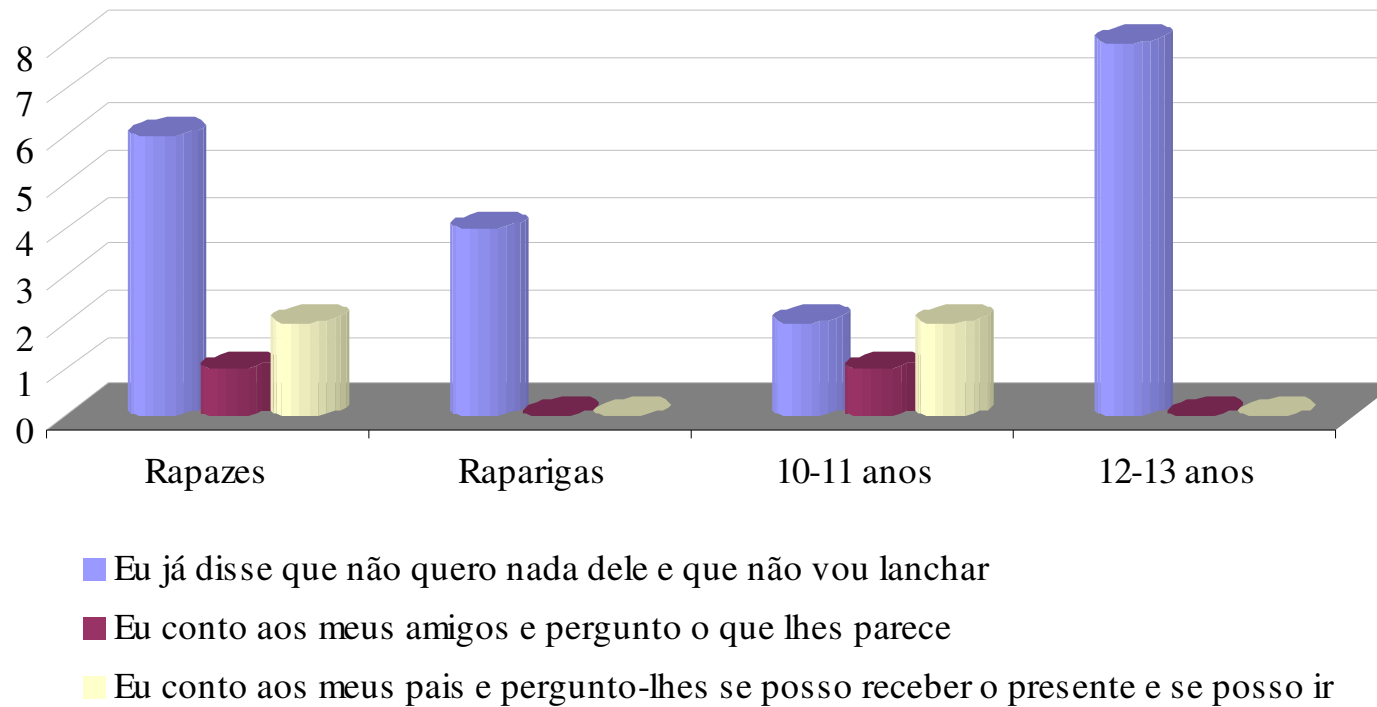


Figura 11 – Pergunta 7 - Há um amigo virtual que quase todos os dias faz comentários sem sentido a tudo o que eu ponho no meu Hi5 e não me deixa em paz.

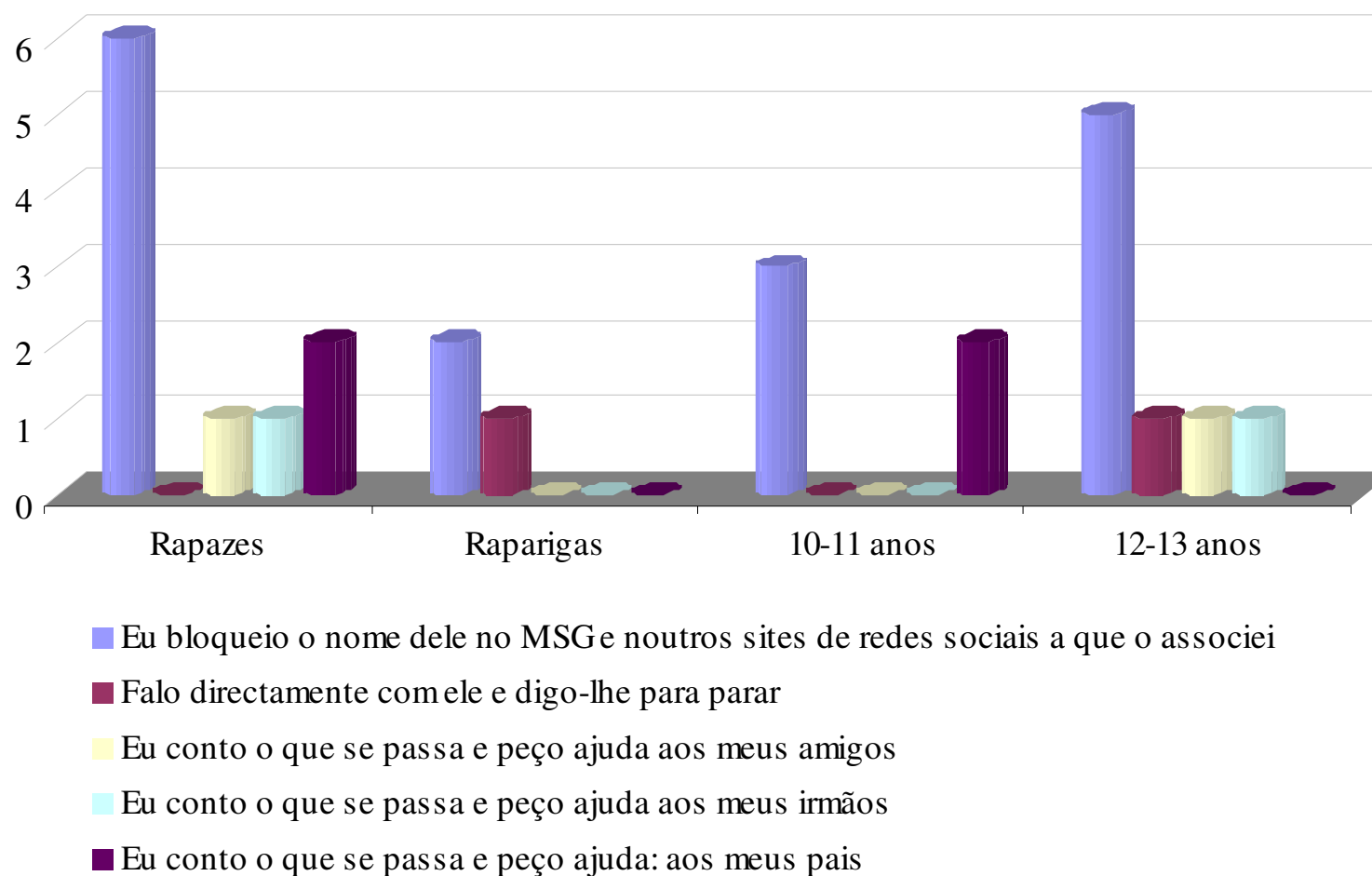
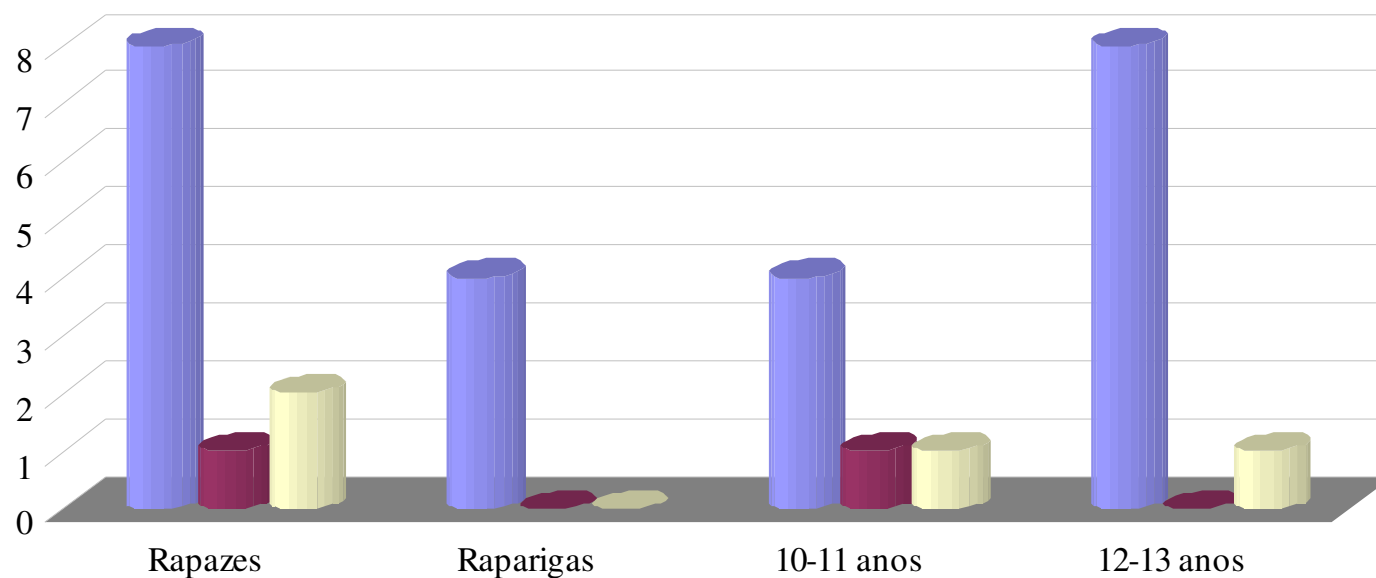


Figura 12 – Pergunta 8 - Ao navegar pelos meus sites favoritos aparece-me uma janela de repente:

“Abre e ganha agora um Iphone!!!”

Eu abro-a e tenho que inventar uma frase sobre a música do meu cantor favorito e preencher um formulário com o meu nome completo, morada completa, nº de cartão de crédito para pagar portes de correio, idade, gostos musicais, email e palavra-passe do email.

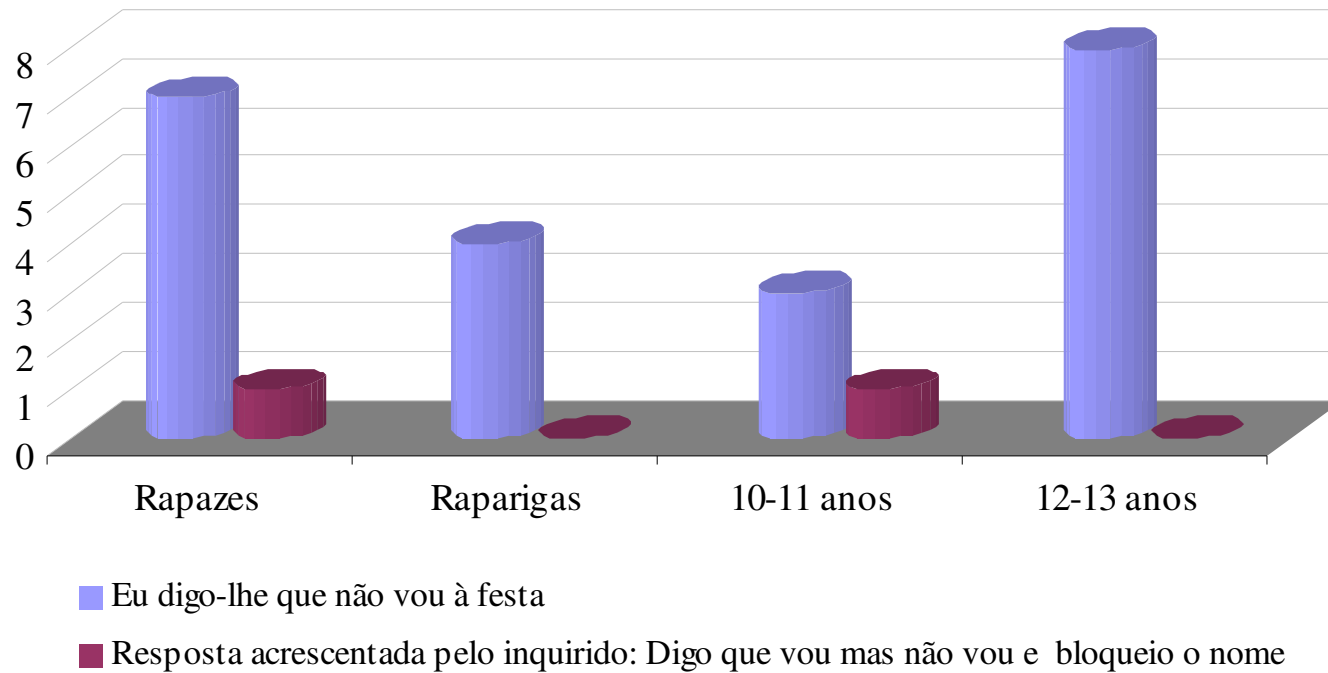


■ Eu ignoro e continuo a navegar pelos meus sites favoritos

■ Eu peço ajuda aos meus amigos que gostam do mesmo cantor que eu para escrever a melhor frase e dou todos os dados pedidos

■ Eu peço ajuda aos meus pais

Figura 13 – Pergunta 9 - Um amigo meu que só conheço da Internet convidou-me para a festa de anos dele quando falávamos numa sala privada num chat de moda.



Quadro 9 – Análise do Preenchimento de uma Inscrição no Hi5

Campos a preencher → Entrevistados	Interesses	Música preferida	Filmes preferidos	Programas de tv preferidos	Livros preferidos
Margarida, 12 anos	V	V	V	V	V
Cláudia, 12 anos	V	V	V	V	V
Francisco, 12 anos	V	V	V	V	V
Nuno, 12 anos	V	V	V	V	V
Marco, 13 anos	V	V	V	V	V
Isabel, 13 anos	F	V	F	F	F
André, 13 anos	V	V	V	V	V
Laura, 13 anos		V	V	V	

Quadro 10 – Elementos Básicos de Identificação Pessoal no Hi5

Campos a preencher → Entrevistados	Nome	Email	Password	Género	Data nascimento	Ocultar idade?	Língua
Margarida, 12 anos	V	SIM	SIM	V	F		V
Cláudia, 12 anos	V	SIM	SIM	V	V	SIM	V
Francisco, 12 anos	V	SIM	SIM	V	F		V
Nuno, 12 anos	F (apelido)	V	V	V			V
Marco, 13 anos	V	V	V	V	F		V
Isabel, 13 anos	V põe nome próprio e não põe apelido	V	V	V (mais à frente pôs F)	F		V
André, 13 anos	V	V	V	V	F		V
Laura, 13 anos	Põe apelido falso	F	F	F	F		F

Quadro 11 – Elementos de Identificação Pessoal: Coordenadas Geográficas

Campos a preencher → Entrevistados	País	Cidade	Endereço	Naturalidade	Todos podem ver naturalidade
Margarida, 12 anos	V	V	F		SIM
Cláudia, 12 anos	V	F	F	F	SIM
Francisco, 12 anos	V	V	V	F	
Nuno, 12 anos	V	V			
Marco, 13 anos	V	F	F	F	NÃO
Isabel, 13 anos	V	V	F		SIM
André, 13 anos	F	F	F		
Laura, 13 anos	F	V			

Quadro 12 – Elementos de Identificação Pessoal: Contactos

Campos a preencher → Entrevistados	Sobre mim	Fotografias 1	Email alternativo	Nome de utilizador de IM	Os meus amigos podem ver	Telemóvel
Margarida, 12 anos	V	V <i>Preencho mais tarde</i>	V	V	Sim	F
Cláudia, 12 anos	V	V	F	V	Sim	F
Francisco, 12 anos	Não escrevo nada	V	F	F		F
Nuno, 12 anos		V	F			F
Marco, 13 anos	V	V	F	F		F
Isabel, 13 anos		V	não ponho	V	Sim	não ponho
André, 13 anos		V	F	F		F
Laura, 13 anos		Não ponho			Não	

Quadro 13 – Definições para Ampliar ou Limitar o Acesso, a terceiros, aos Dados Pessoais no Perfil Hi5

Campos a preencher → Entrevistados	Definição de mensagens recebidas	Receber avisos de email	Definição de pedidos de amizade	Definição de comentários de perfil	Aceitação automática de comentários ao perfil enviados por:	Definição de comentários às fotos	Aceitação automática de comentários às fotos enviados por:	Descobre os teus amigos que estão registados no Hi5
Margarida, 12 anos	1) Receber de todos os utilizadores	1) Sim	1) Receber de todos os utilizadores	1) Receber de todos os utilizadores	1 Todos	1) Receber de todos os utilizadores	1) Todos os utilizadores	Não preencho
Cláudia, 12 anos	1) Receber de todos os utilizadores	1) Sim	1) Receber de todos os utilizadores	2) Receber apenas dos meus amigos directos	2) Apenas os meus amigos	2) Receber apenas dos meus amigos directos	3) Ninguém	Não
Francisco, 12 anos	2) Receber apenas dos meus amigos directos	1) Sim	1) Receber de todos os utilizadores		1) Todos	2) Receber apenas dos meus amigos directos	2) Apenas dos meus amigos	Sim
Nuno, 12 anos	2) Receber	1) Sim	1) Receber de	2) Receber	2) Apenas os	2) Receber	2) Apenas dos	Sim

Crianças e Riscos Online

	apenas dos meus amigos directos		todos os utilizadores	apenas dos meus amigos directos	meus amigos	apenas dos meus amigos directos	meus amigos	
Marco, 13 anos	1) Receber de todos os utilizadores	1) Sim	1) Receber de todos os utilizadores	2) Receber apenas dos meus amigos directos	2) Apenas os meus amigos	2) Receber apenas dos meus amigos directos	2) Apenas dos meus amigos	Não preenche
Isabel, 13 anos	1) Receber de todos os utilizadores	1) Sim	1) Receber de todos os utilizadores	1) Receber de todos os utilizadores	1) Todos	1) Receber de todos os utilizadores	1) Todos os utilizadores	Não percebo
André, 13 anos	1) Receber de todos os utilizadores	2) Não	1) Receber de todos os utilizadores	1) Receber de todos os utilizadores	1) Todos	1) Receber de todos os utilizadores	1) Todos os utilizadores	Preenche
Laura, 13 anos	3) Não permitir que me enviem mensagens	1) Sim	2) Não permitir que me enviem pedidos de amizade	2) Receber apenas dos meus amigos directos	2) Apenas os meus amigos	3) Não permitir que me enviem comentários às fotos	3) Ninguém	Não preenche